



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

**O Tronco Linguístico Brême e seus Subgrupos Étnicos Pepéis,
Manjacos e Mancanhas: Afinidades e diferenças**

ANTONIO ABIPINTE TÉ

Redenção - CE

2019

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA

AFRO-BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES

BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**O Tronco Linguístico Brême e seus Subgrupos Étnicos Pepéis,
Manjacos e Mancanhas: Afinidades e diferenças**

ANTONIO ABIPINTE TÉ

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Professor Doutor Carlos Subuhana

Redenção - CE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

té, António Abipinte.

T245t

O Tronco Linguístico Brâme e seus Subgrupos Étnicos Pepéis,
Manjacos e Mancanhas: Afinidades e diferenças / António Abipinte
tê. - Redenção, 2019.
98 Of: il.

Monografia - Curso de Antropologia, Instituto De Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Subuhana.

1. etnia, tribo. 2. iniciação, ritos. 3. casamento e
cerimônias. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 000

ANTONIO ABIPINTE TÉ

**O Tronco Linguístico Brême e seus Subgrupos Étnicos Pepéis,
Manjacos e Mancanhas: Afinidades e diferenças**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Redenção – CE, 12 de 04 de 2019

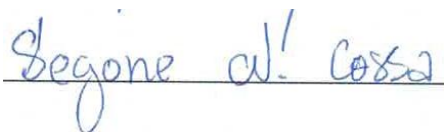
BANCA EXAMINADORA



ORIENTADOR: Professor Doutor Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Professor Doutor Luís Tomás Domingos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Professor Doutor Segone Ndangalila Cossa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus irmãos e irmãs, aos tios, sobrinhos e a toda a família, pelo carinho e apoio, tanto financeiro como moral, que me têm dado durante a minha trajetória de vida acadêmica, pois sem este suporte não teria chegado até aqui. Vocês merecem minha estima e carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e aos meus ancestrais. Aos meus pais (*in memoriam*) Abipinte Te (Abapir) e Rosa Cá (Banbosinqui) meus sinceros agradecimentos, principalmente pela educação que deles recebi. Agradeço a todos os meus irmãos, em especial à minha irmã Ana Cá (M'bombo), uma guerreira.

Meu agradecimento especial vai para a Professora Dra. Carla Susana, que além de ter me ajudado bastante no meu crescimento acadêmico, como minha orientadora fez tudo por mim, indicando livros, textos e artigos científicos. Pela dedicação e disponibilidade de seu tempo para os nossos encontros de orientação, pela sua paciência, compreensão, confiança e vontade de ensinar, merece meus agradecimentos. Também não posso esquecer de endereçar meus agradecimentos ao ilustre professor Dr. Carlos Subuhana pela orientação, dedicação, paciência e compreensão durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço ao Domingos Djú, um amigo com o qual resido em Acarape/CE desde que chegamos no Brasil. Esses agradecimentos se estendem aos meus colegas do curso de Antropologia e aos companheiros do mesmo edital de seleção de estudantes estrangeiros da UNILAB (PSEE - 2013.3). Agradeço também ao Francy Viera, pelo incentivo e apoio financeiro constante aqui no Brasil.

EPÍGRAFE

Proverbio africano: "Você pode matar a identidade de um homem na terra, mas nunca pode matar seu espírito". (Delémo de Jesus Djaf).

“Há momento oportuno para se adquirir o saber tradicional, pois não é de qualquer maneira que se revelam os segredos. Existem local, período e ritual adequado para se iniciar no conhecimento tradicional” (Antonio Abipinte Té)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC), tem como objetivo geral comparar os três subgrupos etnolinguísticos do tronco Brâme de Guiné-Bissau, a saber: Pepel, Manjaco e Mancanha. A escolha do tema se baseou na necessidade de conhecer de perto estes grupos étnicos de um dos quais faço parte, conhecer a realidade no processo de ritos de passagem tais como *fanado*, casamento, ritos funerais e heranças, e saber qual é a sua importância e o seu impacto nas sociedades tradicionais. As principais questões teóricas deste trabalho são etnia, iniciação, ritos, casamento e cerimônias. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. Os materiais aqui foram coletados através das leituras de livros, artigos, monografias e revistas, como a revista Soronda do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) da Guiné-Bissau. Esses materiais nos ajudaram a entender o processo ritual destes grupos. Conclui-se, a partir deste estudo, que estes rituais são de extrema importância na vida em sociedade destes grupos étnicos guineenses.

Palavras-chave: etnia, tribo, iniciação, ritos, casamento e cerimônias.

ABSTRACT

The aim of this study is to compare the three ethnolinguisticsubgroups of the Brâme trunk of Guinea-Bissau, namely Pepel, Manjaco and Mancanha. The choice of theme was based on the need to know closely these ethnic groups of which I am a part, to know the reality in the process of rites of passage such as *fanado*, marriage, funeral rites and inheritances, and to know its importance and impact on traditional societies. The main theoretical issues of this work are ethnicity, initiation, rites, marriage and ceremonies. This is a qualitative research. The materials here were collected through readings, books, articles, monographs and magazines, such as the Soronda magazine of Guinea- Bissau's National Institute of Studies and Research (INEP). These materials helped us to understand the ritual process of these groups. It is concluded from this study that these rituals are extremely important in the life in society of these Guinean ethnic groups.

Keywords: ethnicity, initiation, rites, marriage and ceremonies.

RÉSUMÉ

Le but de cette étude est de comparer les trois sous-groupes ethnolinguistiques du tronç de Brâme en Guinée-Bissau, à savoir Pepel, Manjaco et Mancanha. Le choix du thème est né du besoin de connaître de près ces groupes ethniques dont je fais partie, de connaître la réalité du processus des rites de passage comme *fanado*, du mariage, des rites funéraires et du patrimoine, et de connaître son importance et le leur impact sur les sociétés traditionnelles. Les principales questions théoriques de ce travail sont l'ethnicité, l'initiation, les rites, le mariage et les cérémonies. Ceci est une recherche qualitative. Les documents ici ont été rassemblés à travers des lectures de livres, des articles, des monographies et des revues, telles que la revue Soronda de l'Institut national d'études et de recherche de Guinée-Bissau (INEP). Ces matériaux nous ont aidés à comprendre le processus ritualiste de ces groupes. Il ressort de cette étude que ces rituels sont extrêmement importants dans la vie en société de ces groupes ethniques guinéens.

Mots-clés: ethnie, tribu, initiation, rites, mariage et cérémonies.

SUMÁRIO

SESSÃO 1: INTRODUÇÃO	13
Introdução	13
Discussão teórica	14
Metodologia	27
SEÇÃO 2: GUINÉ-BISSAU	32
2.1 História e contextualização da Guiné-Bissau	32
2.2 Origem de palavra Guiné	32
2.3 Origem de palavra Bissau	33
2.4 Superfície total da Guiné-Bissau	34
2.5 Composição da sociedade Guineense	38
2.6 Família e Funcionamento	40
SESSÃO 3: OS BRAMES E SEUS TRONCOS: PEPÉIS, MANJACOS E MANCANHAS	43
3.1 Origem dos Brâmes ou Papeis, Manjacos e dos Mancanhas	43
3.2 Origem dos Mancanhas	46
3.3 Origem dos Pepéis	48
3.4 Origem dos Manjacos	50
3.5 Fases etárias ou classes de idades dos Brâmes: Pepel, Manjacos e Mancanhas	51
3.5.1 A classe infantil	52
3.5.2 A classe impúbere	53
3.5.3 A classe de adolescente	53
3.5.4 A classe adulta	53
3.5.5 A classe dos anciões	53
3.6 O rito de <i>fanado</i> ou da circuncisão masculina	54
3.6.1 Afinal, o que é <i>fanado</i> ?	55
3.6.2 Casamento	58
3.6.3 Importância do casamento	61
3.6.4 Práticas Religiosas e Religião	62

3.7 A organização social e política	65
SESSÃO 4: A MORTE E A FORMA DE TRATAMENTO DO CADÁVER	68
4.1 Os Pepéis	70
4.2 Os Manjacos	73
4.3 Mancanhas	75
4.4 Forma de sepultura entre os Brâmes	76
4.4.1 Forma de manifestação de luto	76
4.4.2 Semelhança	77
4.5 Forma de herança ou secessão do trono	78
4.5.1 As regras a que obedece a sucessão do trono	80
4.5.2 Manjacos	82
4.5.3 Tomada de posse e/ou sucessão do trono	84
4.5.4 Herança para os Mancanhas e seus critérios	85
4.5.5 A sucessão ao trono	88
4.6 Estrutura social	89
4.6.1 O régulo (<i>prsi</i>)	89
4.6.2 O régulo-adjunto	90
4.6.3 Os <i>Bandjanhãs</i>	90
4.6.4 Os <i>Bansughãs</i>	91
4.6.5 O povo	91
4.7 Reflexões	92
CONCLUSÃO	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

SEÇÃO 1: INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral comparar os três grupos etnolinguísticos do tronco Brâme¹ de Guiné-Bissau, a saber: Pepel, Manjaco e Mancanha. Interessa-nos perceber suas práticas rituais e religiosas no contexto tradicional e averiguar os significados do *fanado*², casamento, ritos funerários (tratamento de cadáver) e herança, de cada ou o que eles têm em comum, o que um faz e o outro não faz, bem como a importância e simbolismos desses ritos de passagem para os grupos étnicos citados.

Sendo da etnia Pepel, a escolha do tema se deve à necessidade de conhecer de perto as minhas origens, as normas tradicionais que regem os sistemas sociopolíticos e culturais dos grupos étnicos do tronco Brâmes (Pepel, Manjaco e Mancanha), desde *fanado*, casamento, sistema de herança ou sucessão e ritos funerários. Interessa-nos saber a importância de realizar esses rituais. Por outro lado, queremos saber o que é que acontece com os indivíduos desses grupos étnicos, caso os mesmos não passem pelos processos rituais citados, seja em vida ou após a morte.

Os dados coletados para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se relacionam: i) à importância do ritual de *fanado* e casamento e à causa de tanta valorização desses dois processos rituais; ii) à importância do cadáver ser embrulhado por muitos panos durante o processo do ritual funerário; iii) ao porquê do *toka tchur*³ de uma

¹ **Brâmes** é o nome utilizado antigamente antes da chegada dos portugueses no território guineense para denominar os três grupos étnicos, nesta casa, **Manjaco**, **Pepel** e **Mancanha**. Há várias formas de denominar estes grupos, eram *Buramos*, *Bram*, *Burâmes*. Mas nós aqui vamos utilizar **Brâmes** para referir a **Pepel**, **Manjaco** e **Mancanha**. E de salientar que os **Mancanhas** também são chamados de *Brames*, *Bran*, nós vamos utilizar outro nome dos **Mancanhas** por *Brâmes*, quando é **Brâmes** é para referir três grupos étnicos quando é *Brâmes* é para referir os **Mancanhas**. **Pepel** é a forma de denominar um dos grupos étnicos da Guiné-Bissau, há várias denominação do *Pepel*, são, *Pepel*, *Papel*, *Pepél* no singular. No plural *Pepéis*, *Papeis*, *Pepéis* e *Pepelis* (em crioulo). Mas, nós aqui vamos utilizar **Pepel** no singular e **Pepéis** no plural.

² *Fanado*, é um ritual de iniciação que prepara os jovens e as jovens para uma vida adulta, após se realizar esse ritual passa à responsabilidade social, ao contato com os seus antepassados e à habilidade de continuar a cultura do próprio povo. *Botadur di fanado*, é termo de designar a circuncisão ou excisão de órgão genital em alguns países especialmente os da África, tanto para os homens e como para as mulheres, na tradição (barraca) tanto também no hospital.

³ *Toka tchur* é o cumprimento da cerimônia e as festas em recordação da pessoa já falecida há algum tempo atrás, pode ser também logo em seguida após a morte para acompanhar a sua alma no outro mundo. Essa cerimônia é feita através de toque é tambor e *bombolom*. **Bombolom** é espécie de tambor, mas é feito de tronco de oco de árvore, utilizado nas cerimônias para transmitir as mensagens de uma aldeia a outra, é a

pessoa casada ser diferenciado do da pessoa solteira; iv) ao porquê do *toka tchur* de uma pessoa velha e/ou da terceira idade ser visto como uma festa e não o *toka tchur* de uma pessoa jovem; v) à importância da herança e da legitimidade de se herdar e o papel do ‘régulo’ entre os Brâmes.

Acreditamos que este trabalho seja de grande relevância acadêmica e social, pois os temas aqui tratados farão com que novas gerações, sejam elas Brâmes ou guineenses de uma forma geral, tenham conhecimentos sobre práticas e normas tradicionais que regem os sistemas sociopolíticos e culturais dos grupos étnicos do tronco Brâmes (Pepel, Manjaco e Mancanha), desde *fanado*, casamento, sistema de herança ou sucessão, e ritos funerárias.

Discussão teórica

As principais questões teóricas deste trabalho são: etnia, etnicidade, nação, tradição, rituais e seus simbolismos. Outros temas, como ritos de passagem, herança, cultura, tradição, sociedade, entre outros, serão abordados a partir das questões principais.

Etnia

Etnia é um conceito muito amplo e tem várias formas de definição, interpretação e entendimento. Etnia pode ser comparada relativamente a uma nação ou mais de uma nação, é uma sociedade definida com sua língua, que tem os seus espaços territoriais bem definidos, através de suas práticas culturais, comportamentais, rituais, diferente dos outros grupos sociais. A percepção de grupos étnicos pode ser diferente dentro de um mesmo país ou continente. A forma como a Europa interpreta, vê ou percebe grupos étnicos é diferente da África, Ásia ou até mesmo da América, apesar de ser o mesmo conceito e/ou categoria de análise. Grupo étnico está ligado à questão de solidariedade,

forma de comunicação antigamente nos alguns grupos étnicos da Guiné-Bissau. Se alguém morrer numa aldeia eles fazem toque desse *bombolom* e quando outras pessoas de outra aldeia ouvir esse toque já vão saber que alguém morreu, tal indivíduo na casa tal, tal pessoa morreu. É toque também de festejar qualquer cultura e cerimônia. A comunidade consegue se identificar e sabe do que trata dos sons de *bombolom* se é toque de choro, ou de festejar cultura, ou de comunicado do régulo (rei). Porque antigamente não tinha esse meio de comunicação como telefone, emissora de rádio ou televisão e internet. Então essa é a forma de eles se comunicarem através desse objeto.

união e/ou comunhão, respeito de princípio morais e à ética que regulariza um espaço territorial ou do país.

Segundo Catherine Coquéry-Vidrovitch (*apud* CHICHAVA, 2008), o conceito de etnia teria aparecido pela primeira vez no vocabulário científico por volta de 1787. Nessa altura, tinha uma conotação religiosa, significando ‘pagão’, em oposição ao cristão ou ao judeu. Com a emergência do imperialismo colonial nos finais do século XIX, o conceito vai mudar de sentido, passando a designar os povos ou sociedades consideradas primitivas ou pré-industriais, em oposição às sociedades ocidentais ou evoluídas. A partir desse ponto, a tribo ou etnia, em oposição à nação — fenómeno então tido como tipicamente ocidental — foi considerada como um fenómeno africano, onde os respectivos povos não teriam consciência da sua unidade nem vontade de viver em conjunto. (CHICHAVA, 2008, p.2).

Segundo Carlos Lopes (1999), etnia é um denominador comum que define os critérios da língua, espaço, valores, um nome de uma descendência comum e de pertença ao mesmo espaço. Trata-se de um conceito que equivale à nação, isso no contexto europeu. Ainda segundo Lopes, o grupo étnico se concentra principalmente no comportamento das pessoas que pertencem a uma única entidade idêntica. Para POUTINGNAT & STREIFF-FENART, 2011 (*apud* Dabana Namone 2014), o conceito de étnica ou identidade étnica surgiu por meio da trajetória de grandes transformações na segunda metade do século XX. Etnia define o conjunto de traços culturais, tais como crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, práticas de vestuário ou culinária, etc., e estes conjuntos de transformações são repassados de geração para geração num determinado grupo social. Essas entidades trabalham em grupos e também estabelecem os limites de fronteira para definir ou defender os seus integrantes nos seus territórios. Ramiro Delgado Salazar (1991), por sua vez, afirma que etnia é a diversidade, pluralidade e diferença dos indivíduos. Ainda segundo o autor citado, este termo designa uma população homogênea, reagrupação de pessoas, trações socioculturais, aproximação.

Lopes (1999) diz que a etnia teria sido uma invenção europeia. Ela é vista como uma entidade estática pelos exploradores europeus e pelos primeiros etnógrafos no continente africano. Etnia é um conjunto de diversos agrupamentos humanos, com seus limites de espaços geográficos, onde podem ser encontradas as línguas que as identificam. Nesta invenção de etnia pelos europeus no continente africano encontram-se as línguas

que diferenciam estes grupos étnicos dos outros. Na Guiné-Bissau, por exemplo, diz-se que este ou aquele ‘chão’ (território) pertence aos Balanta, Pepel, Manjaco, Mandiga etc. Para Salazar (1991), o conceito étnico é uma elaboração das ciências sociais e para os colonizadores um plano estratégico, seja na África ou em outros espaços colonizados, para facilitar a exploração, com a justificativa de que os africanos e demais colonizados são inferiores e que os colonizadores autodeclarados superiores, estão aptos a colonizar, reinar e dominar.

Ecyla Saluy Moreira Borges (2009) mostra que o grupo étnico é muito amplo, é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e genéticas. Perante estas características destas comunidades, são definidos seus territórios, suas estruturas sociais, políticas, o sistema e as normas que regem seus espaços socioculturais.

Para Paula Pinto (2009), o grupo étnico ou etnias são grupos de indivíduos ligados por características comuns, como língua, história, política, religião, normas sociais, mesma tradição, processos rituais próprios, grupos de pessoas que têm como base crenças de seus ancestrais, que compartilham os mesmos mitos, memórias históricas e origem geográfica no sentido de solidariedade da comunidade. Grupos diferenciados dos outros através de suas práticas socioculturais, linguísticas e valores sociais.

Existem várias formas de definição do conceito etnia. Segundo Mamadú Jao (1995), etnias são grupos fechados de pessoas descendentes de um ancestral comum, ou seja, descendente de uma mesma origem, com traços culturais parecidos, que falam a mesma língua, um único sistema político, compartilham os mesmos costumes e valores.

Nicolas (*apud* JAO, 1995) define a etnia como sendo “um conjunto social relativamente fechado e durável, enraizado num passado de carácter mais ou menos mítico. Este grupo possui um nome, costumes, valores e geralmente uma língua que lhe são próprios. Ele afirma-se como diferentes dos seus vizinhos”. Segundo F. Barth (*apud* JAO, 1995):

O termo grupo étnico serve em geral na literatura antropológica para designar uma população que: 1) tem uma autonomia de reprodução biológica, 2) partilha valores culturais fundamentais que se atualizam em formas que possuem uma unidade evidente, 3) constitui um campo de comunicação e de interação, 4) tem um modo de pertença que o distingue a si próprio e é distinguido pelo outro por constituir uma categoria distinta de outras categorias da mesma espécie. (BARTH *apud* JAO 1995, p.20/21).

O termo etnia é empregado na literatura antropológica para se referir aos grupos sociais diferentes de outros grupos através das suas práticas culturais e forma de viver. Segundo o Dicionário de Ciências Sociais (FGV, 1987), a etnia é mais ligada a um grupo étnico e cultural. No mesmo Dicionário salienta-se que alguns autores entendem a etnia como tendo uma base biológica, um grupo com características raciais próprias. Por isso, uma etnia pode ser definida como uma cultura e uma raça. O termo etnia pode ser usado como substituto de raça. Esses dois conceitos são sinônimos, ou seja, podem ser considerados como sinônimos. No que se refere à raça, trata-se de um conceito ligado a uma questão fundamental exclusivamente biológica, enquanto que a etnia está mais ligada à base cultural e social, não tem uma definição ou uma diferença de características físicas.

Ainda segundo o Dicionário de Ciências Sociais (FGV, 1987), o termo etnia é o termo mais usado nas diferentes áreas das ciências sociais, mas sem uma explicação prévia, ou seja, é inexplicável por causa de sua ambiguidade, porque nunca tem uma conceituação bem elaborada ou definida. Este termo não se encontra nos dicionários e enciclopédias de ciências sociais, mas o seu sentido se emprega para qualificar os grupos étnicos. Por isso é muito difícil ter uma definição de etnia com maior rigor na área das ciências sociais.

Este mesmo dicionário descreve que o termo etnia é um termo imenso e é usado antes de ser propriamente definido. Desta forma, etnia serviu ao longo do tempo para denominar os povos que viviam à margem, as sociedades historicamente chamadas de primitivas, bárbaras, selvagens etc. A etnia é um termo que mais ou menos pode corresponder a uma noção perante a qualificação de um povo não civilizados. Um grupo étnico pode estar em mais de que um país, a exemplo das etnias Fulas e Mandingas, que podem ser encontrados em países como Guiné-Bissau, Guiné-Conacri e Mali. Os Felupes são encontrados na Guiné-Bissau e no Senegal, entre outros grupos étnicos africanos que pertencem a mais de um país.

Segundo o Dicionário de Ciências Sociais, etnia pode ser entendida da seguinte forma:

Atualmente, a classificação etnia se estende a praticamente todas as minorias que pretendem o direito de manter um modo de ser distintos; algumas delas, inclusive, reivindicam também sua independência política. Segundo G. Nicolas (op. Cit., p. 100), etnia é um termo que se aplica a certas formações marginais, que se colocam em oposição à cultura dominante, e dificilmente se fundem com a massa comum. É o caso dos bascos e dos bretões, para citar dois exemplos, que, em maior ou menor grau, reivindicam o direito de viver de

maneira distinta daquela que é prescrita pela sociedade dominante. De forma mais abrangente, contudo, “o termo etnia evoca geralmente a ideia de um grupo com dimensões reduzidas”. De forma mais abrangente, contudo, “o termo etnia evoca geralmente a ideia de um grupo com dimensões reduzidas, como uma tribo ou uma minoria no interior de um Estado”. (PREISWERK, R. & PERROT, D. apud FGV, 1987, p.436).

Kanbengele Munanga (1999) definiu o conceito de etnia como uma categoria social ou uma invenção social. Esta invenção social é a mesma quanto ao conceito da raça. A raça é um morfobiológico enquanto que a etnia é sociocultural, histórica e psicológica. Estas características são classificações de conjuntos de populações, ditas de raça ‘branca’, ‘negra’, ‘amarela’, estas caracterizações de população através das raças podem conter diversas etnias. Segundo Munanga (1999), uma etnia é caracterizada por conjuntos de caracteres que definem os indivíduos tais como: histórica ou mitologicamente, que têm ancestral comum; uma língua comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e habitam geograficamente um mesmo espaço e território.

Ainda segundo Munanga (1999), algumas etnias construíram uma nação sozinhas a exemplo de algumas sociedades africanas, brasileiras, indígenas, asiáticas, australianas etc. que foram etnias e ao mesmo tempo nações. No contexto africano, os grupos étnicos formaram as nações, os territórios geográficos africanos foram compartilhados e redistribuídos entre territórios coloniais durante a conferência de Berlim (1884-1885). Nesta divisão geográfica, no continente africano foram separados os mesmos grupos étnicos em territórios e nações diferentes. Exemplo disso é o antigo território da etnia Iorubá que se encontra dividido entre as repúblicas da Nigéria, Togo e Benim; também o antigo território de etnia Kongo está dividido hoje em República de Angola, Congo Kinshasa e Congo Brazaville; na Guiné-Bissau e Senegal os Felupes estão entre Senegal e Guiné-Bissau, os Mandingas e Fulas, são encontrados noutros países vizinhos, assim como outros grupos étnicos estão divididos entre vários outros países africanos de acordo com a redistribuição do continente africano.

Segundo Munanga, estes dois conceitos etnia e raça são atualmente ideologicamente manipulados. As vezes confundem a opinião pública e também os pesquisadores na elaboração destes conceitos. Raça e etnia são conceitos idealizados para discriminar e menosprezar certos grupos sociais. Para Munanga, etnia não é uma entidade estática e tem sua história, sua origem e sua evolução no tempo e no espaço geográfico, embora ela possa vir desaparecer em qualquer momento. Exemplo disso, na Guiné-

Bissau, há alguns grupos étnicos que já estão em via de “extinção”, outros já não existem mais. A etnia nasce e pode desaparecer em qualquer momento de acordo com a evolução da modernidade e a própria mistura interétnica num mesmo espaço e território.

Tribo

O conceito de ‘tribo’ é mais negativo e/ou pejorativo em relação ao grupo étnico. Trata-se de um grupo mais fechado, mais restrito, mais tradicional em relação à etnia e pode-se encontrar uma tribo dentro de um grupo étnico além de ser menor em termos geográficos. É um território dentro do território de etnia, assim podemos dizer. Segundo os autores consultados, ‘tribo’ e ‘etnia’ são termos similares, mas a grande diferença é que o termo ‘tribo’ é mais pejorativo em relação ao termo ‘etnia’.

‘Tribo’, segundo Lopes (1991), seria uma designação dos agrupamentos africanos, no sentido pejorativo, que têm como significado um arcaísmo histórico, pré-moderno, tipos de sociedade com clã e linhagens. O mesmo que acontece com a etnia, mas só que a tribo é mais abrangente. Para Evans-Pritchard (1993) tribo ou tribos são os grupos exclusivos tanto político como socialmente, que estão fora ou longe das relações dos indivíduos, que constituem uma unidade dentro dos seus limites no sistema tribal em seus territórios, onde prevalece o clã, estrutura segmentada, uma união para enfrentar a sua integridade física ou seja, proteger os seus espaços. Enfim, trata-se de um grupo definido por um nome e destino comuns.

Ainda segundo Evans-Pritchard, a tribo não passa também de uma invenção pejorativa para menosprezar certos grupos sociais, ou seja, é palavra mais pejorativa do que etnia. Ou seja, esta palavra é definida como um nome coletivo e distinto. De acordo com Evans-Pritchard (1993), ‘tribos’ têm várias características comuns, desde território, sentimentos, obrigações morais, união em defesa, entre outros. Dentro de tribo existe também um clã dominante, o mais importante, o que detém o poder de reinar e a sucessão. Evans-Pritchard destaca que “As tribos são, dessa maneira, grupos exclusivos politicamente, mas não correspondem exatamente à esfera de relações sociais de um indivíduo, embora essa esfera tenda a seguir as linhas de divisão política” (EVANS-PRITCHARD, 1993, P. 123/137).

Segundo Salazar (1991), etnia, tribo e nação têm a mesma implícita noção de espaço que limita o território próprio e alheio:

“Etnia”, “tribo” e “nação” contêm implícita a nação de espaço; o conceito de espaço com limites definidos está em relação com o território próprio e alheio. O espaço étnico se define a partir do lugar até onde a reciprocidade vai do positivo ao negativo – em relação ao ponto no qual o meu vizinho não é do meu grupo, mas é o meu inimigo.” (SALAZAR, 1991, p. 75).

O tribalismo é como se fosse uma ferramenta de manipular as identidades étnicas para beneficiar outros grupos, mas também não pode ser visto como algo negativo, pode construir uma junção de reivindicação popular, às vezes provoca paixão do comum. É um termo que parece ser mais utilizado por certas pessoas ou grupos para dominar outros. Pode gerar preconceitos em relação a certos grupos étnicos: eu não pertenço ao seu grupo étnico, ou você não pertence ao meu grupo, por exemplo. (CHICHAVA, 2008).

De acordo com as leituras que fizemos, pudemos perceber que tribo é uma parte de etnia que constitui uma característica inferior no sentido de discriminar outros grupos, faz parte da proteção do território, de valores, sendo limitado a um determinado espaço territorial.

Nação

No que concerne ao seu conceito, a nação aponta para um sentido mais global, mais amplo do grupo étnico, é o conjunto de grupos étnicos e territórios ou *tabankas* (aldeias) com uma personalidade diferente ao se constituir numa Nação. É o conjunto de estruturas dos elementos tradicionais dos grupos étnicos, práticas religiosas, normas sociais que rege um povo. A junção destes elementos é que forma uma nação, um estado. Sem esquecer que é uma solidariedade de intergrupos sociais étnicos a determinado país, a determinada língua ou línguas, a aspectos pluriculturais etc.⁴

O que é uma nação? De acordo com Lopes (1991), uma nação é igual a uma aldeia, é uma solidariedade dos sentimentos dos intergrupos, com um conjunto de princípios morais, a um grupo étnico num determinado espaço, uma estrutura política, uma cultura definida. Estes elementos que referimos, estão na base de um interesse nacional e são aplicados sempre para erigir as bases, representando vontades de coletivos. Este mesmo

⁴ *Tabanka* é o povoado, local defendido, aldeia, conjuntos das casas que formado por bairro, é mais para questão étnica, pequenos grupos étnicos de uma aldeia, às vezes pode ter mistura de grupos étnicos numa *tabanka*.

autor vai mais longe, mostrando que o Estado é o fundamental vetor de poder e alavanca de todos os planos de dominação. É o surgimento do capitalismo, é ele que controla as decisões na política, economia, sociedade, guiadas por seus interesses. Enquanto para Salazar (1991) uma nação é igual a uma etnia, uma nação é igual na época moderna capitalista, pois controla o sistema de economia, de diferentes zonas e a população de determinado país. É o controle de um determinado espaço geográfico, sob o controle, em representação, de certas pessoas no comando da população. Grupos de pessoas num território determinado, comunidade política com consciência de unidade pelo bem coletivo, excluídas as divisões de grupos étnicos.

Tradição

Tradição tem várias definições, mas aqui iremos tratar do conceito de tradição referente a práticas antigas ligadas a normas culturais, práticas religiosas, costumes, cerimônias, ações conjuntas que se diferenciam da modernidade, que não correspondem ao 'normal' de acordo com a visão da modernidade. Tradição é também o conjunto de costumes e práticas dos antepassados transmitidas de geração para geração, tais como mitos, ensinamentos, sinais e crenças nos valores sociais que regem costumes de certos grupos de indivíduos, de grupos étnicos de um país, de uma comunidade, de uma família. Enfim, imitação e imitação de posturas e atitudes.

A tradição, segundo o Dicionário das ciências sociais (FGV 1987) é termo bem restrito e neutro, usado para oralmente designar as atividades pelas quais, o modo de crenças ou gostos são transmitidos de uma geração para a seguinte. Ainda este conceito se refere a um ensinamento ou aprendizagem que a criança recebe dos mais velhos, ou seja, os ensinamentos deixados pelos antepassados, que são repassados para a nova geração, através dos costumes e conjuntos de acumulação de conhecimentos e imitações, mas esses métodos às vezes são tratados com preconceito, por não terem um padrão.

Destarte, a tradição é um modo de comportamento repetitivo produzido, serve para intensificar a consciência do grupo, sua coesão, união e coerência social. Assim, ela é constantemente aventada como a fonte de legitimidade, forma de autoridade, chefias, domínios, conhecimentos dos tempos passados para a conservação, até às épocas recentes, do bem herdado de geração para geração.

Tradição para Amadou Hampâté Bâ (1981) é o ensinamento de práticas e normas sociais, reprodução em miniatura da terra e do mundo inteiro. Enquanto para Pinto (2009) é a transmissão de conhecimento através da observação e imitação das posturas, das normas e atitudes que regem as regras de uma certa comunidade. Podendo ser considerada como senso comum, a tradição compreende costumes repetidos, não é uma etapa de progresso que desemboca na modernidade, é um movimento linear e evolucionista. É mais no contexto de preparar o presente como se as coisas ou práticas do passado perdurassem no presente, sem mudança. A tradição é muito afastada da política, não aceita qualquer tipo de interferência ou influência da política. Como no caso da África, os europeus tentaram introduzir suas políticas para a modernidade, para que os africanos aderissem, deixando as suas normas tradicionais, mas eles não aceitaram.

Ainda falando a mesma autora, Pinto (2009) mostra como tradição pode ser entendida ou inserida na sociedade guineense:

As sociedades tradicionais têm todo um regime de regras, crenças e valores. Se, por um lado, a modernidade tende a reprimir os comportamentos que considera desadequados e retrógrados, por outro, as culturas tradicionais tendem a aceitar apenas aquilo que da outra é óbvio e imediatamente vantajoso, desprezando ou resistindo ao restante. Práticas da sociedade tradicional guineense, como, por exemplo, a concepção comunitária da propriedade da terra ou o roubo de gado (muito valorizado socialmente entre a sociedade tradicional Balanta) são diametralmente opostas às regras de troca e/ou aquisição de bens, ao intocável direito à propriedade privada no contexto de uma economia moderna, por outro lado, não têm também o mesmo significado jurídico. O que nos remete ainda para uma outra questão. A própria produção jurídica é problemática em sociedades que se encontram em momentos de indefinição. Como se tem verificado, a título de exemplo, com a Lei da Terra, na Guiné-Bissau. A este propósito, Braima Biai, membro da Direcção Geral de Geografia e Cadastro Guineense, diz que “Há anos atrás, o país não vivia problemas maiores ligados ao domínio fundiário, apesar dos numerosos grupos étnicos que ali habitam, já que cada grupo faz a gestão fundiária, conforme as suas regras tradicionais (usos e costumes), sem conflito com a lei moderna aplicável. Mas, na verdade, quando a castanha de caju começou a ser comercializada na Guiné, começaram a surgir problemas ligados ao domínio fundiário. Esses problemas trouxeram à luz alguns conflitos outrora ignorados. (PINTO, 2009, p.9/10).

A tradição, segundo alguns autores, não passa de conjuntos de normas e práticas de valores que regem sociedades nas práticas, fazendo parecer que as práticas antigas nunca mudam em muitos anos ou séculos, sendo ensinamentos transmitidos e repassados dos mais velhos para os mais novos.

Rituais e seus simbolismos

O ritual, do ponto de vista etimológico e histórico é um conceito que sempre está ligado a fenômenos religiosos como um comportamento formal que descreve, ou seja, sem estar ligado diretamente à tecnologia. O seu caráter está mais relacionado com o mágico-religioso, que separa o profano ou secular dos fatos que são instrumentos de ações racionais, as quais limitam as fronteiras dos controles do sagrado e profano, expressivo e instrumental, segundo o Dicionário de Ciências Sociais FGV (1987). Ainda este mesmo Dicionário descreve que, “o ritual foi definido como a parte comportamental referente à prática de religião ou magia, por oposição às crenças, representativas dos aspectos dogmáticos do fato religioso” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, FGV 1987, p.1081). Essas são as condições, ou seja, os elementos básicos no fato social para os ritos ou elementos que fazem essa manifestação.

Os rituais são tipos de comportamentos especificados com objetivo de proporcionar esse comportamento em transformação de fatos da vida cotidiana ordinária, ações trazidas repentinamente dos antepassados para ato presente. Isto pode acontecer nos tempos estipulados, pode ser diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente dependendo da necessidade de tal grupos sociais, ou família. “Ritual seria, enfim, o processo de pôr em relação, dando sentido aos fatos de vida social, como os processos de elaboração de um texto ou de uma dramatização dão sentido às histórias que se quer contar e interpretar” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, FGV 1987, p.1081).

O ritual ou ritos, são conjuntos de símbolos em que são armazenadas quantidades de informações, práticas e múltiplas facetas que contêm vários tipos de relações socioculturais. Rito é a agregação das pessoas a conjuntos de símbolos que caracterizam várias informações a respeito da cultura, política, costumes, que são transmitidas dos mais velhos aos mais novos. É também forma de transmissão de conhecimento de uma fase etária a outra. Como forma de educar, ensinar, o sacramento faz indivíduos passarem de uma fase a outra, deixar algo para trás e seguir em frente, ter outro tipo de comportamento, é uma mudança, uma transformação comportamental.

Para Carlos Subuhana (2001), o ritual é um conjunto de símbolos e significados que contêm várias informações dependendo de cada tipo de ritos. Apresenta conjuntos de mensagens que são transmitidas ao longo de tempo dos mais velhos para os mais novos, é também abrange um conjunto de invenção ou investigação da natureza das informações.

Ainda este mesmo autor mostra que o ritual trata de questões fundamentais a partir da construção da ‘visão do mundo’ de uma determinada sociedade ou como esta sociedade explica a ‘visão do mundo’. É um sistema de comportamento e de linguagem, gestos, sinais específicos, que são codificados e constituem um dos bens comuns do grupo ao explicar o sentido do mundo em que vive. Para Arnold Van Gennep (1909), o ritual não resolve a vida social, para ele, sem o ritual não existiria a sociedade humana com algo de consciência, não é uma vivência e sim é uma dimensão a ser vivenciada. Este rito não é algo importante e sim algo independente, autônomo, uma área ou espaço construído para agregar e apropriar as reflexões das pessoas. Para os indivíduos, os ritos separam o sagrado do profano.

Voltando para Subuhana (2001) o ritual é um dos elementos mais importantes na transmissão de princípios morais como privilégio de tomada de consciência de decisões do mundo, a transmissão de algo natural para algo na sociedade. Ao passar por esse processo, passa a ter o privilégio e a consciência que é dada nas infraestruturas de poder e ser, transformar em ‘coisas sociais’, que está vinculada às mudanças e criação de novas ordens.

Gennep (1909) caracterizou vários tipos de rituais, tais como: rito de agregação, iniciação, casamento, puberdade, funerais, casamento e outros. Para Gennep, os ritos são como o teatro, têm fases que mudam de acordo com os tipos de transição que os grupos pertencem realizar. O rito pode agir direta ou indiretamente:

Além disso, um rito pode agir diretamente ou indiretamente. Entendermos como rito direto aquele que possui uma virtude eficiente mediante, sem intervenção de uma agente autônomo, por exemplo a imprecisão, o feitiço, etc. ao contrário, o rito indireto é uma espécie de choque inicial, que põe em movimento uma potência autônoma ou personificada, ou série inteira de potências desta ordem, por exemplo, um demônio ou uma classe de djin, culto, no sentido comum da palavra, etc. o efeito do rito direto é automático, e do rito indireto faz-se por ação de retorno. Os ritos indiretos não são necessariamente animistas” (GENNEP, 1909).

De acordo com Adriane Luisa Rodolpho (2004), ao referir citações de outros autores, os ritos de passagem estão relacionados com os significados de mudanças de vida perante a sociedade, desde o nascimento, a entrada na vida adulta, o casamento e a morte. Esses quatro conceitos ou elementos mencionados aqui, são todos marcados por manifestação dos ritos quase semelhante à da cultura, no sentido que simbolizam uma

iniciação. Ou seja, acontecimento presente na vida é representado pela cultura. Cada tipo de ritual é manifestado em detrimento, contra ou a favor de uma situação determinante.

Segundo Adriane (2004) os ritos de passagem e iniciação marcam a transição de *status* social. O rito de iniciação é mais provável para a transição de um *status* para outro, mais para a questão de formação de classes sociais, amadurecimento para outra fase. Essa formação separa os participantes dos neófitos e dos literalmente não-iniciados.

Ritos de passagem

Ao falar de ritos de passagem não podemos deixar de falar em A. Van Gennep, que é considerado autor de ritos, pois descreveu os tipos de ritos e suas diferenças. Entre eles há dois tipos:

A expressão ritos de passagem foi usada pela primeira vez por A. Van Gennep (*Les rites de passage*. Paris, Norrry, 1909) para descrever dois tipos de ritos: os que acompanham a passagem de um indivíduo de um status social para outro, no decorrer de sua vida, e os que marcam pontos determinados na passagem do tempo (ano novo, lua nova, solstício ou equinócio). A expressão acabou por restringir-se ao primeiro tipo, atualmente chamado às vezes de ritos de crises existências. Os ritos de passagem típicos, no sentido moderno, são os que acompanham o nascimento, a consecução do status de adulto, o casamento e a morte. (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, FGV 1987, p.1924).

Ritos de iniciação

No que se trata de ritos de iniciação, já que é o nosso assunto. Ritos de iniciação não passam de puberdade fisiológica e ‘puberdade social,’ essas duas coisas são diferentes, mas também estão em convergência. Nessa cerimônia de iniciação, têm acesso as classes de idade e a sociedade secreta, acompanhada com a ordem magna, consagração através das cerimônias sagradas. Gennep (1909), mostra que a iniciação ou puberdade física é um momento muito difícil de datar, porque são conjuntos de ritos, cerimônias, práticas e todos outros tipos especiais, que marcam várias passagens dos povos da infância para adolescência. Essa prática de circuncisão fisiológica através dos processos ritualísticos varia de idade e também o espaço de tempo pode ser de dois em dois, três em três anos, até de cinco em cinco anos dependendo de cada povo.

É de salientar de que, a circuncisão teve origem judaica e foi apresentada como um ‘sinal de aliança’ que mostrava que tal indivíduo pertencia a tal comunidade. É o no sentido de marcar a *fides* de certas comunidades, aliás, *fides judaica*. (GENEPP, 1909).

O que seria uma mutilação? Segundo este mesmo autor, seria um meio de diferenciação definitiva. Diferenciar outro através de um tipo de vestuário especial ou máscaras, pintura de corpo, mas esta diferença não é contínua e sim temporária, são marcas pelas etapas de ritos de passagem de uma para outra. Quando indivíduo passa por este ritual, passa a se comportar de outro jeito, de outra forma, muda de comportamento completamente para algo de bom.

O rito do noivado e o casamento

O rito do noivado e o casamento, não passam de agrupamentos das pessoas que realizam a separação de uma fase da outra, da fase infantil à fase adulta, para passar a serem maduros. O casamento também é uma união de duas pessoas de sexo oposto, na base da união dos princípios.

Gennep (1909) mostra ainda que o rito do noivado e o casamento é a compreensão dos ritos de agregação, definitiva para os noivos que acreditam nos princípios dos valores, da união com seus ritos. É também rito de passagem, se separa a pessoa de certa classe social para alcançar a outra. Casar-se é passar da fase infantil para a fase adulta. É também um processo de etapas de alcance de economia, é uma mudança que pode ser de um clã para outro, de uma família para outra, de uma aldeia, de um país, é total a mudança que separa de um determinado lugar para se unir a outro lugar afim de se reforçar a união no novo lugar. Ainda há vários elementos que se juntam no casamento, há perturbação social e determinação das regras dos parceiros.

Os ritos funerais

Os ritos funerais são ao mesmo tempo ritos unitários de grande alcance, segundo Genep (1909):

Desde modo, os ritos de funerais são ao mesmo tempo ritos utilitários de grande alcance, que ajudam a livrar os sobreviventes de inimigos eternos. A classe de mortos referida é diversamente recrutada conforme os diferentes povos. Além dos indivíduos citados nela figuram os que não têm família, os suicidas, os mortos em viagem, por um raio, pela violação de um tabu, etc. isto em teoria geral, porque o mesmo ato não acarreta as mesmas consequências em todos os povos. (GENNEP 1909).

Metodologia

O material aqui trabalhado foi coletado através das leituras bibliográficas, dos livros textos, artigos e conversas pessoas com algumas pessoas pertencentes a esses grupos étnicos, através da diversão consegui pegar algumas informações sobre o tópico que me interessa e também alguns conhecimentos que eu já tinha sobre estes grupos através dos mais velhos, bem como comentários sobre o assunto. As leituras foram feitas com resenhas e fichamentos das principais informações pertinentes. Trabalhamos com a Soronda: “revista de estudos guineenses do Instituído Nacional de Estudos e Pesquisa INEP de Guiné-Bissau, que aborda vários assuntos sociais da sociedade guineense, principalmente os grupos étnicos e alguns autores que não fazem parte de revista Soronda, tanto de Guiné e como outros que nos ajudaram a entender o tema em estudo.

A pesquisa bibliográfica de acordo com Oliveira (2011) é uma forma de coletar os dados secundários, que podem contribuir para as culturas, ou que fazem de um assunto passado um tema presente a ser problematizado e um conteúdo que possa passar a ser estudado. Segundo Oliveira, a pesquisa bibliográfica já é tornar um estudo público, ou seja, estudar algo que já foi publicado em livros, boletins, jornais, revistas, monografias, teses, matérias cartográficas, projetos etc. e assim fazer o pesquisador ter contato direto com algo que já foi escrito, dito ou que já foi filmado sobre um determinado assunto para revisitá-lo por sua iniciativa própria e chegar a produzir algo de sua autoria.

A escolha de fazer trabalho bibliográfico, apesar da intenção primeira de fazer trabalho de campo, ir à Guiné-Bissau para fazer entrevista com os membros destes três grupos étnicos, deveu-se à falta de meios financeiros, optamos por fazer leitura e análises

de dados sobre os Brêmes: Pepéis, Manjacos e Mancanha e perceber os grupos étnicos, a tradição, ritos, linhagem e outros tópicos essenciais na discussão deste trabalho.

No que se refere à metodologia de pesquisa deste trabalho, trata-se da metodologia qualitativa. Mas antes de falarmos da metodologia quantitativa, vamos falar primeiro sobre o que é metodologia em si. Como sabemos a metodologia compreende o conjunto das regras e normas que rege uma ciência e, portanto, rege uma pesquisa e dependendo do tipo de pesquisa, o caminho percorrido durante a sua investigação. Trata-se do conjunto de métodos visando a formulação da pesquisa.

Maxwell Ferreira de Oliveira (2011) explica que a metodologia se refere a um estudo sistemático e lógico dos métodos que são empregados nas ciências para aprofundar a validade das teorias científicas, esses aprofundamentos se valem de cada área da ciência, como por exemplo a área da ciência exata e a área da ciência humana. Essas são diferentes em seus objetivos e os seus elementos de pesquisas são também diferentes. Podem ter algo em comum, mas os objetos e normas são diferentes de sua área e destino do objeto em estudo.

O método em ciência não se reduz à apresentação dos passos de uma pesquisa, deve descrever os passos, os caminhos a serem traçados pelo pesquisador para conter os desejados resultados. Faz parte do método buscar explicar os motivos do pesquisador na escolha de determinado caminho e não de outro. Esta justificativa vai determinar a escolha de certas formas de fazer a pesquisa ou certas formas de fazer ciência.

Ainda sobre métodos, Richardson 1999 (*apud* Oliveira 2011), descreve o método como uma forma encontrada pela sociedade para reconhecer ou validar um conhecimento adquirido empiricamente e chegar ao conhecimento científico.

Baseando-nos nesse mesmo autor, temos que a metodologia deve apresentar várias formas de fazer a investigação, será necessário explicar os objetivos e a natureza da pesquisa, bem como as técnicas utilizadas para coleta e análise dos dados.

De acordo com Elaine Linhares de Assis Guerra (2014) para a investigação científica a metodologia adotada é de dois tipos. O primeiro tem a ver com o paradigma clássico (positivismo/cartesiano) enquanto que o segundo tipo acompanha um paradigma alternativo. Tipos distintos: quantitativo e a qualitativo.

Cabe frisar que na ciência existem duas visões metodológicas para a realização de pesquisa científica. A que trabalha com os métodos quantitativos é mais para estruturas internas e externas, os fatores que atuam sobre as pessoas, voltada para resultados estipulados (GUERRA 2014).

Ainda, segundo Guerra (2014), há outra disposição metodológica para realizar pesquisa, a que legitima o estudo do homem, tendo em conta que o ser humano não é passivo e interpreta constantemente o mundo em que vive. Aos estudos que têm como objeto os seres humanos, diferentes dos outros objetos, os métodos de tipo qualitativo proporcionam aos estudiosos uma metodologia que vai validar essas diferenças.

Agora vamos para o que nos interessa, o método com o qual trabalhamos no nosso trabalho é o qualitativo. Para alguns autores, o método qualitativo é mais utilizado nas áreas de ciências humanas, como antropologia, sociologia e história. Aqui o pesquisador vai justificar seus conhecimentos a partir do olhar empírico até chegar ao científico, interpretando as ideias de outros autores e analisando-as de forma crítica, concordando e discordando das obras dos outros.

Método qualitativo

O método qualitativo segundo Guerra (2014) é o pioneiro para os cientistas da antropologia e sociologia da pesquisa qualitativa, especialmente os das ciências sociais. O objeto de estudo desta pesquisa envolve pessoas que agem de acordo com os seus valores, sentimentos e experiências que estabelecem relações próprias. Perante estes valores que referimos, também há outros valores que estão inseridos num ambiente mutável e estão ligados a aspectos culturais, econômicos, sociais e históricos e não são passíveis de dominar e sim, é tão difícil de interpretar, universalizar e reproduzir.

A mesma autora descreve a pesquisa qualitativa como capaz de aprofundar e compreender os fenômenos em estudo, a ação dos indivíduos, grupos e a organização em seus ambientes no contexto social, interpretando os sujeitos que surgem da ação no aspecto dos próprios sujeitos, o que vai mostrar as causas e características das relações de causa e efeito:

Já para os adeptos da pesquisa qualitativa, o estudo da experiência humana deve ser feito entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos. Os que defendem essa postura criticam o posicionamento positivista, já que para eles fica a dúvida sobre até que ponto uma abordagem que não se preocupa com a essência do seu objeto pode ser considerada científica (GUERRA 2014, p.12).

Este método é representado nas crenças das relações de percepção e opinião, ou seja, é a forma de interpretações que pessoas fazem durante a vida, como forma de construir artefatos materiais através das ideias que sentem e pensam. Também este estudo é utilizado para coletar uma verdade dos materiais empíricos da vida. Como as entrevistas, artefatos, leitura de textos e sua interpretação, observações, registro de campo, experiência pessoal, produção cultural, visual interativa e a descrição de todos os momentos significativos da pesquisa ou dos pesquisadores, para obter uma ampla verdade, misturando com práticas da interligação na compreensão do assunto que está sendo estudado.

Através da internet conseguimos aproveitar alguns textos, teses, dissertações, artigos no Brasil, o mapa continental e do país, que foram disponíveis para analisar os dados, nestas análises dos dados tivemos, ou seja, trabalhamos com as fontes primárias.

O presente trabalho está dividido em três etapas, a primeira, tem a ver com a revisão bibliográfica, a segunda, com a construção dos elementos da pesquisa (análises dos dados, materiais coletados, resenhas de leituras dos textos) e por último a delimitação do trabalho final.

Este trabalho é composto por três partes: uma introdução, duas sessões e uma conclusão.

Na introdução estão incluídos os aspectos metodológicos que conduziram à pesquisa, os elementos que sustentam o nosso estudo e a contextualização teórica.

Na primeira sessão trata-se da contextualização da Guiné-Bissau e sua respectiva situação geográfica e a origem de algumas palavras, contextualização histórica da Guiné-Bissau, dentro do seu aspecto sociocultural e socioetnolinguístico.

A segunda sessão trata da questão mais profunda, os três grupos étnicos Brâmes: Manjaco, Pepel e Mancanha, suas origens, práticas religiosas e cerimônias, as relações existentes entre ambas e por fim as normas tradicionais e as leis que regem estes grupos

étnicos e os ritos de passagem tais como *fanado*, casamento, ritos, herança e ritos funerários.⁵

⁵ **Herança ou herdança** é receber algo por direito após da morte de um membro de família ou parente os bens que lhe pertenciam, neste caso dos **Brâmes**, herdeiros são os membros da mesma *djorson*, pessoas que pertencem à mesma *djorson* não família sanguínea.

SEÇÃO 2: GUINÉ-BISSAU

2.1 História e contextualização da Guiné-Bissau

Antes de entrarmos na contextualização da **Guiné-Bissau**, vamos falar sobre os topônimos de algumas palavras, e depois relatar o contexto histórico da **Guiné** antes da independência da **Guiné-Bissau** do colonizador português. Esta sessão tem como objetivo também descrever sua respectiva superfície total e falar um pouco sobre a penetração dos portugueses dentro deste território. Falaremos sobre quando foi descoberta a Guiné e quando se tornou independente do colonizador português. Lembrando que a **Guiné-Bissau** ficou independente, mas não foi reconhecida na mesma data pela ex-colônia do Portugal. A outra problematização que iremos trazer nesta sessão é a composição da sociedade guineense: animista, islâmica e cristã. Retrataremos os grupos étnicos guineenses e sua respectiva percentagem populacional. Abordaremos três grupos étnicos específicos na segunda sessão que é o principal interesse do nosso estudo neste trabalho.

Como já falamos, antes de entrarmos nas principais ideias deste trabalho iremos abordar a história e contextualização da Guiné-Bissau. Achamos que é pertinente falar sobre a topônimo da palavra ‘Guiné’, e depois ‘Bissau’. Como sabemos, existem várias denominações de ‘Guiné’, como por exemplo: Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Guiné Conakry, Guiné portuguesa, Costa da Guiné e outros países que têm palavra parecida com Guiné. Por isso que, vamos trazer a decifração destas palavras. Neste caso a ‘Guiné’ e ‘Bissau’.

Há também várias interpretações orais sobre estas palavras que mencionamos acima. Esta interpretação oral vem de alguns grupos étnico, neste caso, dos Pepéis e os Balantas sobre a origem destas palavras, com o desenrolar de trabalho saberemos um pouco mais sobre elas.

2.2 Origem de palavra Guiné

A palavra Guiné é de origem africana, e tem várias modificações e várias formas de se pronunciar antes de ser a atual Guiné. Teve várias grafias e várias fonéticas na tentativa de imitar a pronúncia original ou local da origem africana. De acordo com Benjamin Pinto Bull (1989), a palavra Guiné é de origem africana, era o nome de uma

aldeia que foi fundada no ano de 1040, nas margens do Alto Níger. Essa aldeia tornou-se o cruzamento geográfico de comércio entre o Sudão e a África meridional com os Mandingas e os Árabes do Norte. Nesse trocar de comércio na altura entre Árabes do Norte e os Mandigas, graças a essas mercadorias, os Árabes conseguiram atingir os países europeus.

Ainda descreve Bull (1989) de que a palavra Guiné teve várias modificações gráficas nos decorreres dos séculos, tais como: *Guynea, Guynea, Guinanha, Guinee, jenni, Genni, Denni*, etc., foi nessa tentativa de adaptar essas pronúncias e fonéticas nas línguas ocidentais que surgiu a palavra Guiné. Essa palavra foi introduzida como feminino só a partir do século XIX. Em crioulo se escrevia como *Gine*.

Para Artemisa Odila Candé Monteiro (2013, *apud* Lemos 1996), a palavra, “Guiné, *Guinauha* ou *Gnawa*, era o termo em usado para designar ‘terras de pretos’, derivada de palavra berbesca *Guinéus*, que significava negro” (CANDE MONTEIRO, 2013, p. 226). Pois, a Guiné sofreu a modificação de codinome aos portugueses, devido ao estabelecimento do trânsito de comércio na época. Esse local de comércio às vezes era chamado costa de escravos, costa de ouro, costa de malagueta, costa de marfim, de acordo com os produtos mais prevacentes de troca comercial naquela região.

Essas são explicações sobre a origem de palavra Guiné, terras dos pretos, ou seja, terra dos negros e também era o nome de uma aldeia situado no Alto Níger que servia na altura como um lugar de ponte de comércio entre os africanos (Mandigas) e os Árabes, mais tarde se estendeu para os europeus.

2.3 Origem de palavra Bissau

A palavra Bissau é também de origem africana, provavelmente de etnia Pepel de Guiné-Bissau, que também sofreu várias modificações gráficas de pronúncias no decorrer de séculos passados. Há várias versões orais da palavra ‘Bissau’. Há alguns que dizem que a palavra ‘Bissau’ é de um nome de um dos sete *djorsons* (clãs) da etnia Pepel que é o clã *Intchassu*. Outros dizem que as duas palavras Guiné-Bissau são também de origem Pepel. De acordo com a oralidade, dizem que quando os portugueses chegaram no porto de Pindjinguite, em Bissau na capital de Guiné-Bissau, viram as mulheres pescando na beira do mar, e perguntaram-lhes aqui é onde, logo elas perceberam que os portugueses teriam perguntado quem eram elas. Logo, na perspectiva de tentar responder aos portugueses, elas responderam-lhes na língua Pepel ‘*Ndjion Ninção*’, quer dizer (sou

pepel na língua Pepel), daí os portugueses perceberam que elas disseram que aqui é Guiné-Bissau, logo escreveram *Ndjion Ninção* para Guiné-Bissau. Assim ficou o nome Guiné-Bissau.

Uma outra versão oral de etnia Balanta, a palavra ‘Bissau’ significa acabou, exterminado. Outra história relata que alguns grupos dos Balanta foram para Bissau na terra dos Pepéis e lá teriam brigados com os Pepéis. Durante está briga os Pepéis teriam matado os Balanta, só sobrou um Balanta, que ao chegar ao seu território, os seus companheiros perguntaram-lhe: onde estão seus companheiros? E ele respondeu-lhes, mataram todos eles, acabaram, ‘*Bissao*’, que significa acabaram (em balanta), daí surgiu o nome da Bissau.

Mas, vamos ver o que autores vão nos dizer sobre esta palavra, falando ainda sobre a palavra Bissau. Bull (1989) mostra que a palavra Bissau é de origem africana, provenientes da etnia Pepel, como no português e no crioulo adaptaram esse topônimo ao longo séculos. Bissau teve várias variações gráficas, como por exemplo: *Bissao, Bisanao, Bissao, Biçao, Bisssau, Bissaux, Bisseau, bissao*. Enquanto que Paula Pinto (2009) mostra que à chegada dos portugueses na costa da África, ao tentar estabelecer contatos com os Pepéis especificamente os de Bissau, então a palavra ‘Bissau’ é derivada do plural de *Incaso*, que é um dos sete *djorson* (clã) da etnia Pepel. Está é uma das explicações desses autores sobre a palavra Bissau.

2.4 Superfície total da Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau faz parte dos países da África, ela fica situada na Costa Ocidental da África, faz fronteira com Senegal pelo Norte e a Guiné-Conakry pelo Leste e Sul (BULL1989). Ainda Bull descreve que para além da parte continental e das ilhas que se encontram à proximidade, há também o Arquipélago dos Bijagós composto de dezenas de ilhas e de ilhotas. “A sua superfície total é de cerca de 36.125 km², sendo 4000 km², cobertos periodicamente pelas marés revestidos dos mangais”. (BULL, 1989, p. 61). Há dois tipos de climas na Guiné-Bissau, (TEIXEIRA DA MATA, *apud* BULL, 1989):

O sub-guineense ou tropical marginal, o que tropical sudanês ou tropical continental. Escreve Teixeira da Matta: O clima exerce uma ação primordial em muitos aspetos da Guiné. P.61. Contribui acentuadamente para a forma que assumiu a colonização portuguesa, e para o aspecto das relações entre europeus e africanos. (TEIXEIRA, *apud* BULL, 1989, p.62).

Vamos ver o mapa da África para indicar em que parte da Costa Ocidental da África que Guiné-Bissau fica situada.

No mapa veja a seta azul lá indica a Guiné-Bissau



<https://pt.mapsofworld.com/africa/>. Acesso em 09 de outubro de 2018. Pelas 09:18.

Cande Monteiro (2013), mostra que a Guiné-Bissau tem cerca de quarentas ilhas que constituem o Arquipélago dos Bijagós. O seu clima é quente e úmido caracterizado como subguineano que é favorável à prática de agricultura e pesca. Para Semedo (2010), o clima de Guiné-Bissau é tropical e úmido com duas estações do ano, a época da seca que começa em meados de novembro e termina em maio, enquanto a estação da chuva começa no mês de maio e vai também até o mês de outubro. Tem uma população de um milhão e quinhentos mil habitantes (1,5 mil), onde se encontram os grupos étnico com suas respectivas percentagens, começando com os Balantas com (30, %), Fulas (20%), Manjacos (14%), Mandingas (13 %) Pepéis (7%). Os outros como Beafadas Felupes, Cassangas, Banhuns, Baiotes, Sussos, Saracules, Balantas-mané, Futa-Fulas, Oincas e

outros com restos de percentagens. Também (LOPES, 1982, *apud* CANDE MONTEIRO, 2013), totalizou a população guineense em 1.548.159 mil habitantes, segundo dados de 2009. Por uma densidade de 33,22 habitantes por km², onde a maioria da população habita nas zonas rurais. Com mais de trinta grupos étnicos que estão divididos por percentagens. Os Balantas (27%), Fulas (22%), Mandingas (12%), Manjacos e os Pepéis (10%) os outros com 18% e incluindo “menores incluindo ‘lusos-africanos’ ou ‘crioulos’.” (*idem*). Voltando para Semedo (2010) e Cande Monteiro (2013), estes mostraram que a Guiné-Bissau está composta por oito (8) regiões: Biombo, Cacheu, Oio, Bafatá, Gabu, Bolama Tombali Quinara e mais um Setor Autônomo de Bissau, (SAB) que é o capital de Guiné-Bissau. A língua oficial é o português, o crioulo é a língua nacional na qual a maioria da população se comunica nas zonas urbanas, nas zonas rurais se comunicam mais com línguas étnicas. Para além destas duas línguas, a população guineense fala também outras línguas maternas, ou seja, os idiomas dos seus grupos étnicos.

Tcherno Djalo (2013) alista os grupos étnicos e nestes grupos, alguns estão em vias de extinção ou já extintos. Os grupos étnicos que Djalo (2013) listou são esses: os Baiote, os Balantas, os Banhuns, os Bijagós, os Brames ou Mancanhas, Cassangas, os Felupes, os Fulas, os Mandingas, os Manjacos, os Nalus e os Pepéis, esses são grupos étnicos mais numerosos. Ainda existem outras pequenas minorias étnicas sem computação demográfica, ou seja, já está em vias de extinção como grupos étnicos, são esses: os Bagas, os Bambaras, os Cobianas, os Canháguis, os Jacancas, os Jaloncas, os Lundumas, os Padjadincas os Quissincas, os Saracolé, e os Sossos.

Nessas percentagens dos grupos étnicos das duas autoras, podemos perceber a discordância entre elas. Não só elas têm essa divergência ou discordância, mas, podemos ver esta discordância nos outros autores. Há alguns que dizem que a Guiné-Bissau tem cerca de 26 grupos étnicos, outros dizem cerca de 30 e outros dizem cerca de 40 grupos étnicos. Não tenho dados certos sobre a quantidade fixa dos grupos étnicos.

Como já falamos da situação geográfico da **Guiné-Bissau**, agora vamos falar da sua independência, quando foi independente e quando foi reconhecida unilateralmente como país independente internacionalmente.

Como já referimos acima, a Guiné tinha várias denominações antes da independência, ou seja, não era chamada de Guiné-Bissau antes da independência, era Guiné e Cabo Verde. Dabana Nomone (2014), mostra que a Guiné-Bissau foi colonizada

por Portugal de 1446 até 24 de setembro 1973 quando foi proclamada unilateralmente como país independente pelo Partido Africano da Independência Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Mas, isso aconteceu só depois de uma década de luta pela independência do povo guineense do colonialismo português, que durou onze anos de luta armada protagonizada por Amílcar Lopes Cabral. Menos de um ano após da sua morte, a Guiné-Bissau foi libertada. O nome que Guiné-Bissau tinha na altura era Guiné e Cabo Verde, passou a ser oficialmente chamada Guiné-Bissau só depois da independência. Mas, só que Portugal não reconheceu essa independência na mesma data, só foi reconhecida oficialmente em 10 de setembro de 1974, depois da queda do regime salazarista. Bull (1989), vai mostrar que a Guiné-Bissau foi proclamada unilateralmente independente pelo PAIGC, em 24 de setembro de 1973, em Madina de Boé:

A Guiné-Bissau foi proclamada unilateralmente independente pelo PAIGC, em 24 de setembro de 1973, em Madina de Boé, pela Assembleia Nacional Popular; tornou-se desde essa data, República da Guiné-Bissau, soberana, democrática e anticoloniais, de harmonia com o artigo 1º da constituição da Guiné-Bissau. Foi imediatamente a república da Guiné-Bissau reconhecida por mais de 80 Estados, só depois de 25 de Abril de 1974 que Portugal vai reconhecer a independência da Guiné-Bissau. (BULL, 1989, p.66).

Para lembrar que há vários anos que a Guiné-Bissau está lutando para a sua independência contra o colonialismo português, mas antes da luta armada pela independência da Guiné-Bissau, havia outras lutas que os grupos étnicos faziam contra os portugueses, para além das reclamações e espertezas que esses grupos faziam com os portugueses de não pagamento dos impostos, recusas de ser seus alienados, negação de conversão à religião dos colonizadores ou à civilização. Apesar de que haviam alguns grupos que coligavam com os portugueses para colonizar os outros grupos étnicos para ganhar os seus espaços, por exemplo, os Fulas.

Como vimos o mapa da África e já falamos da superfície total da Guiné-Bissau e suas respectivas regiões, agora vamos ao mapa da Guiné-Bissau.



Disponível em <http://www.guine-bissau.tv/2015/02/mapa-politico-guine-bissau.html>. Acesso em 09 de outubro de 2018, pelas 13:00.

2.5 Composição da sociedade Guineense

No que se refere à composição da sociedade guineense, como sabemos que existem vários grupos étnicos e esses grupos étnicos estão dentro sociedade, ou seja, dentro de Guiné-Bissau, existem vários grupos étnico e sociedade diversa, onde cada qual tem as suas normas. Sem esquecer que a **Guiné-Bissau** é um país laico, cada qual é livre para escolher a religião da sua preferência.

De acordo com Pinto (2009), a atual sociedade guineense está composta por três grupos sociais: sociedade indígena (ditos animistas africanos, pessoas que não fazem parte da religião dos colonizadores); grupo sob influência árabe (islamizados pelos árabes Almorávides desde os séculos XII-XIII) e outro sob influência europeia (cristianizados). A sociedade indígena tem cerca de 55% da população, a sociedade islamizados ocupa 40 % e os resto 5% é ocupado por cristãos que quase sempre ficam nas zonas urbanas, nas cidades.

Nesta mesma representação de percentagens de grupos de sociedade guineense que Paula Pinto referiu, podemos constatar isso com Djalo (2013) de três tipos de grupos sociais “o espaço animista, que representa certa de 55% da população, o muçulmano, que

estimando em cerca de 40% da população e o espaço luso-cristianizado, dito “*Kriston*” ou ‘crioulo’, que representa cerca de 5% da população”. (DJALO, 2013, p. 13). O autor refere que não existem dados oficiais recentes que possam confirmar essas percentagens, é de salientar que esses dados percentuais são muitos antigos, são mais de 30 anos, houve muitas variações e também conversões destas sociedades para outras religiões, e a própria transformação da população, que aumentou.

— A sociedade animista

— A sociedade islâmica

— A sociedade cristã

Ainda a população guineense, ou seja, o povoamento do atual território de Guiné-Bissau pode se qualificar de origem étnica, cultural e religiosa, que também que pode se dividir em três grupos: “dos quais um autóctone propriamente dito (grupo I) e dois de origem alógena (grupo II e III). (DJALO, 2013, p. 21):

Grupo I: os Peleo-Sudaneses do grupo bantou geralmente animistas;

Grupo II: os Neo-Sudaneses, semi-bantous islamizados ao longo dos dois ou três últimos séculos;

Grupo III: os europeugénos da sociedade dita crioula (pretos e mestiços), nascidos do contacto com o colonizador.

Ainda segundo Djalo (2013), há também outras influências importantes que formaram a sociedade de Guiné-Bissau em termos de cultura. Podemos caracterizar essas culturais em três: a) “A cultura negro-sudanesa (animista); b) a cultura arabo-islâmica (veiculada pelo Islão) e c) a cultura católico-europeia (portuguesa), formando um cocktail étnico-cultural qualificado por alguns de negro-luso-arabo-islâmico”. (DJALO, 2013, p. 22).

Salientando-se que nestas sociedades as influências culturais que abordamos acima, têm certas limitações no seio da família guineense, essas normas sendo obedecidas de acordo com a sociedade em que o indivíduo está inserido. Estas sociedades também são estruturadas de acordo com os valores culturais e sociais que integram o indivíduo dentro da comunidade, mais baseadas nas tradições, às vezes essas normas não são tão rígidas. Há pessoas não fazem ou não optam pelas suas próprias decisões, e sim pelas decisões do

coletivo ou obedecendo as normas da família, *Djorson* (clã), sociedade, religião. São os grupos que estabelecem as normas. Às vezes esse indivíduo acaba agindo de acordo com regras estabelecidas pelos grupos em que ele está integrado.

2.6 Família e funcionamento

Falar sobre a família guineense não passa daquilo que já referimos acima sobre a composição da sociedade baseada nas normas familiares, clã, etnias, religião, etc. A família guineense está baseada na maioritariamente na sociedade poligâmica, onde o homem pode casar com várias mulheres. Só para alertar que não é toda sociedade ou todas as pessoas que têm direitos de ter várias mulheres, e sim, é opcional, aliás há certas religiões que não permitem ter ou casar com mais duas mulheres e também há outros grupos étnicos que não têm esses costumes.

Segundo Braga Dias, 1974, *apud* DJALO, 2013) mostra que a família se constitui na base da autoridade paternal:

Ao estudar a sociedade guineense, José M. de Braga Dias (1974) mostrou que a família constitui o grupo social de base, revestindo-se assim de um caráter institucional. Neste grupo, a autoridade paternal constitui o princípio fundamental de coesão e de extensibilidade funcionamento. Este regime patriarcal permanece além do casamento: a escola do cônjuge é feita com a provação da família e a resistência é “patriloca”>. Ainda de acordo com este autor, a família tradicional típica da Guiné-Bissau caracteriza-se pela “extensibilidade” e pela poligamia. ” (DJALO 2013, p. 25).

Neste caso dessa sociedade o casamento não se representa um valor tipo a privacidade dos casais, ou seja, a família não é composta só por duas pessoas, por casal. A família é tão alargada, é composta por tios, irmãos, primos, clã, membros da comunidade, onde às vezes os casais não têm o direito de tomar decisões sobre seus filhos, às vezes os responsáveis pelos filhos são os irmãos, tios e primos dos casais. Tudo é na base de conjugal, o sentimento coletivo é que reina. No que é diferente da sociedade ocidental onde a família é composta de pai, mãe e filho. Onde ninguém mais pode intervir nesta família. Enquanto a outra família é nuclear, o sistema econômico é comum, as presenças dos pais biológicos são quase inexistentes. Nas sociedades tradicionais aliança não é tão vista como na sociedade ocidental.

Ainda Djalo (2013) explica que “na Guiné-Bissau, a família é patrilocal, ela é constituída pelo chefe da família, a sua ou suas esposas, os seus filhos e os seus parentes mais próximos” (DJALO, 2013, p. 25). Porque todos os membros da família seguem o culto dos antepassados, as práticas que ligam os vivos aos mortos, há certa ligação entre esses dois mundos⁶ através dos seus cultos de homenagem aos mortos.

Outra estrutura familiar que é fundamental na família tradicional guineense é a prática da poligamia, Djalo (2013), relata que um dos motivos da poligamia é mais a questão de procriação da riqueza. Citando Braga Dias (1974:23), a prática está relacionada ao casamento tradicional, como justificativa por motivos de trabalho de campos, unidade de clã, multiplicação do relacionamento entre clã e primos. No que se toca na procriação de riqueza, é que na sociedade tradicional, quem tem grande quantidade de hectares de *bolanhas*, quantidades cabeças de gados é considerado rico. Para apropriar esta grande quantidade de terra é preciso ter pessoas para ajudar a trabalhar nessa quantidade de terra. Então isso é que leva as pessoas a terem várias mulheres para poderem gerar muitos filhos afim de lhes ajudarem no trabalho de campo. Uma das outras justificativa que Djalo (2013) trouxe é que no período de amamentação é proibido ter relação sexual com a mulher para evitar a gravidez antes de a criança atingir a maturidade de amamentação. O período mínimo de amamentação é de dois anos, porque está sociedade não tem meio preventivo para evitar a gravidez. Então essas são as razões de poligamia da sociedade tradicional guineense.

O autor justifica que há outros grupos étnicos menos poligâmicos, por exemplo os Banhuns, Cassangas, os Baiotes e os Felupes, mas só não que explica quais são os motivos para que eles sejam menos poligâmicos.

Djalo (2013) descreve outros dois tipos de sociedade, que são sociedade horizontal e vertical. A sociedade horizontal é a sociedade onde não tem as hierarquias, ou seja, não tem chefias, só tem fase etárias. Exemplo disso são os Balantas e os Felupes, não têm questão de régulos (reis). Os chefes para os Balantas são os mais velhos, os que já cumpriram o ritual de *fanado* (os iniciados) e fases etárias de grupos culturais. Enquanto que a sociedade vertical, é a sociedade que tem hierarquias, chefias, onde o régulo é quem

⁶*Bolanha* é o grande terreno geralmente perto de um rio, onde se faz cultivo de arroz, vasto terreno pantanosa e fértil utilizada para o cultivo de arroz, terra plana alagada situada nas margens de rio, preparada exclusivamente para o plantio do arroz aquático, no sentido geral significa pântano.

comanda. Exemplo disso são os grupos étnicos dos Mandingas, Pepel, Brâmes ou Mancanhas e os Manjacos que têm questão de hierarquias chefias, estrutura de poderes tradicionais, normas de comando e regalias.

Assim findamos a nossa primeira sessão aqui, onde relatamos tudo sobre o contexto histórico da Guiné-Bissau, desde a origem da palavra ‘Guiné’ como surgiu e como foi expandido para outro canto, quais eram esses territórios e como a grafia mudou ao longo dos séculos passados. E relatamos também a origem da palavra Bissau, a proveniência desta palavra, esta mesma palavra sofreu várias grafias na tentativa de imitar as pronúncias africanas de origem e a atual Guiné-Bissau. Tocamos também na descoberta da Guiné, quem descobriu e quando. Relatamos também a composição dos grupos étnicos da Guiné-Bissau e sua respectiva percentagem e por fim falamos da sociedade guineense, sua composição e organização.

SESSÃO 3: Os Brâmes e Seus Troncos: Pepéis, Manjacos e Mancanhas

Esta sessão tem como objetivo descrever as relações existentes entre os Pepéis, Manjacos e os Mancanhas e suas diferenças, e qual era o nome destes grupos antes de se ramificarem em três. Compreender as normas de cada um deles, ou seja, o que fazem ou têm em comum ou semelhante entre si. Como por exemplo na questão de fases etárias, ritual de iniciação, casamentos, questão de heranças (sucessão ao trono), rituais fúnebres etc... Ainda há vários elementos que poderemos destacar nesta sessão sobre os três grupos étnicos. Uma outra questão essencial que poderemos focar nestes grupos é a questão da língua, as suas línguas são semelhantes, bem parecidas. Quando um destes grupos fala, se os outros prestassem atenção, iriam entender o que dizem.

Uma outra questão que achamos importante para relatar, é sobre a questão de origem, como surgiram as palavras ou nomes destes grupos, o porquê de ter esses atuais nomes Mancanha, Manjacos e Pepéis. E, se estes nomes têm a ver com a realidade destas sociedades, ou são dados por colonialismo ou por outros grupos étnicos da Guiné-Bissau. Como já falamos um pouco sobre os grupos étnicos da Guiné-Bissau e as suas respectivas percentagens na nossa primeira Sessão, agora que vamos entrar no nosso foco principal do nosso trabalho.

Nesta sessão, vamos abordar mais a questão da sociedade Pepéis, Manjacos e os Mancanhas, como já referimos, agora iremos procurar obter mais informações para construir um olhar sobre o tema. Como esses grupos se consideram entre si, se consideram que são famílias ou não, se têm algumas linhagens em comum ou não. Ou sabem das suas origens familiares no que toca às suas ramificações, se eles notaram ou sabiam que têm algo em comum entre eles antes da chegada do colonialismo na Guiné-Bissau.

3.1 Origem dos Brâmes ou Papeis, Manjacos e dos Mancanhas

Para falar das origens destes grupos étnicos, iremos relatar várias questões que foram produzidos através da oralidade, quando dizem ‘ouvi dizer ou o meu pai ou meu avô diz isso’. A oralidade que vamos falar aqui é a oralidade que ouviram dizer, ou seja, através da oralidade que os autores produziram história dentre destes grupos, escreveram através das oralidades sob as explicações dos mais velhos para eles. Como sabemos que,

há vários séculos que estes grupos se encontram no território da Guiné. Há também vários rumores que podem ser provas da existência de um único grupo destes três grupos étnicos.

A origem dos Mancanhas, Manjacos e Pepéis, de acordo com Mamadú Jao (1989 e 2003) mostra que estes grupos eram constituídos por um só grupo étnico chamado Brâmes, que habitava no Estado medieval do Oeste da África, neste caso, os grandes impérios africanos, como Gana, Mali, Kaabu e outros. Há outras suposições que podemos analisar de que estes grupos teriam imigrado para Guiné-Bissau, os antepassados dos Brâmes desses impérios que acabamos de mencionar para atuais zonas, que foi a invasão dos Mandingas nos séculos XII e XIII. Ainda referindo este mesmo autor ao mencionar António Carreira, que mostra que antes não existia a divisão destes grupos étnicos. Mas só que esta divisão se processou depois da chegada da ex-colônia da Guiné, que surgindo essa ramificação para Manjacos, Pepéis e Mancanhas. Antigamente eram chamados de Brâmes. Neste caso, podemos dizer que os nomes destes três grupos étnicos era Brâme. Ainda este mesmo autor salienta que, os atuais Mancanha, Manjacos e Papeis, eram uma única etnia (um só povo), eram chamados de várias maneiras, ou seja, várias grafias como: *Burâmes*, *Bramos* ou *Beramos*, Jao, citando António Carreira, diz que o *habitat* dos Burâmes, era um pequeno chão do sul do Senegal, que se alastrou para o rio Cacheu até estuário de rio de Geba que incluiu também as ilhas de Jeta, Pecixe e a ilha de Bissau. Esse Burâmes, Bramos ou Beramos, estavam sob controle de um único régulo na altura, que era o reinado de Bassarel, que existiu até o século XIX. Este mesmo autor mostra que os nomes destes três grupos étnicos surgiram há pouco tempo. Ao referir “Fernando Rogado Quintino quem nos elucida que o termo Manjaco que surgiu só no século XVIII, tendo sido mencionado pela primeira vez pelo investigador Beaver.⁷ (JAO. 1989, p.51)”. Como já abordamos sobre a origem dos Brâmes, estes grupos étnicos, os Mancanhas eram chamados também de Brames, *Bram*. Falaremos sobre isso mais na frente.

Para Leonardo Cardoso (2003), os Brâmes⁸ ocupam as zonas geográficas de rio Cacheu e limitado de rio Mansoa, podemos dizer as zonas de província Norte, exceto região de Oio, que inclui as ilhas de Jeta, Pecixe e Bissau. Esse território de ocupação é muito favorável na questão de agricultura e fauna. A sua superfície total estima-se de

⁶ *Duno di Tchom* é dono da terra, ou seja, chefe de tal território, régulo é dono do seu território, controle de certo espaço físico. Palavra *tchon* significa solo, terra, território. *Duno* significa o dono de tal objeto ou proprietário.

6.091,2 km² com densidade populacional que tem a largura média de 27 a 29 hab./ km², é de salientar que esses dados foram do recenseamento geral de 1991.

Nesta ocupação que acabamos demonstrar dos Mancanhas, Manjacos e os Pepéis, de acordo com Cardoso (2003) estes grupos se consideram *dunos di tchon* (criolo) donos da terra, porque os seus ancestrais foram os primeiros a chegar a este solo, pois desde sempre os seus ancestrais habitaram lá. Neste aspecto podemos acreditar que são eles os donos da terra, a própria sociedade às vezes diz isso, que a terra pertence aos Pepéis. Nestas explicações dos autores podemos perceber que, talvez possa ser verdade que estes grupos eram um único povo, um único grupo, antes da presença dos portugueses no território guineense. Outra versão que podemos pegar da Pinto (2009), ela frisa que, os portugueses se depararam com resistência ao dominar esses grupos e por isso optaram por separá-los através de etnônimos:

Logo após a chegada dos portugueses a esta zona da costa de África, tentaram estabelecer entrepostos em território Papel. Nomeadamente em Bissau e Cachéu. Aliás, a palavra Bissau, que dá nome à capital e ao país, supõe-se ser derivada de Bisasu (plural de Incaso), um clã Papel. A resistência com que os portugueses se depararam valeu acusações de traidores, ladrões, insolentes. Perante isto, a administração incitou divergências internas e *conseguiu classificar os seus povos sob diferentes etnônimos, atribuindo-lhes particularidades artificiais que eles acabaram por aceitar como verdadeiras*. Carlos Lopes afirma mesmo que os *Brâme constituem um dos melhores exemplos da utilização da etnicidade pela administração colonial*. De tal forma que, a clãs de um mesmo povo foram atribuídas diferentes designações, como se de grupos étnicos distintos se tratassem: os Mancanhas, os Manjacos e os Papel. Disputas em função da sua actividade comercial poderão ter acentuado o afastamento, apesar de a sua organização social ser semelhante. (PINTO, 2009, p.35).

Os portugueses chegaram ao território da Guiné tentaram separar, ou seja, separaram através de ramificação do nome Brâme, Burâmes Burâmos, em três grupos, que são os atuais Pepéis, Mancanhas e os Manjacos. Outra questão que achamos pode ter contribuído nestas ramificações, pode ser a questão de distanciamentos dos lugares de habitação, apesar que eles são os maiores ocupantes da maior parte da província Norte, mas, existem em outros lugares diferentes no país. Os Pepéis ocupam majoritariamente a região de Biombo, enquanto que os Manjacos e Mancanhas ocupam majoritariamente a região de Cacheu. Dentro de região de Cacheu os Mancanhas ocupam majoritariamente o Sector de Bula e Secção de Có. Essa distância pode ter contribuído para a separação destes grupos, a ponto de incentivar os portugueses a ramificá-los.

3.2 Origem dos Mancanhas

Como já destacamos sobre as origens dos Brâmes e suas ramificações, agora vamos ver outra versão destes três grupos. Vamos falar sobre a origem dos Mancanhas, o por que eles têm o nome de Brâm, e mais tarde passou a ser de Mancanhas. E também o próprio nome Bula, que é o centro dos Mancanhas, como surgiu.

Para além do *habitat* tradicional dos Mancanhas, que são de origem dos Pepéis e Manjacos, que eram Brâmes, há outra versão sobre sua origem e nome. Há uma versão que diz que eles são de origem de outro grupo étnico chamado Banhuns, outros dizem que eles vieram de Gabú. Segundo Jao (JAO, 2003, p. 112):

A questão sobre a origem dos Mancanha, assim como os outros grupos étnicos da Guiné-Bissau, ainda não está completamente resolvida, e por enquanto continuará a ser objeto de estudo. Na realidade, existem dois principais pontos de vista sobre a origem dos Mancanha: o primeiro deles defende a sua origem endógena, e o segundo é a exógena. Já primeira opinião é partilhada, entre outros, por J.P.P. de Carvalho. Este autor, embora não esteja contra a ideia de que os antepassados dos actuais Mancanha vieram de região diferentes daqueles consideradas como os seus territórios tradicionais – Bula e Có afirma que os primeiros imigrantes, antes de partilharem as zonas residência actuais dos Mancanha, ainda não existiam como étnico (T. da Mota 1947:158). Carvalho defende que os antepassados dos Mancanha vieram do Kaabu, no Leste da actual Guiné-Bissau, do mesmo modo, Ernesto de Vasconcellos afirma que os Mancanha eram originalmente um subgrupo dos Banhum na área do Kaabu (Vasconcellos 1917:94). Uma outra ideia sobre a origem dos Mancanha é: “*Buramos est la déformation de Ibahim, prénom musulman que portait jadis un roi islamisé de l’île de Bolama avant p’arrivée des portugais.* (JAO. 2003, p.112):

Esta é versão sobre a origem dos Mancanhas, mas há ainda outra que diz que, os Mancanhas, Manjacos e os Pepéis vieram, ou seja, os seus antepassados vieram do Sahara, onde teriam partilhado as mesmas ideias, durante a viagem, por isso que eles se consideram como famílias ou parentes e falam a mesma língua ou idioma. Jao (2003) mostra-nos uma outra história dos Mancanhas de que, antes que eles chegassem no seu actual território, já existiam, saíram de Gabu conduzidos por um homem chamado Djultum, para Bula e Có. Pegando outra versão de Jao (1989) temos a história de um homem chamado Bram (Braima) que era muito pobre e uma mulher de nome Bula de família rica (*fidji di ku tene, djintis di mom* em crioulo), os dois se apaixonaram e decidiram casar, como o homem era pobre (*Koitade* em crioulo) a família de Bula não gostou e não queria que Bula casasse com Bram (Braima), se opuseram a esse casamento,

então, como a família de Bula era rica e ela decidiu pegar um dos seus cavalos branco dá para imigrar muito longe da sua família, partiu com Bram para atual zona de Bula. Depois que eles chegaram lá se instalaram, daí nome de Bram passou a ser o nome do grupo étnico. Enquanto que a Bula passou a ser o nome do lugar que eles se instalaram. Então, todos que vieram chegar naquele território atual Bula, passaram a ser chamados de Brâme que é nome de Bram (Braima) e local ficou como Bula.

Este mesmo autor trouxe outra história sobre como este grupo passou a ser chamado de Mancanha ao invés de Bram. A história é a seguinte: havia um régulo de Bula chamado Mancanha M'boss, era no momento das eleições para escolher o novo régulo, já na época colonial, ou seja, dos portugueses, então Mancanha por sua vez começou a mobilizar a população Brame para dizer que queriam Mancanha M'boss como régulo, então, quando os portugueses chegaram em Bula perguntaram aos Brames quem eles queriam como régulo, os Brames responderam várias vezes em coro: queremos Mancanha! Só para frisar que o régulo pretendido era a favor dos colonos e também as gentes colônias estavam a favor de Mancanha M'boss. Daí os portugueses escreveram o nome dos Brames para Mancanha e de lá os Brames passaram a ter o nome do régulo Mancanha. Quem não concordava em se aliar a Mancanha era preso e torturado até a morte. Por isso, toda população tinha que concordar com o nome e aceitar ter o Mancanha como régulo, até os seus rivais na concorrência para herança tinham que concordar, porque ele era muito forte, já que tinha se aliado ao colonizador. Por isso todos precisavam aderir para não serem prejudicados.

Estas são as duas principais histórias sobre a origem dos Mancanhas. O primeiro relata sobre a origem do nome Brames e Bula, eram nomes dos indivíduos que chegaram primeiro no atual território de Bula e se alastraram para outros lugares, para Cói, que é bem próximo de Bula. Há que dizer que Brâmes eram compostos por três grupos étnicos, outros Brames de nomes Braima e Bula. Mas dá para ter noções mais ou menos sobre a história. Os Mancanhas se denominam Ba-ula, se for dos Mancanha de Cói se denominam Ba-Cói. Este grupo tem estrutura de regulados, o régulo é o personagem mais importante, é o chefe da população. Os Mancanhas ocupam 4% da população total da Guiné-Bissau, como já disse anteriormente. Este grupo aderiu à escolaridade muito cedo com os colonizadores, isso lhes permitiu ocupar lugares mais destacados na administração desde o período colonial (PINTO 2009).

3.3 Origem dos Pepéis

Há também várias versões sobre a origem dos Pepéis e a própria palavra Pepel e a da cidade de Bissau estão na mesma história. Apesar de não termos o nome dos Pepéis antes da presença colonial na Guiné-Bissau, podemos perceber que foram os portugueses que colocaram o nome Pepel, ou seja, os Pepéis se denominavam entre si. Este nome surgiu através da reivindicação e reclamações do pagamento de impostos. Há também outras explicações sobre este grupo, que iremos relatar mais na frente. No meu trabalho de conclusão de curso que fiz no bacharelado em humanidades, destaquei que a oralidade dizia que os Pepéis são descendentes de outro grupo étnico de Guiné-Bissau, neste caso os Biafadas que habitam na zona Sul do País, na região de Quinara. Vimos também que antes este grupo pertencia ou fazia parte dos Brâmes, Buramos que incluíam Manjaco e Mancanha. Depois da chegada dos portugueses começaram a juntá-los em um único povo.

O nome que os Pepéis eram denominados entre eles de *Ba-Sáu*, *Basháu* ou *Ba-são* (*Ensháu*), era o nome de uma das sete *djorsons* que eles têm. E também este nome foi denominado por Balantas, chamaram-nos de oriundos da ilha de Bissau. Etimologicamente, o termo *Ba-háu*, em Balanta significa acabou, eliminados, exterminados. Segundo essas explicações, houve um confronto entre os Balantas e os Pepéis em Bissau onde os Balanta perderam esse confronto contra os Pepéis, tendo sido eliminados. Neste confronto, houve um sobrevivente que voltou para comunidade dos seus parentes e ao voltar para aldeia os seus companheiros lhe perguntaram: onde estão seus companheiros? E ele por sua vez, respondeu-lhes que terminaram, ou seja, foram mortos todos pelos *Ba-São*, daí o nome dos Pepéis passou a ser *Ba-São* Bissau, daí os Balantas passaram a chamar os Papeis de Bissau de *Ba-Sáu* (DJALO 2013). No que toca a relação dos Pepéis com os Biafadas, há uma história que diz numa das tabancas de Biombo chamado Pikil, que quando os Pepéis fazem cerimônias, ao degolar qualquer animal lá em Pikil, o sangue sai lá na terra dos Biafadas em Quinara e quando os Biafadas fazem ritual lá em Quinara, o sinal de sangue apresenta em Pikil. Essa é outra versão oral contada pelos os mais velhos que eu tinha ouvido, sem levar em consideração de que um dia faria um trabalho deste. Voltamos para Djalo (2013) ao citar Valentim Fernandes, diz que os Pepéis são ou faziam partes dos conjuntos de Buramos, que incluíam Manjaco e Mancanha como *Biçaos* ou *Bissáus*. Estes grupos alguns os consideravam como descendentes dos Biafadas. Mas, para essa explicação não temos uma fonte bem clara para discutir sobre este assunto.

Uma outra oralidade disse que o nome Pepel surgiu através de uma reivindicação dos Pepéis aos portugueses na questão do pagamento de impostos de palhotas. Segundo a história oral, os Pepéis disseram que eram donos da terra e não havia motivo de pagar impostos nas suas próprias terra, eram os portugueses que deviam pagar impostos, porque eles vieram depois e ocuparam a terra dos nativos. Assim eles começaram a reclamar todos dias, indo ao posto do chefe português junto com a carta, ou seja, papeis, para pedir o não pagamento dos impostos, até o ponto em que os portugueses ficaram incomodados com as reclamações deste grupo. Quando vieram os Pepéis voltando de novo para reclamar os direitos de não pagar imposto, os portugueses diziam: estão vindo de novos os papeis! Daí surgiu o nome dos Papeis, ou Pepéis, no plural como no singular. No plural em português é Papeis, enquanto no plural em crioulo é *Pepelis*. Assim que essa parte dos Burames, Brâmes perdeu força e passou a ser chamada de Pepel.

Para Garraão (2017) o nome dos Pepéis veio das reclamações de cobrança de imposto atribuído pelos portugueses. Durante suas rebeliões de não pagar imposto é que surgiu o nome dos Pepéis:

Odete Semedo (2010) diz que os portugueses pagaram tributo aos régulos papeis até finais do século XIX, altura em que impuseram o pagamento dos impostos de cabeça e de palhota aos nativos. Segundo a autora, o nome dessa etnia estaria ligado ao relacionamento difícil com o colonizador. Os habitantes da ilha de Bissau, muito rebeldes, nunca quiseram pagar impostos de palhota e de cabeça impingidos pelos colonizadores e sempre que recebiam as notificações de pagamento, levavam o ‘o papel’ diretamente à administração, reclamando serem eles filhos do chão (terra) e por isso não deveriam pagar nada. Assim, sempre que os homens apareciam, os brancos exclamavam: “aí vêm os homens do papel!”. E o nome ficou. Quem passou essa informação para Odete Semedo foi a sua tia Maria Nank, uma das suas informantes. Na língua local (papel) esse grupo se autodomina *ussau*; os papéis de Biombo se autodenominam *yum*. (ODETE SEMEDO, 2010, *apud*, GARRAFÃO, 2017, p. 33,).

Maria Clara Saraiva (2003), totalizou a população total do Pepéis de 61.522 pessoas cerca de 73 habitantes por quilômetro quadrado, composta por 136 *tabankas*, com uma média de 316 habitante por cada, as suas organizações estão na base de *moransas*, (*mers* na língua pepel), também na *moransa* residem família, sentido extenso e restrito, incluindo casa individual, com chefia de homem grande (*omi garandi*) e chefe de *moransa*, a sua maior atividade de produção é mais na questão de agricultura familiar, através da ocupação da posse de terra. Sobre a questão da linhagem de *djorsos*, é mais uma questão de matrilinearidade. Esta região, que é região de Biombo é a região mais

ocupada do país por vários grupos étnicos, maior concentração está na capital de ‘Guiné-Bissau’. Vale mostrar que a região de Biombo inclui a capital Bissau e faz parte do território dos Pepéis segundo esta autora. Há alguns autores que dizem que os Pepéis ocupam 7% da população da Guiné-Bissau e outros que eles ocupam 10% da população, Saraiva (2003) restringe a 10% a população Pepel na Guiné-Bissau.

De acordo com Pinto (2009) da terra ou chão tradicional dos Pepéis faz parte a ilha de Bissau, subdividida em 7 clãs e hierarquizada, como já falamos que os Pepéis pertencem a um grupo de sociedade vertical, onde a hierarquia determina uma posição de régulo, chefe de tabanca, chefe de morança. Essas hierarquias também são vistas nos outros dois grupos da mesma família⁹.

São essas versões que trazemos sobre os Pepéis e suas origens. Eles são de origem Burames, Brâmes, Buramos, que juntava Maanjacos e Mancanha e também há versões de Biafadas, que teriam vindo do sul do país. Como no caso dos Mancanha, que falamos que estes grupos deviam ter vindo do Sahara e dos impérios de Mali, Gana, Kaabu etc...

3.4 Origem dos Manjacos

Para falar da origem dos Manjacos não podemos deixar de falar de um destes grupos étnicos, neste caso dos Brâmes ou Mancanha e Pepéis. Porém, há uma ligação histórica que eles interceptam em comum, não só na questão da língua, mas em outras coisas que eles têm em comum. Mais na frente do nosso trabalho iremos tratar desse assunto. Mas isso não nos impede de falar de cada um e dar outras versões de cada. Há contextos comuns e individuais e por isso estamos aqui procurando as versões.

De acordo com J. AMEAL, *apud* Djalo, 2013), os Manjacos são frutos da mestiçagem entre os Pepéis e os Mancanha, ou seja, Brâmes. Uma outra explicação de Manjaco é que palavra Manjacos significa ‘eu que digo’, ou seja, há uma forma de se auto denominar *Bandjacu* (*nandjaku*) ou *Ma-Djaco*, *Indji-Djaco* que é constituída por três partículas: *Mã* significa ‘eu’, ‘nós’, *Dja*, ‘dizer’. Manjacos ‘eu digo’ ou ‘nós dizemos’. Os Manjacos ficam situados majoritariamente na região de Cacheu. Apesar de outros autores apontarem 14% da população total dos Manjacos, Pinto (2009) apontou 9,4% da população constituída por Manjacos. Eles ocupam terceira posição dos grupos étnicos

⁹ *Moransa* é uma palavra guineense que indica unidade habitacional; conjunto de casas pertencente a um agregado familiar, pode ser de uma mesma família ou mais de uma família.

mais extensos na Guiné-Bissau depois dos Balantas e Fulas. Ocupam também a zona litoral do país na região de Cacheu. As suas organizações estão baseadas na sociedade vertical sob o sistema de regulado. A forma da escolha do régulo é feita através dos critérios tradicionais onde o Estado, ou seja, a autoridade administrativa não intervém nas escolhas do poder tradicional (PINTO 2009).

Queríamos destacar muito este grupo, mas como não temos material suficiente para discutir esses assuntos, estamos limitados. Mas podemos concluir que nas origens os Manjacos fazem parte dos Brâmes, únicos na mesma província. A expansão para outros lugares não faz eles deixarem de ser povo da mesma família. Os próprios rituais confirmam isso.

Uma das autodenominações deste grupo, tanto ele quanto os outros grupos, diz respeito à questão da localidade da residência, ao pertencer uma linhagem, exemplo, quando se refere a área de Bula e Có, os Mancanha se denominam os Ba-Ula, quando se referem aos Mancanha de Có se chamam de *Ba-Có* ou *Ba-hó*. Os Manjacos utilizam o prefixo ou etnônimo de Ba para se referir a tal território. Os Manjaco de Caio, Cagigute, se chamam Baió Bajegute, enquanto que os Pepéis utilizam o mesmo etnônimo para chamar a população de certo território: os Pepéis de Biombo, Tor, Prabís, Safim, Bigimita, utilizam *Ba-Iome*, *Ba-Hiome* ou *Ba-ome*, os de Prabís *Ba-Prabís*, os de Safim *Ba-Safi*, e os de *Bigimita Ba-Djimita*. (CARREIA, 1964:162, *apud* JAO, 2003). Estes grupos mesmo ao denominar outros grupos que não fazem parte dos Brâmes utilizam o etnônimo de Ba.

3.5 Fases etárias ou classes de idades dos Brâmes: Pepel, Manjacos e Mancanhas

Como sabemos que na sociedade africana existem fases etárias de vida, desde o nascimento até a morte, a Guiné-Bissau não foge dessas normas ou dessas práticas tradicionais. Neste caso, existem vários processos etários que um indivíduo tem que passar para chegar à fase adulta e até a fase do fim da sua vida. Os processos rituais que essa pessoa tem que passar de acordo com a sua idade, independentemente de cada grupo étnico. Nesses rituais, há os que são mais essenciais para uma pessoa passar por eles. Pode ser um ou mais de um ritual exigido, dependendo do sexo e também vários de cada grupo étnico existente na Guiné Bissau.

Temos a definição de classes de idades da seguinte forma, de acordo com Djalo (2013), “as classes de idade constituem um agrupamento de indivíduos dos sexos masculino (e muito excepcionalmente do sexo feminino) de um mesmo grupo étnico, segundo uma ordem crescente de ordem de idade”. (CARREIA, 1961, *apud* DJALO 2013, p, 30). O objetivo dessas classes é a inclusão social, um indivíduo deve passar num processo ritualista de acordo com a sua idade em conjunto com outras pessoas da sua idade, não necessariamente idades iguais, mas sim, da mesma faixa etária de x a até x. As pessoas que mostram uma semelhança em um determinado período. Mais ou menos ‘um grupo’ ou ‘classe de idade’. Este mesmo autor vai mais longe, a sociedade guineense é separada ou dividida de acordo com a classe etária, isso é mais específico na sociedade das etnias animistas, que tem diferentes fases etárias de socialização dos indivíduos. Esta forma de estratificação estabelece para a pessoa direitos e deveres na sociedade e ¹⁰na sua comunidade, tabanca ou dentro da sua etnia. Estas fases são chamadas em crioulo de *Mandjuandade*. Um dos elementos de *mandjuandade* é o rito de iniciação, casamento e outros ritos de passagem, aos quais o indivíduo do grupo de colegas deve se submeter, uma transição necessária em uma cerimônia que dá origem mágica e que no final desse ritual cerimonial confere um direito e obrigações, bem como um *status* social dentro da comunidade. Mudanças de hábitos de costumes anteriores e aquisição de novos hábitos na sociedade. (DJALO, 2013).

Ainda Djalo descreve elementos de classes etárias ou *mandjuandades* na classe infantil, classe impúbere, classe adolescente, classe adulta e classe dos anciões.

3.5.1 A classe infantil

No que se trata de classe infantil é o período que a criança nasce, ou seja, do nascimento da criança até o final de aleitamento, no turno de cinco anos de idade. Esta fase corresponde ao período em que a criança já está madura de vida. Período que os Mancanhas e Manjacos dão o nome para a criança, esta idade que a criança já está estável na vida. Estes dois grupos que eu mencionei, não davam o nome de criança antes dela completar cinco anos de vida, porque naquele período havia alta taxa de mortalidade

⁸ *Madjundade* Indivíduos mesma fase etária, da mesma idade; colegas, companheiro; agrupamentos de certos grupos de mulheres ou homens da mesma idade; pessoas que fazem o ritual de *fanado* junto; grupos culturais.

infantil, daí que eles davam o nome só quando acreditavam que a criança já estava estável e madura para suportar a doença.

3.5.2 A classe impúbere

Esta fase já vai incluir o indivíduo dentro da sociedade, é segunda etapa de vida, imposição do nome até à puberdade onde já ele pode entrar na puberdade, ritual de passagem final de aleitamento, onde já vai receber o nome, ensinamentos, educação de base no meio da família e dos vizinhos, já tem noção da vida.

3.5.3 A classe de adolescente

Esta fase já é a terceira, vai corresponder à da juventude, em que esse jovem vai atravessar a sua segunda infância, onde vai se preparar para passar no ritual da maioridade, passar no ritual de *fanado* (circuncisão). Essa fase em que o indivíduo aprende a trabalhar, preparar para o casamento, integrar na sociedade adulta na base dos princípios da vida da comunidade, o preparo para integrar outro processo de adulto na sociedade. É a fase de mais preparativos, amadurecimento, independência para enfrentar outras fases.

3.5.4 A classe adulta

Enquanto que a quarta fase é a fase ou classe adulta, o indivíduo entra ou já faz *fanado* e termina a sua maturidade, é fase de usufruir dos seus direitos desses rituais de passagem que a pessoa fez. Ou que já adquiriu ao longo do período

3.5.5 A classe dos anciões

Por última, é a fase do término de tudo que o indivíduo já passou e vai preparar para a morte. Então, este indivíduo goza do estatuto de homem grande ou mulher grande (sábio) respeitado/da. Este indivíduo tem perfil de aconselhador, o ancião é consultado para opinar e aconselhar sobre o que deve ser feito na comunidade (DJALO, 2013). Por isso, uma das passagens do Hampâté Bá diz que um homem grande ou homem velho é considerado como uma biblioteca. Quando morre um homem grande ou quando morre

um velho é perda de uma biblioteca, devido às suas sabedorias, e suas experiências de vida.

Ao descrever estas fases etárias da vida social da sociedade guineense especialmente aos grupos étnicos animistas, os Brâmes desfrutam destas cinco classificações de fases etárias, tanto os homens quanto as mulheres. Estes três grupos passam nessas fases, os jeitos de passagem podem ser diferentes, mas são as mesmas caracterizações.

Vamos trazer o ritual de passagem que é tão vulgar na Guiné-Bissau, quase ou todos grupos étnicos da Guiné-Bissau usam ou passam nestas práticas de ritual de passagem que é chamado *fanado* (circuncisão), é um ritual bem respeitoso nessa sociedade. Como já referimos na primeira sessão, este grupo de Brâmes faz parte da sociedade vertical, onde a figura do régulo é bem respeitada e importante, onde ele é quem comanda. Nas fases que acabamos de descrever em cima, cada fase tem as suas normas e regalias em termos de estatutos, onde começam e onde terminam os seus limites, o início e o fim. Assim também funcionam as hierarquias nos seios destes três grupos étnicos. Enquanto que na sociedade horizontal não há tantas hierarquias, de uma figura do régulo, às vezes só chefe da *tabanka*.

3.6 O rito de *fanado* ou da circuncisão masculina

Quando falamos que todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau têm práticas de *fanado*, não definimos que tipo, ou seja, quais sexos fazem o *fanado*. É de salientar que, o *fanado* se faz nos dois sexos, se faz no sexo feminino e também no sexo masculino. Mas, em alguns grupos étnicos não se faz o *fanado* feminino, como por exemplo entre os Pepéis, Manjacos e os Mancanha que são do nosso estudo. Mas há outros grupos étnicos animistas que não praticam o *fanado* feminino. O *fanado* feminino é mais predominante na sociedade muçulmana. As mulheres se submetem a esta prática, mas está sendo deixada de lado, porque não faz à saúde das mulheres segundo a justificativa da autoridade guineense e a própria religião muçulmana está em discussão sobre o abandono total desta prática, já tem lei que a proíbe. No nosso caso do nosso trabalho, os Brâmes não fazem *fanado* feminino, só o masculino.

3.6.1 Afinal, o que é *fanado*?

Existem dois tipos de *fanados*, como já falamos, um para meninas e outro para rapazes. O primário *fanado* dos rapazes é o ato de remoção do anel prepucial e das meninas é remoção do clitóris. Estas práticas de operações acontecem num mato bem isolado onde ninguém pode vê-las, quem podem ver são as pessoas que já passaram nesse ritual que pertencem à mesma comunidade ou etnia. Os participantes ou iniciados passam um período no mato que pode durar um, dois até mais de três meses, dependendo do tempo estipulado de cada grupo étnico. Para as mulheres dura algumas semanas segundo (DJALO 2013). Enquanto Subuhana (2001) mostra que “...A finalidade do rito de circuncisão é a de exercer sobre o pênis um ato simbólico. Com o nascimento e os ritos correspondentes, a criança ainda não está completamente integrada na sociedade. ” (SUBUHANA 2001, p. 49). Ainda Djalo (2013) vai mais longe, dizendo que o *fanado* é o processo muito importante na medida em que o indivíduo vai se sociabilizar na comunidade e onde terá o preceito e norma de conduta social. Enquanto que Amadou Hampâté Bâ (1981) mostra que “A iniciação tem o propósito de dar à pessoa física um poder moral e mental que condiciona e ajuda a realização perfeita e total do indivíduo” (HAMPÂTÈ BÂ, 1981, p.2). Para Fafali Koudawo (1991) a iniciação é um canal muito importante na educação no processo de integração, que faz com que o indivíduo atinja a maturidade biológica e aceda a uma maturidade social. Tanto no masculino, como no feminino, este processo de iniciação confere à pessoa a vontade de resistência e também a forma de responsabilidade perante a família, comunidade e sociedade. Ainda falando de Koudawo (1991), a iniciação é o voto principal da agregação do indivíduo ao curso social. É o rito de passagem e de nascimento. É uma representação simbólica social, faz separação e transformação, agregação, afastamento de certas práticas que a sociedade considera más ou inúteis ou infantis para algo de bom, durante esse processo ritualista ou de iniciação a pessoa é ensinada, com revelações das provas, com identidade ética e normas sociais que compõem a sociedade em que ela está inserida, é a fase da separação e do isolamento. É a fase de remodelação através do ensinamento prático dos sinais, gestos, sacramentos, o que é bom para sociedade e o que não é bom (KOUDAWO 1991).

No caso de Manjaco, o seu *fanado* dura um período de três meses. Nestes três meses eles são educados no mato como se relacionar com a sociedade, com os mais velhos, como conhecer a natureza, os sagrados, caçar, pesca, apreender sobre a vida sexual e questão moral. É de informar que estes ensinamentos adquiridos no mato não

podem ser revelados a ninguém que não passou por processo ritualista. Isso também acontece nos outros grupos étnicos da Guiné-Bissau, neste caso os Pepéis e Mancanhas. *Fanado* é o principal ritual mais importante, ou seja, mais sagrado para os homens destes grupos, é o ritual de passagem da integração do indivíduo dentro da sociedade destes grupos. Namone (2014) mostra que o *fanado* é a forma de transmissão de conhecimento principalmente nas zonas rurais da Guiné-Bissau, é um rito que se realiza em sítios reservados especialmente para realização desse ritual, os guineenses chamam esse lugar de “*barraca de fanado*”. A educação é feita também nas *moransas* onde as crianças, jovens e os mais velhos sentam num círculo numa noite luar, quando não tem lua acendem o fogo para clarear o lar onde sentam para contar histórias ligadas à sociedade, situações de vida, sobre a natureza, fábulas, entre outras histórias que fazem a criança e jovens entenderem o mundo e por onde irá passar no futuro. Educação na comunidade tradicional ou rituais que é realizado por pessoas mais velhas, que são consideradas os sábios ou detentores de conhecimentos, os que já passaram neste ritual servem também como os orientadores para os que irão ou os que estão sendo iniciadas. A transmissão de conhecimento se faz através de ritos de iniciação. Este mesmo autor mostra que para além de rituais de iniciação que servem para transmissão de conhecimento, existem outras formas de transmissão de conhecimento, através das histórias que juntam as crianças, adolescentes e jovens durante a noite numa roda de contar histórias relacionadas com as coisas da vida e da cosmologia na sociedade. Dar exemplo e comparação das coisas da vida.

Para Cardoso (2003) o *fanado* confere à pessoa um determinado privilégio na sociedade, dá acesso à ascensão na sociedade, mostra a importância da pessoa na sociedade ao passar nesse processo ritualista, do indivíduo de poder presenciar certas cerimônias e adquirir outro tratamento de reserva após da morte. Neste ritual de passagem a idade não se leva em conta, mesmo tendo muitos anos sem o *fanado* a pessoa ainda é criança, não sabe nada de sociedade e mesmo também tendo cursado muitas faculdades, tendo vários diplomas, este indivíduo é considerado como uma criança, não é civilizado, não é educado ou purificado na sociedade tradicional, só quando for realizar esse ritual de iniciação que vai ser considerado na sociedade uma pessoa adulta, respeitado e terá o privilégio de participar em qualquer cerimônia sagrada naquela sociedade.

Para Garrafão Botiam Có, 2010, (*apud* Garrafão, 2017), o *fanado* para os Pepéis é uma prática tradicional muito sagrada. Ao participar no ritual de iniciação o indivíduo

passa a ser um adulto e tomar a consciência de identidade e estatutos de adulto, ter competência para participar nas cerimônias fúnebres, ter acesso aos outros ritos sagrados e vai poder casar. E seu próprio funeral passará a ter uma grande relevância na comunidade Pepel. Ainda descreve que as moças adquirem o ritual do *k'mari* (casamento) enquanto que os rapazes adquirem ritual de *fanado* e o casamento. O primeiro é o *fanado*, segundo é casamento para os rapazes. Para os Pepéis mesmo se a pessoa for *fanado* com circuncisão de hospital se não for de “*barraca de fanado*” do mato é considerado *plufo*, pessoa que não é iniciada.¹¹

Há dois tipos de classificação de sociedade tradicional ou dos grupos étnicos guineenses em termos de iniciação. Quem é iniciado e quem não é iniciado. Quem não passar no processo de iniciação do *fanado* (circuncisão) é chamado de *blufo*. E quem já fez o *fanado* (circuncisão) tanto de hospital como de barraca é considerado *fanado* ou *lambem* na língua crioula. Mas, cada grupo étnico tem as suas formas de classificar essas duas classificações. *Blufo* é palavra muito feia para os guineenses principalmente para os grupos étnicos nas zonas rurais, por isso todo mundo quer ir *fanado* para não ter esse feio nome, que significa não é educado, não tem moral, sem conhecimento, sem civilização entre outros aspectos negativos sobre essa denominação. Para outros grupos étnicos, no caso dos Balanta *blufo* é fama para quem ainda não foi, é uma honra de ser chamado de *blufo* grande, porque eles vão para *fanado* com idade muito avançado, de idade jovem para adulto, até os outros envelhecem, outros têm muito filhos para depois ir para o *fanado*. No nosso caso, os Brâmes vão para *fanado* partir de adolescente para jovem, este nome de *blufo* é muito feio por eles.

É bom lembrar que nestes grupos dos Brâmes não há o *fanado* de meninas, só dos rapazes, como já referimos acima que a prática de *fanado* de mulheres é mais dominante ou vista nos grupos étnicos islâmicos, de religião muçulmana. Isso não significa que os grupos étnicos animistas não têm *fanado* feminino, mas alguns grupos étnicos animistas têm, no caso dos Bijagós, mas não fazem a remoção de clítoris.

9 *Blufu* é o termo usado em crioulo para referir a quem nunca passou por processo de ritual de *fanado*; quem não é circuncidado; quem não é educado, se comporta mal na sociedade, quem não é civilizado, não está na linha da educação da sociedade.

Lambe são pessoas que já passaram por *fanado* tradicional, dito *fanado* de barraca sob a orientação que estão passando por *fanado*, os cuidadores dos *fanados* novos, tanto na barraca e tanto como os primeiros dias das suas saídas de barracas; pessoa que já participou nas cerimônias de iniciação; o que dá instruções aos novos iniciados.

É de frisar que, os autores que acabamos de citar mostram que o ritual de iniciação, ou de circuncisão é a outra forma de adquirir conhecimentos, num período ou local que permite ao indivíduo passar de uma fase para outra. Passar da fase de criança para fase de adulto onde esse indivíduo vai ter acesso ao casamento, participar nas reuniões importantes da comunidade, ter acesso ao funeral, e pertencer a um certo *status* de respeitado dentro da sociedade em que este indivíduo está inserido. Mesmo sendo adulto, se não passar nesse processo de iniciação a pessoa é considerada como criança, porque não recebeu ensinamento e purificação que vai lhe fazer a ter estatuto de adulto na sociedade tradicional. Como se fosse no caso de escolaridade, analfabeto é alfabeto, mesmo sendo adulto e velho, se não tiver escolaridade é analfabeto e mesmo sendo criança, sem escolaridade é analfabeta. Está aqui o que podemos dar como esclarecimento comparativo. O rito de *fanado* ou circuncisão dá à pessoa o outro perfil na sociedade tradicional, muda o indivíduo de uma fase para outra.

3.6.2 Casamento

No que se refere ao casamento, como já falamos do *fanado*, é cerimonia muito sagrada e importante para os Brâmes, entendemos que nestes três grupos étnicos o indivíduo não pode casar antes de fazer o ritual de *fanado*. Primeiro, a pessoa tem que passar o ritual de iniciação (*fanado*) onde ela vai adquirir conhecimentos de como lidar com a mulher, a sociedade, a natureza, tanto como com os animais, a cosmologia, saber respeitar os mais velhos e os mais novos. Então, ao cumprir esse processo ritualístico destas sociedades, a pessoa já está apta para casar, já sabe cuidar da mulher e da família. Então, se não passar no *fanado* significa que não tem condições ou não vai saber como lidar com a sua esposa em casa, ou algo está faltando para você. O casamento ocupa uma posição de mais nível do que o *fanado* para os homens, enquanto que as mulheres só têm o ritual de casamento, como já referimos.

Dentro destes três grupos étnicos, mesmo se a pessoa casar no oficial do Estado, na igreja, se não casar no casamento tradicional nesses grupos significa que a pessoa é considerada solteira. Para ser casado (a) pessoas tem que priorizar o casamento tradicional para poderem usufruir de certos direitos, quando morrer terá respeitoso de tratamento do seu cadáver, não só quando morrer, mais quando ainda estiver em vida, terá certas regalias e privilégios de *status* na sociedade que vai diferenciar entre quem é casada (a) dentro

destes grupos étnicos. E também dos direitos, deveres e *status* mais importante na sociedade.

Garrafão (2017) mostra que o casamento é “ uma união mais ou menos durável entre homem e mulher que vai além do ato de reprodução e até depois do nascimento dos filhos. ” (GARRAFÃO, 2017, p.15). Ainda está mesma autora vai mais longe, explicando que o termo casamento é a união de pessoas pela sociedade em especial relacionamento entre o esposo e a esposa, junção de cerimônias que servem para estabelecer o relacionamento ou o comportamento do relacionamento nesta união.

Nessa sociedade tradicional entre os Mancanha, Manjacos e os Pepéis, antigamente ao indivíduo não era permitido escolher o seu próprio parceiro, a família ou membro da família tinha que escolher o parceiro ou parceira para que eles casassem. Mas, com o tempo, essas práticas de dar casamento sem consentimento dos casais estão se perdendo cada vez mais. Garrafão (2017) mostra que na tradição dos Pepéis, quando uma mulher atingia a idade ou fase de puberdade na sua comunidade a sua família esperava que ela tivesse uma indicação de com quem ela iria casar. Para ela respeitar os seus pais e não quebrar as regras da tradição, ela tinha de obedecer a indicação dos pais para casar, os pais indicavam os pretendentes para casar. Ou seja, se um homem queria casar com uma mulher tinha que solicitar a seus pais, no caso deles estarem de acordo aceitariam o pedido, caso contrário rejeitariam. O casamento para Paulinha (2014), descreve que “o casamento é uma das cerimônias mais sagradas das comunidades em estudo, e a sua realização passa por diversas etapas, entre as quais o noivado”. (PAULINHA, 2014, p,109). Neste caso, ela está se referindo a subgrupos dos Manjacos de Tchur-Brique. Voltando à CÓ, 2010, *apud* GARRAFÃO, 2017), mostra que o casamento é o ritual de passagem mais importante das mulheres Pepéis, (*K'mari*) é tão desejado por todas as mulheres, não só as mulheres, mas também todos homens desejam passar por este ritual.

No caso dos Pepéis, mesmo se um homem tiver filho com a mulher e não fizer a cerimônia do casamento e se outro homem vier a fazer-lhe o ritual tradicional do casamento, esse pai biológico não terá o direito aos seus filhos biológicos, o homem que fez a cerimônia do casamento com a mulher passa a ter direito e privilégio com esses filhos. Por isso todos homens quando engravidam as mulheres fazem tudo para realizar o ritual de casamento para não perder o direito sobre os filhos. Mesmo terminado o relacionamento os homens preferem realizar o casamento para ter o benefício do acesso aos filhos. Garrafão, 2017, traz outra possibilidade da mulher que não se casou enquanto

estava viva, ao morrer a família pode procurar fazer a cerimônia de casamento do cadáver, de lá, esse defunta passa a ter estatuto de casada, as filhas ou filhos caso ela os tenha passam a pertencer ao homem que fez com o cadáver o casamento tradicional. Mesmo que uma pessoa casasse no cartório, esse casamento não serviria na tradição Pepel. Uma outra consequência de não casar tradicionalmente é quando a pessoa morrer, tanto o homem como a mulher não terão direito a bom tratamento de cadáver ou a rituais fúnebres. Como falei, há distinção para quem foi ou não *fanado*, isso também acontece no casamento, quem não é casado (a) é chamado (a) de *ombança*, e quem foi casado/a é chamada de *ondjenzse*, em língua Pepel. Então, essas duas classificações diferenciam a forma de tratamento no velório quando morrer a pessoa. Uma forma de classificação, uma menina que não é casada é chamada de moça (*M'pili*), mulher casada é chamada de (*Negne ou Nhar*).

Mendes (2014) mostra que no caso dos Manjacos de Tchur e de Babok, há duas formas de realização da escolha do noivo. Primeira coisa, a escolha é feita por parte da família do noivo, logo ao nascimento das crianças a família do noivo já pode escolher a sua noiva para a família, a menina é indicada para ser a noiva do menino. Na segunda fase, implica a conjugação de vontade de ambas as famílias, não se pode envolver. A autora descreve ainda que o casamento é feito também de duas formas, primeiro, é a entrega das quantias de vinho aos familiares da noiva em forma de pedido oficial de casamento e depois de cumprir a mulher é autorizada a ir viver com marido, mas não é considerado como casamento. Casamento só será feito quando vier a fazer outro ritual que é chamado em Manjaco de *catul/uguingue/uguiengue* é o segunda e última fase no casamento. O homem vive junto com a mulher. Mas se no caso o homem vier a falecer sem realizar esse último cerimonial de casamento, os filhos ou as filhas dele não terão direito às honras fúnebres do marido. Neste caso, a comunidade pode aceder a este direito de realizar o casamento simultâneo com o funeral. Mas esse tipo de casamento é bem restrito, só tem a presença da família nesse ritual. Uma outra explicação dessa autora é de que, se um homem casar com a mulher e vier a falecer quem herda a mulher do falecido é o irmão ou primo do falecido, se o falecido tiver mais de um irmão ou um primo os anciões Manjacos da família marido (*bantohi/bantoi*) são eles que escolhem o novo marido, se no caso ela não queira casar com ninguém da família do marido ela pode abandonar o recinto para procurar o novo casamento no caso dela tiver filhos, mesmo que seja um filho. Mas se ela não tiver filho é obrigada a pagar os gastos que ex-marido fez

aos familiares do ex-marido. Esse filho que ela tem no casamento é o pago do sangue que ela tinha perdido no parto segundo a tradição.

Como já descrevemos na primeira sessão que a sociedade guineense é uma sociedade poligâmica, então, nessa ótica, estes três grupos étnicos, os Brâmes não escapam desta prática poligâmica. Eles podem casar com mais de uma mulher, já que saibam cuidar bem delas de forma igualitária. Um outro elemento que podemos ver aqui, é questão da hierarquia das mulheres no casamento poligâmico. A primeira mulher é considerada a dona da casa, ela é a chefe. Ela que comanda as outras, na ausência do marido ela que decide, as outras obedecem, assim também a segunda tem autoridade sobre as outras.

3.6.3 Importância do casamento

Semedo (2010) mostra as vantagens, ou seja, a importância do pano de pente em categorias e cores diferentes, o que contribui para a valorização das pessoas casadas, principalmente as mulheres Pepel, a prova é o pano de cor preta como honra no funeral de quem tem cumprido o ritual sagrado do casamento tradicional. Segundo a autora, quem pode receber o *kunun'ôt djîna*, ou seja, (o pano preto) como honra no seu funeral é aquela que passou o ritual de casamento tradicional Pepel.

O casamento tem grande importância neste grupo Brâmes no que se refere ao estatuto social da morte. Em alguns casos, como os Papeis e os Mancanhas, quem não cumpriu a cerimônia tradicional do casamento não terá direito a uma esteira de sagrada, neste caso, há duas distinções da esteira, uma é chamada de *cambança*, a outra é chamada de *candjencem*. Quem casou tradicionalmente tem direito a esta esteira *candjencem*, tanto homens como mulheres. Esta esteira é muito sagrada para estes dois grupos étnicos. A solteira não terá direito de ser lavada com água quente. No caso dos homens não podem ter tangas de peles sobre o corpo. Essa pele é de cabra, no caso dos Pepéis é a família da noiva do falecido que tem direito de levar essa pele de cabra para colocar no último embrulhamento de cadáver. Nas mulheres casadas são colocadas as missangas em torno de pescoço e na barriga. Se no caso a mulher não é casada e tiver filho ou filhas não recebe decoração corporais de nenhuma figura, o corpo é deixado sem nenhum tratamento especial (CARDOSO 2003). Por isso que a família e a sociedade fazem de tudo para que na sua família seja realizado esse ritual do casamento tradicional, para não passar

vergonha quando vier a morrer um membro da família. Estes colares de missangas e água quente simbolizam o estatuto social da mulher casada. Enquanto que para o sexo masculino é a pele de cabrito dos defuntos. Há outra questão importante em que os Mancanhas diferenciam os casados dos solteiros, são os cemitérios. Há cemitérios específicos só para os casados (as). Os casados têm direito a serem sepultados (as) nos cemitérios dos adultos, enquanto que os solteiros são sepultados nos cemitérios das crianças, mesmo que o indivíduo tiver sessenta anos ele é enterrado junto com as crianças, porque não realizou o casamento tradicional.

3.6.4 Práticas Religiosas e Religião

Para falar da religião destes grupos étnicos não podemos deixar de falar da animista, como já referimos na nossa primeira Sessão. A sociedade guineense é composta por três grupos sociais: muçulmanos ou islamizados, cristãos e animistas, onde os Brâmes estão inseridos. Essa religião é a religião africana, a religião mais predominante na África, ou seja, na África tradicional e não na África moderna. Esses grupos têm suas normas tradicionais e as práticas de suas religiões, que são muito diferentes das religiões dos europeus modernos.

Religião para Edward Wamala (2004):

Como chefe de clãs totêmicos, *Kabaka* também era chefe da atividade religiosa na tribo. Note-se aqui que a religião se centrava em torno dos cultos de deuses (*Bakatonda*), ancestrais (*emizimu*), e espíritos (*emisambwa*). Enquanto as pessoas comuns invocavam tais seres para resolver problemas pessoais, o *Kabaka* invocava-os em nome do Estado, para assegurar suporte sobrenatural na guerra, ou então afastar catástrofes naturais. (WAMALA, 2004, p.2).

O autor quer nos mostrar que a religião é o conjunto de práticas que se centralizam na cultura, agregação de pessoas que invocam um ser superior a nós, que acreditam que esse ‘ser superior’ vai resolver o problema tanto individual como coletivo, a religião serve também como crença num ‘ser supernatural’.

De acordo com Djalo (2013), é uma organização política e de família alargada, que tem uma estrutura de família que é orientada pelos seus conselheiros sobre as normas, chefias, tudo em forma de organização sociopolítica, na base de uma estrutura controlada por parentesco com poder de decisão. Ainda este autor mostra que a população animista

constitui um poder centralizado na questão da religião e também é o conjunto dos grupos étnicos, *djorson* (clã), linhagens, que compõem a autoridade de uma organização independente, centralizada, sob controle destes mesmos grupos, que tem suas normas, instituições jurídicas, suas leis, suas formas de classificar riqueza, com bens e privilégios de estatutos diferentes das outras religiões. Como também, entre os animistas as práticas e normas são diferentes de acordo cada grupo étnico. Como já falamos anteriormente, existe uma sociedade horizontal e outra vertical. Neste contexto, os Brâmes estão no grupo de sociedade vertical que possui a estrutura de chefe tradicional (régulo) ou rei. A política de chefia destes grupos Brâmes é a seguinte:

- Chefes tradicionais (régulos) ou reis;
- Conselho dos anciões;
- Chefes de aldeias;
- Chefe de família.

Para os Manjacos a sua religião é denominada *baluguns* (ancestrais), esses são os seus deuses, eles os adoram, ou seja, esse *baluguns* são representados pelos *itchap* e *iran* que servem como a ligação entre os vivos e seus ancestrais (Deus), como se fosse no caso da religião cristã que tem como a sua representatividade de bíblia Jesus Cristo, no caso do alcorão é o profeta Mohamed, esse saber tradicional ou saber local está sendo trocado para saber universal ou seja, saber moderno. MENDES (2014). Para Saraiva (2003), a religião é um pilar muito essencial para os Pepéis, que rege todas as normas da sociedade e que é constituído por um ser Superior chamado *Ursi* (Deus em pepel), que compreende muitos espíritos chamados também de *irã*¹² em crioulo (*ussai* ou *n,sai* em pepel)

10 *Irân* é o termo comum na Guiné-Bissau para indicar os vários símbolos dos seres da religião tradicional africana, o ser supremo, tem várias formas de escrever esta palavra *iran*, *irâm*, *irâ*, ou *hirâm*, com significado de um lugar de efetivação das cerimónias mágicas dos objetos natural ou artificial, lugar de conjunto de realização de ritualismo simultaneamente. Pode ser também espíritos invisível, pode ser como objetivo de fazer bem ou mal, pedindo de forma que pessoa o utiliza para o seu tratamento, pode ser na cura, contrato de conseguir bom emprego conseguir algo de bom, enquanto que de mal é para ser utilizado para feitiçaria, para matar outra pessoa.

Baloba é lugar de fazer cerimónias, ou seja, altar familiar da *djorson*; local onde pairam as almas dos antepassados

Baloberu já é um indivíduo representante da *baloba*, é um sacerdote ou sacerdotisa responsável pelo culto religioso tradicional na *baloba* de uma *tabanka*

Bapene é a mesma coisa com *baloberu*, só que é mais para a língua os Brâmes: Pepéis, Manjacos e Mancanhas. Esta palavra é utilizada nos três grupos étnicos que acabamos de citar que representa os sacerdotes tradicionais destes grupos.

espalhados por diversos santuários espirituais como os *balobas*, *kansarés*, representados por *firkidjas* e *testos*. Esses conjuntos de objetos e santuários mantêm ou perpetuam uma relação entre o mundo dos vivos e dos mortos, entre os mortos e os vivos e as representatividades para esses espíritos religiosos são os *balobeiros* e *djambakuses* (em crioulo), *babene* (em pepel e manjaco) que comunicam em diversas formas com os seus antepassados, através dessas pessoas especialistas como *babene*, *balobeiro* e *djambakuses*. Comunicação cotidiana em forma de gestos: antes de comer comida se derrama arroz, bebida especialmente feita da *cana* (cachaça) ou do vinho *palmo*, vinho tirado das palmeiras, para falar com os seus antepassados, desta mesma forma, não pode se realizar qualquer cerimônia sem consultá-los, são esses que vão lhe dizer se pode ser realizada a cerimônia ou não, se não consultar qualquer esses ancestrais poderão sofrer as consequências no futuro. Como por exemplo no rito de iniciação (*fanado*), casamento, *toka tchur*, e outros rituais. Estes *usai* se encontram em diferentes locais, sob diversas formas, mas só que ninguém pode vê-los, a não ser que tenha poder supernatural, feiticeiro e *pautero* podem ver esses *iram* (*usai*, *n,sai*, em pepel), pessoa normal não pode ver e nem saber onde estão esses *usai*, só pode ver os objetos como *testos* e *firkidja*.

Uma outra particularidade entre os Manjacos, Mancanhas e os Pepéis em torno das religiões é a questão de *djambakús* ou balobeiro, (em língua pepel *n,péne*) os manjacos *bapene*), são esses espíritos que representam almas da família tanto das *djorsons* através das pessoas que faleceram dessas família ou *djorson*, através dos objetos no interior das suas casas. Quando morre a pessoa esses *balobeiro* tentam procurar o porquê, o motivo que o matou, a origem da morte. E outra coisa que podemos identificar ou constatar entre esses grupos é a forma que eles fazem esculpir a madeira para simbolizar a pessoa que já morreu ou para representar seus santuários de espíritos. Essa representação é chamada de forquilhas ou *firkidja* de alma (*petchap-balugum* na língua *Manjaco* de Pelundo. Em português ‘objeto do defunto’. Tudo o que estes três grupos vão fazer tem que consultar esse santuário. Se vai viajar para fora, época da lavoura, no início da chuva eles fazem pedido para que a chuva venha forte e a colheita produza muito. Para

Firkidja é uma vara bifurcada que se coloca no interior da casa para segurar objetos tradicional ‘texto’ e também é colocada uma quantidade de *firkidja* para murar um terreno ou um quintal da família ou da morança.

Testos é um objeto construído com barros, tampa para vasilha, panela de barros.

que a viagem corra bem, quaisquer tipos de trabalho que vão fazer, fazem o pedido aos seus santuários dos espíritos dos ancestrais mortos. Sem esquecer que quando vão fazer pedidos sempre estão acompanhados com vinho de *cana* (cachaça) ou vinho *palmo* e com comida (CARDOSO 2004). Djalo (2013) vai dizer que *Impêne* ou *Mpêndé*, *Djambacós* conhecido em crioulo como *baloubeiro* servem como intermediários entre homens e os bons espíritos, principalmente os ancestrais. Como também os *Irã* ajudam nas práticas que evocam e invocam o coletivo e o individual, porque tem *Irã* individual e coletivo.

Os Brâmes apresentam uma crença enorme nas suas religiões tradicionais, que pode ser constatada em dois níveis. Primeiro nível é constituído pelas diferenças nas suas atitudes comportamentais em relação aos fenômenos sociais tão naturais na vida da comunidade. A relação está muito ligada à questão da vida da comunidade. E no último nível tem a ver com a questão da posição no estatuto social. Neste caso, os *balobero djambakús*, ou *bapéné* estão inseridos na direção ou comando dos ritos e do culto tradicional. JAO (1989).

3.7 A organização social e política

Entre esses Brâmes para além de algo em comum que eles têm, há também algo particular que cada um tem. Apesar de serem um único povo, cada um tem a sua particularidade no que toca a questão da sociopolítica. Essas particularidades podem se notar na questão do ritual de *fanado*, casamento que falamos, práticas religiosas, questão da morte, forma de tratamento de cadáver e por último a questão da herança (sucessão de trono). Neste âmbito vamos falar de seu aspecto social e político.

No caso dos Pepéis a sua organização social e política está ligada mais na questão da linhagem e representatividade por *djorson*. Djalo (2013) destaca alguns elementos em que a *djorson* ligada nele tem algo ligado à natureza e aos animais. (DJALO 2013, p. 59):

As sete linhagens que compõem a etnia dos Pepéis reagrupam-se nos diferentes clãs cada um simbolizado por um animal cujo nome se torna o nome da família dos membros do clã: o clã *Intchassu* leva o nome de *Nanque* (onça). Este clã, que é também o dos nobres, utilizado igualmente o nome IE. Dizem-se bravos como a onça, razão pela qual exercem funções de comando (os reis, os *Djagras*). O clã *Intsutu*, o de *DJÔ* (“urso-formigueiro”) admitem ser idiotas como o *timba* (o tamanduá, “urso formigueiro”); o clã *de Intsâfintê*, o de TE (a lebre), são astutos como a lebre; o clã de *Intsô*, o de *KÔ* (sapo). Dedicam-se à cultura da terra e estão sempre imensos

em água, na lama como o sapo; o clã de *Indjòkomo*, o de KÀ (a hiena). Foram, no seu tempo, guerreiros temidos. Atacavam como a hiena. O clã de *Iga*, o de SÁ (o antílope frintambá). Fazem-se notar pela sua graciosidade e a sua elegância, à imagem do antílope (frintambá); o clã *Intsatê*, o de INDI (macaco). Tornaram-se mestre em matéria de extracção de vinho de palma e sabem às palmeiras como os macacos. (DJALO 2013, p. 59):

Neste grupo étnico, só ao saber o apelido ou sobrenome da pessoa já se sabe qual o clã ao qual essa pessoa pertence e também qual a *tabanka* que ela vai herdar. E outra coisa que este mesmo autor trata é a questão da uterinalidade. A criança recebe o totem da sua mãe. Sem esquecer que estes grupos que estamos falando, todos são representados por *djorsons*. Os Pepéis sempre pertencem à linhagem da mãe. Entre destas linhagens ou *djorsons* há uma *djorson* nobre que tem direito de ser chefe máximo (régulo), é ela que comanda e também há subchefes.

No que se refere aos Mancanhas, sua estrutura sociopolítica está organizada em seis (6) categorias da sociedade, ou seja, seis grupos de fases etárias, que são:

1. *Bampóte*, das 0 aos 6 anos;
2. *Baiafa*, dos 7 anos aos 14 anos;
3. *Batassa bampóte*, aos 15 aos 20 anos;
4. *Natassa (basassa) Baaweque*, dos 21 aos 30 anos;
5. *Batassa Bantoes*, dos 31 aos 40 anos.
6. *Bantoes*, a partir dos 40 anos de idade. (JAO, 2003, p.59.)

Primeira fase desde nascimento aos 5-6 anos de idade é a fase dos *bampóte* em que os pais da criança ficam com incerteza sobre a sobrevivência dos seus filhos se vão ter a vida ou não, nas suas convicções. Segundo as suas explicações havia uma grande taxa de mortalidade, pelo que eles tinham medo de colocar os nomes na criança depois ela vir a falecer, para eles lembrarem o nome de quem já morreu era muito complicado, por isso que eles não pretendiam dar nome a uma criança recém-nascida nessa fase de *bampóte*.

Na segunda fase, é a determinação do sexo, no caso do sexo masculino é chamado de *N,duba* que significa (rapaz) e no caso do sexo feminino é chamada de *Pono*, que significa rapariga (menina), estes nomes são nomes provisórios, porque, para os Mancanha lembrar do nome da pessoa que já faleceu é muito penoso, por isso eles preferem esperar a criança até a altura quando tiverem certeza da sua sobrevivência. Para

colocar os nomes definitivos não precisam de fazer quaisquer outros tipos de cerimônias, porque ela já se tornou um homem, ou seja, um pecador.

A fase três é a fase em que se preparam para ir à iniciação do *fanado*, *bataste bampóte*, é de salientar que os rapazes ou meninas desta fase não se casaram ainda ou seja, é a fase de preparação para casamento, mas primeiro os rapazes têm que se submeter ao ritual de iniciação, a circuncisão (*fanado*). Há dois tipos de submissão. O primeiro se chama em Mancanha de *katassa*, segundo ritual muito essencial. Só depois de ser submetido ao *katassa* é que vai ter direito de casar. Nesta sociedade, mesmo tendo idade muito avançada, se não se submeter a esse ritual, a pessoa é considerada criança. Neste ritual o indivíduo aprende muitas coisas sobre a vida social, agricultura, código social e civil, como se comportar perante a sociedade.

Nesta fase quarta é a fase que a pessoa já foi submetida ao segundo fanado, denominado *fanado grande*, ou *katassa*, nesse período em que essa pessoa vai se casar, mesmo tendo mulher com que ele teve muitos filhos, se não for realizar a cerimônia *katassa* é considerado solteiro. Porque não fez ainda a *katassa*. Enquanto que a mulher é submetida à cerimônia do *komon*. Se não fizer o *komon* é considerada criança. Se, no caso, tanto o homem como a mulher vierem a falecer sem serem realizados esses dois rituais, não terão direito a serem sepultados nos cemitérios dos adultos, vão ser sepultados nos cemitérios das crianças. Isso vai mostrar o valor ou importância do casamento e ritual do *fanado*.

A última fase é a fase de serem considerados anciões na sociedade. A partir desta idade de 40 anos eles gozam de direito e respeito na comunidade. JAO (1989).

Nestas fases etárias os Mancanhas podem ou fazem parte da organização social deste grupo, dentre essas fases surge a sua organização social, as suas normas em termos das hierarquias e estatutos que regem essa comunidade étnica. Por isso trouxemos essas fases na organização social.

No que se refere os Manjacos, apesar de não termos material suficiente para trazer sobre as suas organizações sociais, podemos constatar que eles não fogem de algumas práticas em comum com os outros dois grupos. Como por exemplo, na questão do ritual de *fanado*, casamento e na própria questão de *djorsons* em algumas partes dos subgrupos dos Manjacos, questão de hierarquias e a própria forma de tratamento da alma ou morte.

E por último, a regra social que rege a questão de herança (sucessão), quem pode e quem deve herdar de qualquer falecido.

Vale mostrar que esse grupo de Brâmes pertence à família nuclear, se organizam em grandes famílias do tipo patriarcal, que se agrupam numa casa *garande* (casa grande em crioulo), chamada também de casa de *djorson* (casa de linhagem ou de clã), desse agrupamento faz parte a união de *djorson* em termos matrimoniais que visa a construção e consolidação para não desintegrar a família. Podem ter várias casas por volta do lar da *moransa*, mas sempre tem uma *casa garandi* ou de *djorson* que vai servir como lugar de realização de cerimônias, onde deixam os cadáveres, entre outros rituais sagrados e importantes. Então esse lar serve como ligação para a realização de qualquer atividade tradicional da *moransa*. Sem esquecer que no que tem a ver com a questão da sociedade, este grupo é patriarcal e no que toca à questão de *djorson*, na questão matrimonial, a linhagem é pela parte materna. Esta sociedade também é muito forte nas hierarquias, a figura máxima do chefe é o régulo, como já falamos, essa personalidade máxima obedece a normas sucessórias do direito costumeiro do próprio grupo. É interessante mostrar também que o régulo tem o seu espaço geográfico limitado, tem o seu território, onde reina e tem os seus limites geográficos. É o régulo que decide sobre as realizações das cerimônias do *fanado* e outras cerimônias. Cabe frisar que entre os Manjacos, Pepéis e Mancanha o que mais os identifica é a questão de *djorson*, como já referimos, dentre esses há uma *djorson* nobre que tem direito de ser régulo, diferentemente da política moderna do Estado (CARDOSO 2003).

SESSÃO 4: A MORTE E A FORMA DE TRATAMENTO DO CADÁVER

A morte é uma forma em que a pessoa deixa o mundo dos vivos pelo outro mundo, nesse caso dos Brâmes, a morte é vista de várias formas, como se lida com a morte, como se trata o corpo, ou seja, o cadáver, segundo o estatuto, fase etária e sexo do/a falecido/a. Se essa pessoa morreu de morte acidental, morte normal, por feitiçaria ou outro tipo, esses grupos sabem lidar com estas questões que mencionamos. Então nestes grupos há várias maneiras de lidar com a morte. Depois da morte há uma interrelação entre os ancestrais e os vivos em termos de reverência. Às vezes os vivos e os mortos conversam através das outras pessoas, através dos objetos, sinais, sinais de perigo, fala ou outras formas. E também a morte não passa de uma simples viagem que a pessoa faz no outro mundo, segundo a concepção destes grupos étnicos. Um outro aspecto que podemos destacar aqui sobre a morte é o inquérito, ou seja, a investigação sobre a origem da morte. Mesmo sendo morte por acidente, este grupo Brâme tenta procurar saber origem da morte. Por quê essa pessoa morreu, se tem a ver com morte natural, feiticeira, Irã, ou alguém fez mal a essa pessoa ou foi a pessoa que fez contrato com *irã* e não cumpriu a promessa, o que resultou na sua morte. Há várias formas de fazer auscultação, pode ser através de *djambakús* ou o próprio cadáver do falecido, através de um objeto construído para carregar o cadáver chamado de *djogago*. Este objeto é carregado por quatro, seis ou oito pessoas. Este diz tudo a respeito da sua morte, foi natural ou causada por alguém vivo.¹³

Há outra forma de tratamento do defunto depois de morte que é chamado de *toka tchur*, que se faz de acordo com o estatuto do defunto, do papel que ele desempenhou antes da morte, se ele é régulo, tem riqueza, cumpriu ritual de *fanado* ou casamento e outros rituais como de *bapéne*, *balobeiro* etc.. Os estatutos dessas pessoas merecem um tratamento especial, e também são diferenciados os seus cemitérios.

Como já mencionamos, os Brâmes têm uma ligação muito forte com os mortos, acreditam que a alma tem um outro poder de estar presente no mundo dos vivos. Estes grupos acreditam que a morte é uma simples viagem para o outro mundo:

Esta constatação vai ao encontro da linha de pensamento e do conceito que os Papéis, Manjacos e Mancanhas têm sobre a morte e a alma. Ambos acreditam na existência de alma, a qual designa por *oach*, (Mancanhas), *wâss* (Manjacos) e *oéké* (Papéis). A alma encontra-se

11 *Djongagu* objeto feito para cerimônia fúnebre que tem como objetivo principal de saber a origem e as causas que originaram a morte de uma pessoa, a responsável pela morte
Djambakus é o curandeiro, adivinho, que trabalha com magia ou indivíduo que está ligado com espíritos, tradicional, através deles ele consegue fazer curas.

provida de grandes poderes e pode actuar tanto sentido do bem como do mal. Ela reage de acordo com a forma como os seus próximos se relacionam com ela, sendo os seus poderes e as suas vontades conhecidos apenas pelos *djambakús* (criol), *bokós* (Papéis de Tôr) e *m'sai* (Papéis de Biombo) 2. As vontades e as pretensões da alma manifestam-se nos familiares, em vida, sob diferentes formas, podendo ser doenças prolongadas, acidentes, desgraças contestantes ou ainda mortes. (CARDOSO, 2004, p.8).

Segundo estes grupos, a morte é simples viagem como já falamos, para eles quando morre uma pessoa, com o tempo ele volta a nascer encarnada numa outra pessoa, às vezes a pessoa que regressou a este mundo é reconhecida através suas ações e da própria característica comportamental e estrutura física da sua pessoa anterior, até aparecem as cicatrizes ou a voz que ela tinha antes de morrer. Todas essas características levam-nos a acreditarem que é a mesma pessoa que voltou a nascer de novo. Por isso acreditam na morte como uma simples viagem.

4.1 Os Papéis

Para os Papéis a morte não passa de uma simples viagem, a alma vai para um outro mundo e vai continuar a ter contato com o mundo dos vivos:

Os Papéis acreditam que o mundo dos mortos constitui uma réplica do mundo vivos, duplicando a estrutura social original. Quando alguém morrer a sua alma empreende uma viagem até ao universo além, onde se encontram os defuntos que ascenderam às categorias de antepassados. Estas é, digamos, a situação ideal, mas nem todos os mortos conseguem atingir essa espiração, e só alguns cumprem a viagem e entram no mundo ancestral. O destino de cada alma no além relaciona-se e reproduz, directa ou indirectamente, o que a pessoa era em vida. Existem, por isso, três conjuntos de factores essenciais para a compressão das ideias elaboradas em torno da concepção papel do que é o mundo dos mortos e das prescrições relativas aos rituais funerários: o estatuto que o defunto detinha na comunidade, as circunstâncias da morte e o bom comprimento dos ritos fúnebres. (SARAIVA, 2003, p.181/182).

Como sabemos que no contexto africano quando um homem velho ou uma mulher de idade tão avançada morre é celebrada a festa, porque esta pessoa atingiu a sua idade no seu percurso de vida e cumpriu os seus ritos de passagem necessários na sua plena integração aos seus ancestrais, antepassados ou guardiões. A morte da pessoa velha

celebrada com alegria significa que o indivíduo concluiu plenamente a sua atividade ou fase etária de vida. Por isso é celebrada a festa da sua morte tanto na sua *moransa* como na sua *djorson*. Não é necessariamente procurar a razão da sua morte, uma vez que ela atingiu a sua idade ideal na comunidade. Esse cumprimento do seu pleito das fases etárias é realizado *toka tchur* com um ambiente de festa entre família, *djorson*, amigos da família e conhecidos.

Como já tínhamos dito em relação aos Brâmes, há diversas forma de tratamento de cadáveres e também diversas formas de fazer os rituais. Os ritos funerários dos Pepéis são mais longos e importantes no que se trata do estatuto social e econômico do falecido ou da família do falecido:

Para além da idade, os ritos funerários são tão mais longos e imponentes quanto mais elevado for o estatuto social e econômico do indivíduo; os ritualistas religiosos, que detém uma posição de prestígio no seio do grupo, usufruem de rituais mais demorados e importantes. As circunstâncias da morte ajudam a definir o conceito de “boa” e “má” morte. Assim, a morte súbita de alguém ainda jovem é considerada uma “má morte”, que acarreta graves perigos para a família e a comunidade, obrigando a várias ações para se apurar a sua causa. Em qualquer circunstância, o cumprimento total e completo dos ritos funerários é indispensável para se repor a ordem social ameaçada pelo agente disfruto que a morte constitui. (SARAIVA, 2003, p.182/183).¹⁴

Entre os Pepéis há dois momentos que são classificados de choro, o primeiro momento é chamado em crioulo *tchur*, (*puma* em pepel). O segundo momento de choro, é chamado *toka tchur*. No que se trata do primeiro momento de choro, é o momento depois da morte e aliás, quando morre alguém são feitos cuidados com o cadáver, desde o embrulhamento em panos, interrogação do defunto sobre a sua morte até a sua inumação. No que se trata do segundo momento, é seguido do toque de choro, denominado em crioulo *toka tchur*. Esse *toka tchur* é traçado em toque de tambor e uma espécie de tambor chamado *bombolun* (crioulo) e *ondam* (em pepel). Esse toque de tambor misturado com *bombolun* é acompanhado com a imolação e derrame de sangue de animais, tais como: vacas, porcos, cabras, galinhas como processo de divertimento para o acompanhamento da alma do defunto no outro mundo. É de salientar que esse ritual de toque é feito depois do enterro do cadáver, pode ter sequência da cerimônia de choro, depende da possibilidade da família e também o *status* do defunto. Se for de família ou *status* importante, então a cerimônia terá sequência do toque, se for de família pobre

12 *Ondam* é uma espécie de tambor que é acompanhado com o toque de *bombolum*

ou sem estatuto importante na sociedade, pode ser deixado para outro momento em que a família tenha condições de realizar.

Nos primeiros cuidados com o cadáver é a família da mesma *djorson* do falecido ou falecida, são eles que tratam do primeiro banho do corpo, outras pessoas de outras *djorsons* diferentes não podem ver o cadáver nos primeiros momentos de tratamento, se conseguirem ver o corpo pode ser um perigo para eles e também uma vergonha para a família do falecido. Então é por isso que os primeiros tratamentos são restritos à família pertencente ao *djorson*. Se no caso o defunto passou no ritual de passagem de *fanado* e casamento, tem um tratamento mais especial do que quem não o fez. Outra questão, os *Pepéis* demoram muitos dias com cadáveres em casa, duram um período de quatro dias para os homens, para as mulheres três dias, no caso do régulo duram duas semanas, enquanto que criança dura menos de vinte e seis horas. Como tem tratamento diferente de cadáver, assim também os cemitérios são diferentes (SARAIVA, 2003). Há cemitérios especiais para certas pessoas de estatuto importante, a exemplo de régulos, *bobeiros* e também *djorsons*.

No que se refere ainda à forma do tratamento de cadáver, se for o homem que morreu, a sua mulher que tem direito de lhe fazer o tratamento ou seja, lavar o corpo. Se for a mulher o seu marido não tem direito a lavar o seu corpo nem pode participar na lavagem, segundo a tradição a mulher é muito sagrada devido a sua genitalidade, quem deve participar e lavar deve ser a sua filha ou a família que pertence à sua *djorson*, pode ser prima, filha da sua irmã. Se a pessoa for uma jovem ou criança que faleceu, devido à emoção a mãe não pode lavar o cadáver do seu próprio filho ou filha. Neste contexto eles escolhem outra pessoa pertencente à mesma *djorson* para fazer esse primeiro tratamento do corpo.

Esses são categorias que caracterizam a importância do casamento após a morte, como já tocamos nisso no item do casamento, mas podemos ver mais claro com o que Saraiva (2003) vai nos descrever:

Logo nestes primeiros rituais, há diferenças a assinalar, consoante o estatuto social da morte. Uma pessoa que não cumprir a cerimônia tradicional do casamento não tem direito à esteira sagrada, nem a ser lavada com água quente e, se for um homem, não pode ter as tangas de pele colocadas sobre o corpo. Se mulher é casada, põem-se missangas em torno do pescoço e da barriga; se a defunta tinha filha mais não era oficialmente casada, estas decorações corporais não figuram, conservando-se no corpo, como

acabamos der ver, apenas a *linha di rabada*. Os calares de missangas em torno do pescoço e da barriga simbolizam o estatuto social da mulher casada, e são os equivalentes femininos das tangas de pele de cabritos dos defuntos do sexo masculino. (SARAIVA, 2003, p.193).

Neste grupo étnico, se faz muitos embrulhamentos de panos dependendo da possibilidade da família, às vezes o cadáver atinge uma altura média de 50 centímetros. Embrulham dezenas de vezes centenas de panos. Enquanto para o embrulhamento da criança colocam uma média de três ou quatros panos.

4.2 Os Manjacos

No que se refere tratamento da morte nos Manjacos, também não passa de uma característica do estatuto social da pessoa antes da sua morte, desde da sua idade, sexo, processos ritualísticos, situação econômica. Há também algumas semelhanças entre os Manjacos de Pecixe e os Papéis de Biombo no jeito do tratamento da morte e de tratamento de cadáver. No caso da morte da mulher, são as mulheres que participam da lavagem do corpo, mas devem ser mulheres velhas. No caso do falecimento do homem a lavagem é feita por mulheres idosas, viúva, no caso desse homem falecer durante a realização do ritual sagrado de iniciação são os homens que cuidam dessa lavagem de cadáver, são eles que têm a responsabilidade de fazer lavagem do corpo, já que as mulheres não podem ver os iniciados no mato. Este subgrupo dos Manjacos mantém a prática de conservação de cadáver durante tempo igual aos seus vizinhos Pepéis, essa forma de conservação de cadáver entre os Manjacos se veria entre os subgrupos dos Manjacos. Os Manjacos de Tchur dificilmente ultrapassam vinte e quatro horas sem fazer enterrar. Enquanto os de Pecixe preservavam durante muitos dias como seus vizinhos Pepéis (CARDOSO 2004). Ainda este mesmo autor mostra que entre os Manjacos só existe essa demora de enterrar cadáver para os régulos. Quando morre o régulo, eles conseguem conservar o cadáver até o estado de putrefação, porque este cadáver do régulo precisa um tratamento especial. Ainda este autor, os Manjacos de Pecixe têm os procedimentos semelhantes aos dos Pepéis no jeito de conservação de cadáver, untam as farinhas no cadáver para não endurecer.

No que se refere a embrulhamento do cadáver em termo de panos, há algumas partes ou subgrupo dos Manjacos que têm práticas de embrulhamento de panos iguais aos Pepéis:

Nesta prática os Papéis são imitados pelos Manjacos da ilha de Pecixe ou, melhor dizendo, estes têm práticas idênticas aos Papéis em matéria de tratamento e vestimenta do cadáver. Já noutras zonas de chão de Manjaco, o tratamento de cadáver é outro e, conseqüentemente, a indumentária é outra. Apesar de se verificar a prática de se enterrar os mortos acompanhados de muitos panos pelas mesmas razões evocadas em relação aos Papéis, estes panos já não são para enrolar os corpos. Neste caso o cadáver leva o seu traje quotidiano habitual, já usado ou adquirido especialmente para o enterro. Pode ser enterrado com ou sem urna funerárias, sendo os panos ditados para o interior da sepultura ou arrumados no interior do caixão. Hoje em dia, algumas pessoas colocam marcas nos seus panos já se verificam casos em que as sepulturas foram objetos de assalto com o objetivo de se apropriar dos panos e de demais objetos com que os defuntos foram enterrados. (CARDOSO,2004, p. 18).

Por isso que dizemos que o tratamento de cadáver dos Manjacos não é idêntico em todos eles, depende de cada localidade, varia de acordo com a localidade em que eles estão. Como os vizinhos dos Pepéis de Biombo fazem igual a eles com algumas diferenças, enquanto que os outros fazem diferente.

Ainda falando da forma de vestir ou embrulhar cadáver, os Manjacos têm outras formas de vestir cadáver, sentado com os óculos escuros como se fosse a pessoa com vida, se alguém chegar lá perto que não sabe desse hábito, não vai perceber que se trata da pessoa morta, vai pensar que é a pessoa com vida. Cabe mostrar que esta prática de utilização dos óculos nos cadáveres é de quase todos os Manjacos. No que se trata da questão do enterro do cadáver nos cemitérios, se assemelham aos Pepéis. A determinação de locais de sepultamento depende do pertencimento na *djorson*.

A questão dos cemitérios não é verificada na questão de passagem do processo do ritual de iniciação como no caso dos Mancanhas, a especificação se verifica mais na questão dos régulos. Existe a classificação de cemitérios da família real e do cidadão normal, membros da mesma *djorson*. No que toca às crianças, elas não são enterradas nos cemitérios e sim nas varandas da casa ou nos quintais da família. Os adultos são separados nos cemitérios dos *djorsons*. Cada *djorson* tem seu cemitério específico igual os Pepéis. (CARDOSO,2004). No caso dos Mancanhas o ritual de iniciação influencia muito na especificação dos cemitérios, tanto para os homens, como também para as mulheres.

4.3 Mancanhas

No que se trata de forma de tratamento de cadáver dos Mancanhas, nos dias de hoje mudaram muitas coisas devido ao modernismo, ou seja, a civilização que eles adquiriram. Não há mais forma de tratamento durável com cadáver exceto o funeral do régulo. O régulo tem o seu estatuto diferencial em relação a qualquer outro cidadão comum. Antes, ou seja, há alguns anos atrás, os cadáveres dos Mancanhas duravam muitos dias. Mas, agora não ultrapassam vinte quatro horas depois da morte. Depois da morte o corpo é banhado e depois seguem os preparativos para o enterro. É de salientar que em todos estes três grupos étnicos, seus cadáveres são banhados depois da morte. Este banho é habitual nestas sociedades:

A indumentária do cadáver mancanha é muito simples. O defunto é enterrado vestido do seu traje habitual e acompanhado de muitos panos que também vão na qualidade de encomenda. É um aspecto comum a todos os grupos. A esta encomenda os Mancanha dão o nome de *ikuram*. (CARDOSO,2004, p.16).

Como já referimos, a influência do ritual de iniciação, nesse caso o *fanado* e casamento interferem no tratamento de cadáver e no enterro. Na tradição, quando morre um indivíduo eles matam uma cabra, (*upi* em língua mancanha) quando se trata de homem iniciado, que já passou por ritual de *katassa*, como já referimos em cima, ele é enterrado com a pele de cabra a fim de lhe servir como vestuário no outro mundo. Da mesma forma que acontecem com os Pepéis. Quem é casado é enterrado com a pele da cabra, dependendo de quantidade de mulheres com quem ele casou, se tiver mais de uma mulher assim se equipara a quantidade do número de peles de cabras. Enquanto que para os Mancanhas essa pele é chamada de *umpan*, em pepel é chamada de *ompam*, esse é o último objeto a ser colocado no caixão. Enquanto que os Pepéis não se enterram no caixão, os Mancanhas que não passaram nesse processo de ritual *Katassa*, não têm este dever e regalia de usufruir dessa pele, são enterrados com as roupas que usavam enquanto em vida.

Enquanto que para as mulheres o procedimento é outro, as roupas vestidas diariamente são colocadas no corpo e colocam um pano chamado em Mancanha de *ufassal* na cintura da defunta. Esse objeto de pano simboliza a mulher que tinha feito o ritual de casamento segundo as normais tradicionais. Esse ato é denominado *bdes*. Outro objeto que os Mancanhas colocam na sepultura é a esteira chamada de *kandjessam* para os casados tanto mulher como homem, isso também se verifica nos Pepéis. Quanto à questão do régulo, “O régulo mancanha tem a particularidade de ser enterrado com traje

considerado real, isso é, com manta e barrete vermelho” (CARDOSO,2004, p.17). Enquanto que as crianças são enterradas nos quintais ou nas varandas da família igual aos Manjacos e os Pepéis.

4.4 Forma de sepultura entre os Brâmes

Os Mancanhas e os Manjacos fazem suas covas ou campos de forma retangular com uma só câmara, há exceções. A primeira encontra-se entre Manjacos de Pecixe suas sepulturas são idênticas aos seus vizinhos Pepéis, são ovais com duas câmaras. Quanto aos Mancanhas, suas campos são muito simples. O defunto é vestido de traje habitual embrulhados em muitos panos que vão como encomenda para outros familiares falecidos, essas práticas como encomenda é vista em todos grupos. Esta encomenda é chamada de nome de *ikuram* (em mancanha) (CARDOSO, 2004). Seguindo este mesmo autor, as covas ou campos dos Pepéis é de forma oval e comprida. A sua profundidade é de até um metro de profundidade e depois é feito um rombo lateral de forma retangular onde é colado o cadáver.

4.4.1 Forma de manifestação de luto

No que se refere a questão de luto entre ambos grupos, podemos perceber que todos eles manifestam luto. Mas a forma de se manifestar pode ser diferente ou não entre eles. Este luto se faz quando morre um membro da família. Os Pepéis e os Manjacos de Pecixe têm muitas semelhanças em muitas coisas devido às suas proximidades, certas coisas se verificam entre ele e os Pepéis de Biombo. Entre os Brâmes se verifica o costume de raspar os cabelos da cabeça. No caso dos Mancanha, usam roupas pretas.

Cardoso, mostra que entre os Pepéis e Manjacos de Pecixe o luto é o seguinte: os filhos ou irmãos não usam quaisquer tipos de distinção de luto. O luto é manifestado pela esposa ou pela mãe. Quando morre um homem a (s) sua (s) mulheres deve (m) raspar os cabelos da cabeça. Elas fazem isso também quando perdem os filhos, esse luto é feito só para as mulheres, enquanto que os homens vivem luto apenas no seu interior. Sofrem por dentro do coração sem mostrar para ninguém.

Nos Manjacos de Pelundo, o luto é de outro jeito, os filhos do falecido e crianças fazem luto através de um corte lateral dos cabelos. Os adultos usam roupas pretas com

chapéu. Se no caso tiver alguém que pretenda fazer a sucessão, deve usar chapéu até o fim da cerimônia do enterro.

Para os Mancanha o luto é separado entre sexos, homens e mulheres:

Durante o luto, as pessoas sobre as quais recai a obrigatoriedade de abstinência não só sexual, mas também de comer carne de vaca e de cabra assim como de consumir alimentos à base de óleo de palma ou leite coalhado, usam no braço esquerdo uma corda a imitar uma pulseira à qual se ata um pedaço de pau forrado com couro de vaca da parte de nariz. A este amuleto dão o nome de *ptu* (CARDOSO, 2004, p,23).

O fim de luto é marcado no mês de setembro ou outubro conforme calendário dos Mancanhas de Bula e de Có que é diferente do calendário cristão no mês de novembro.

4.4.2 Semelhança

Há semelhança entre estes grupos étnicos, não só na questão da morte e enterro, como também nas formas de manifestação de luto e forma da vestimenta do cadáver, como se prepara as covas para o enterro, também a questão de auscultação da origem da morte através do *djongago* e a aculturação da manifestação pela morte da pessoa idosa que já cumpriu suas fases etárias de vida, cuja morte é celebrada numa festa entre Brâmes.

É bom salientar que nestes grupos em estudo, nenhum deles sepulta o defunto imediatamente após o falecimento, mesmo sendo uma morte após doença prolongada ou infecção contaminada. Há uma doença chamada cólera, que quando alguém morre desta doença o Estado obriga a comunidade a enterrar imediatamente para não contaminar outras pessoas, com exceção desta doença, não há outras que possam fazer com que o defunto seja enterrado de imediato. Mas atualmente os Mancanhas e alguns subgrupos dos Manjacos estão evitando estas práticas de demora para enterrar o cadáver. Mas não totalmente no caso do régulo, cujo cadáver demora para ser enterrado.

O que nos mais chama a atenção da semelhança entre ambos, é a questão de posição do cadáver na cova: no primeiro procedimento o cadáver é colocado na cova no sentido nascente-poente, ou seja, a cabeça é colocada do lado nascente do sol; o segundo elemento comum aparece no caso, como antigamente, das sepulturas destes três grupos étnicos serem constituídas por duas câmaras, o cadáver deve repousar na segunda. A primeira câmara é separada, uma esteira protege o contato com a terra, os objetos da

pessoa são colocados nela. Mas os Papéis e parte dos Manjacos mantêm essas práticas enquanto que os Mancanhas estão afastando dessas práticas. Terceiro elemento comum tem a ver com os panos, os seus destinos nos enterros. Segundo a tradição, essas quantidades de panos que levam para enterro ou vestimenta de corpo do falecido que as famílias, amigos, conhecidos colocam no embrulhamento de cadáver, é a forma de recomendação aos familiares, amigos e conhecidos no outro mundo, aos que já faleceram. O falecido leva essas quantidades de panos para entregar aos que já faleceram, estes panos são encomendas. Para além de que os panos colocados no embrulhamento do cadáver servem para solidarizar com a família enlutada e também servem para encomendas. Esse morto serve como portador de encomenda e mensagem para o outro mundo, ou seja, para os que já faleceram. Um outro elemento comum é o local de enterro e atribuição da importância do ritual de iniciação *fanado* e casamento, relevantes no do tipo de tratamento do corpo, local e enterro, após a morte (CARDOSO, 2004).

4.5 Forma de herança ou secessão do trono

No que se refere à questão de herança entre Brâmes, após a morte, trata-se de substituir o falecido que pertence à mesma *djorson*. Ficar com qualquer tipo de objeto, posse da terra, limárias, bens, pertencentes à pessoa que morreu. Os bens são considerados coletivos ou comuns ao mesmo clã. Não existem bens individuais e sim coletivos do clã, entre estes grupos em estudo, existem diferentes formas de se herdar, a herança é feita pelo *djorson* matriarcal e pelo lado patriarcal, por irmão consanguíneo, o paternal ou maternal, por sobrinhos. É de salientar que não é só usufruir os objetos ou bens pessoais, e também é usufruir dos filhos e mulheres do falecido. O herdeiro deve servir todos os membros da família, os filhos, mulheres e *djorson*. Tem que fazer todo mundo igual sem quaisquer tipos de diferenças, de escolher de dizer ‘esse é o meu filho ou a minha mulher’. E também todos os filhos que o herdeiro herda têm que obedecer ao herdeiro porque ele é o atual pai ou atual marido. O herdeiro toma conta de *moransa* e ele tem por obrigação fazer qualquer cerimônia para qualquer pessoa pertencente à *moransa* e à *djorson*, independentemente de ser família, filho ou mulher o essencial é cuidar deles contra malfetores. Essa pessoa herdeira é chefe, merece o respeito de todos na sua *moransa*.

Como já demos a pista um pouco sobre o que é a herança, agora vamos entrar no fogo do tema. Vamos falar da herança de cada grupo dos Brâmes, como eles fazem

herança, apesar de que muitos deles têm algo em comum e alguns são diferentes. Mas a prática é a mesma, suceder ao falecido, substituí-lo no trono da *moransa*.

O conceito de herança para os Pepéis, para este grupo, vai de encontro à noção de se beneficiar com a sucessão dos direitos sobre os bens e não dos bens em si, pois o herdeiro não é único na *djorson*. Mesmo sendo os bens coletivos ou privados, já que o indivíduo constitui o coletivo da *djorson*. Cabe frisar que quando a pessoa herda faz de conta de que um dia será herdado quando morrer. O herdeiro é responsável pela gestão dos bens comuns, mas não pode sê-lo dos seus bens pessoais, há normas jurídicas dos direitos que estabelecem as normas de gestão desses bens herdados, como as *bolanhas*, animais: vacas, porcos e cabras. Existe uma total convergência com o direito positivo nessa sociedade. Na tradição Pepel, a herança é feita através das mudanças de uma *moransa* para ir herdar na outra. Sem esquecer de que é feita através da linha materna. A sucessão é matrilinear, o filho da irmã materna, são pessoas pertencentes à mesma *djorson*. Os irmãos consanguíneos não podem ser herdados entre si. As normas tradicionais, o herdeiro legítimo é o sobrinho mais velho que tem direito de herdar do seu tio materno (CARDOSO 2003). Ainda este mesmo autor, sempre os herdeiros são os sobrinhos diretos, nesse caso matrilinear. O primeiro filho mais velho da irmã materna do falecido. Há outra exceção no caso do falecido não ter sobrinho maternal, o sucessor passa a ser o filho da sua prima, já que não tinha o sobrinho maternal. Ainda nestas mesmas condições, se não tiver o filho da sua prima, que vai sucedê-lo no trono, passa a ser escolha da *djorson*, por isso que é muito importante ter filha nos Pepéis para que quando ele tenha um substituto, não só ter filhos e sim também ter filhas, que vão gerar muitos filhos para ter *djorson* grande.

Como já falamos, os filhos não podem usufruir dos bens do pai. Mas, há alguns casos em que o filho ou filhos pode (m), se beneficiar de alguns bens do pai. A regra é a seguinte: A passagem de bens para os filhos se verifica mais nas cidades. Na tradição dos Pepéis, no caso das zonas rurais, quando um pai vai passar os bens para os filhos, isto é considerado como um prêmio que o pai deu ao filho, devido ao trabalho que filho tem feito por ele, já que os filhos não lhe pertencem, pertencem à sua mãe porque, são da mesma *djorson*. Como já falamos que, as pessoas da mesma *djorson* não se casam entre si, então, neste âmbito os bens do pai não podem pertencer aos filhos. Esse prêmio ilustra a obediência e trabalho do filho e o reconhecimento do que o filho tem feito pelo pai. Então, para premiar o filho, o pai dá presente para o filho pelo serviço que lhe prestou.

Essas doações de bens de pai para o filho, devem ser declaradas pelo filho logo ao terminar a realização do enterro, o filho se coloca perante toda a família e membros da *djorson* numa cerimônia de concentração chamada de *kuno* (pepel). Durante essa cerimônia de reunião familiar de *djorson*, o filho vai apresentar o presente de bens que ele recebeu do seu pai. E também nessa cerimônia, quem lhe deveu antes da morte deve se apresentar. E também a quem ele deveu antes da morte deve se apresentar também. Eles podem declarar que o falecido lhes deveu. Então a família e *djorson* decide se vai perdoar o devedor ou não. Quem ele deveu, o falecido deveu, também deve declarar se deve perdôá-lo ou não. Deve se posicionar se vai perdoar a dívida ou não. Isso depende mais da consciência da família do que do falecido. É a *djorson* que paga essa dívida. Depois dessa apresentação dos bens do filho, que o pai deu, ele já pode usufruir desses bens.

Cardoso (2004) traz outra regalia do sobrinho herdeiro, ao tomar trono como herdeiro pode fazer filhos com a (a) mulher (S) do tio, o falecido. A sociedade Pepel aceita essa prática. Mas a mulher não é obrigada aceitar sem o consentimento dela, se no caso ela não queira ou não está de acordo de viver maritalmente com o sobrinho do marido, ao terminar a cerimônia fúnebre ela é livre de abandonar o lar e ir procurar outro parceiro com quem ela queira viver e pode ter filhos com esse novo companheiro, ela também é livre de voltar ao lar do sobrinho quando é necessário, o sobrinho tem direito de lhe fazer tudo o que é necessário em termo de cerimônias. Não pode lhe recusar por respeito ao seu tio falecido e a mulher deve prestar alguns serviços necessário ao marido. Como apanhar água, fazer comida para ele como fazia antes com o seu ex-marido conforme a tradição. Ela deve cumprir os seus direitos e deveres com o sobrinho e participar das cerimônias quando tem e quando é necessário sem interrupção do sobrinho do marido.

4.5.1 As regras a que obedece a sucessão do trono.

Para herdar bens móveis e imóveis, são obedecidas as seguintes normas: na morte de régulo, o trono é assumido pelo sobrinho ou pela outra pessoa da mesma *djorson*, isso significa que o poder pertence a uma só linhagem, uma só *djorson* como já falamos,

sempre o trono permanece nas mãos de uma só *djorson*, que é das *djorson* nobres, neste caso os *Djagra*, em crioulo, e em *Pepel* (*Intchassu*).

Antes da sucessão, se o tio estiver em outra zona e sobrinho noutra local a regra é a seguinte:

Pode acontecer que antes da abertura da sucessão, o tio, detentor do trono, vivesse numa zona e o sobrinho ou outro potencial herdeiro numa outra. Ocorrida a morte, o sucessor ao trono deve mudar de local de residência a fim de poder assumir o poder. Este fenômeno, designado por *ndjo pia ossak* em língua *pepel*, é conhecido em crioulo por *n'na bai iarda* ou *n'na bai tem tchom*, expressões que traduzidas para o português significa 'vou herdar' ou 'vou tomar conta da terra' ou, ainda, 'vou assumir o poder numa determinada zona'. (CARDOSO 2003, p. 161).

No caso se o tio tiver muitos sobrinhos, para suceder um desses sobrinhos, ele escolhe aquele que mais gosta, ou aquele que lhe fez mais serviço, por isso que os sobrinhos tratam bem o tio muito bem para poder substituí-lo no futuro. Pode ter um benefício da sucessão. Não só a sucessão, mas também as mulheres do tio. Essa escolha é apresentada quando o tio estiver em vida. Ele vai ver os comportamentos e perfis dos sobrinhos e também a coragem de cada. Quem dos sobrinhos reúne mais condições de ser seu substituto. A questão dos bens é dividida pela *djorson*.

Vamos reforçar o que já dizemos no casamento de que não é permitido o casamento intra-*djorson*. A tradição não permite isso, porque se a *djorson* é linhagem da mesma família, da mesma origem, mesma entidade, então se o rapaz e a menina se casarem, significa que dois irmãos casam. Então, nesta base que não é permitido casamento intra-*djorson*. Outro pormenor é que a herança é matrilinear, então isso vai significar que as pessoas da mesma *barriga* se casaram, e estão usufruindo uma mesma frutona. Outra coisa é que o filho não pode herdar do pai, se no caso, na mesma *djorson* se casam, significa que o filho vai se beneficiar da herança do pai ou da *djorson* do pai.

Vamos ver o porquê de tanta proximidade entre o tio e o sobrinho, não pelo pai, por filho ou pelos irmãos. Qual a explicação para isso, que está por de trás desta relação tão próxima dos dois. Vamos ver o que Cardoso (2003) vai nos dizer sobre isso:

Certo dia, um jovem decidiu ir à caça e, tendo morto uma gazela, resolveu pregar um justo ao pai para ver qual seria a sua reação. Deixou bem guardada a sua presa e rumou para casa. Ao chegar, explicou ao pai que lhe tinha acontecido uma grande desgraça; tinha tido a

infelicidade de disparar sobre um homem, o qual confundira com um animal no meio da floresta. Cheio de medo, o pai disse-lhe que fosse procurar seus familiares mais próximos, uma vez que ele não podia acompanhá-lo. O jovem foi ter com um irmão da sua mãe, portanto seu tio, que logo se prontificou a acompanhá-lo e a ajudá-lo a enterrar o cadáver. Quando chegaram à floresta, o tio viu que se tratava de uma gazela e não um homem. Os dois juntos, tio e sobrinho, comeram a carne e levaram um bocado ao pai do jovem. (CARDOSO, 2003, p.162/163).

Essa é uma história de tanta proximidade da relação entre o tio e o sobrinho, essa história mostra a verdadeira proximidade entre tio e sobrinho, o tio mostrou prontidão de ajudar o sobrinho e proximidade com a sua irmã, não abandonou o seu sobrinho. Uma outra versão oral é que os Pepéis dizem que os filhos nunca nascem atrás da sua mãe, mesmo a mãe viajando para outro lugar o filho sempre nasce na sua frente. Quanto ao pai, o filho pode nascer por trás, ele pode viajar o filho nasce dele sem a sua presença. Por isso que há essa relação tão forte entre filho e tio materno. Assim foi a história da herança dos Pepéis com a aproximação ou relação do tio com o sobrinho.

4.5.2 Manjacos

No que se trata da herança para os Manjacos, eles não têm uma única forma de sucessão ao trono, ou seja, não é a única forma de legitimidade para usufruir de bens igual aos Pepéis. Às vezes são os irmãos uterinos, às vezes a *djorson*. Essa particularidade varia zona por zona entre os Manjacos. Para eles herdar é ficar legitimamente com algo a que alguém sucede, em caso de morte ou impedimento definitivo.

Entrando no assunto da herança dos Manjacos, como já falamos o regime varia zona por zona. No caso dos Manjacos de Pecixe, os vizinhos dos Pepéis, observam igualmente a sucessão matrilinear, mas com algumas distinções de certos bens que devem ser herdados, tal como bens moveis e imóveis. Como sabemos os bens são objetos de herança, então para eles, os critérios são partições de bens entre os sobrinhos e filhos. No caso da morte de um indivíduo, o filho que herda todos os bens móveis pessoais do pai, como casa, *bolanhas*, entre outros terrenos de cultura. Enquanto que os materiais de trabalho e o gado são herdados pelos sobrinhos, filhos de irmã uterina do falecido. Os filhos têm só direito a material pessoal do seu pai. Se no caso as *bolanhas* e casas não pertencem ao pai, mas pertencem à *djorson* então o sobrinho não tem direito de se beneficiar desses bens, já que não são pessoais e sim coletivos, da *djorson*. Esses

Manjacos de Pecixe consideram que a família próxima é a família de *djorson*, irmãos consanguíneos, ou seja, irmãos do mesmo pai, mas com mães diferentes, são considerados como pertencentes à mesma *djorson* (CARDOSO 2003).

Já nos outros Manjacos Bassarel e de Cetess, as normas são diferentes, herdeiros são os irmãos do falecido, o que é um pouco parecido com os Pepéis, as mulheres do defunto são mais objeto da herança, o sobrinho é que assume ficar com elas. Só sobrinho fica com as mulheres a partir do momento em que o tio faleceu. Elas passam a ser esposas do sobrinho herdeiro. Mas, é de salientar que não é obrigatório elas se submeterem a casar com sobrinho (CARDOSO 2003). Enquanto a Mendes (2014), mostra que, a mulher é livre de abandonar o lar do casamento depois das cerimônias fúnebres, no caso se ela tiver filhos, mesmo que seja um único filho, esse filho serve com pagamento do sangue perdido no parto, se no caso ela não tiver filho e quiser casar com outro homem ela é obrigada a pagar a família ou ao sobrinho do falecido. Enquanto Cardoso (2003) mostra que se a mulher do defunto não quiser casar com o novo marido herdeiro, ela é obrigada a pagar ou seja reembolsar todas as despesas feitas pelo ex-marido ou gastos no casamento. Ela, por sua vez, é obrigada a retribuir no caso dela não ter filho no casamento, mas se existisse pelo menos um filho, ela não teria que reembolsar os valores gastos, segundo os dois autores, o parto vale mais que tudo. Ainda Cardoso descreve que, os primeiros herdeiros são os irmãos germanos, em seguida vêm os irmãos uterinos. O processo de herança vem conforme as idades seguidas dos irmãos, o segundo irmão herda, vem o terceiro, de acordo com o número de irmãos. O primeiro herdeiro vem logo a seguir ao falecido, por ordem decrescente, os bens herdados não terão reclamações por parte dos filhos, uma vez que eles não podem herdar os bens dos seus pais.

4.5.3 Tomada de posse e/ou sucessão do trono

Como referimos, cada parte ou zona dos Manjacos tem as suas normas de herança e sucessão ao trono. Então, vamos falar dos Manjacos de Pecixe, a sua sucessão é feita por *djorson*, ao morrer um régulo, todas as pessoas da mesma *djorson* são livres de concorrer ao trono, a tradição não legitima quem tem direito de concorrer. Após os ritos e cerimônias do régulo, ocorre o período de um ano após a abertura da sucessão. Segundo a tradição essa concorrência de livre vontade para *renança*, as vontades, os espíritos

conhecidos como *djambakús* através das cerimônias onde são sacrificadas as galinhas para anunciar a indicação de quem possa ser o régulo. Ou seja, o poder é sorteado para quem vai para ao trono, se a sorte cair sobre alguém essa pessoa que vai ser o dono, é que vai passar a ser o chefe do poder, o régulo e ele passa seguir as normas que devem ser orientadas nessa ilha de Manjacos de Pecixe.

Nessa concorrência ao trono deste grupo étnico, existem famílias reais, que correspondem a duas linhagens de ‘casa grandes’ são nessas duas grandes famílias que será escolhido o régulo. Quando um vai ao trono o próximo será outra linhagem, na sequência da morte dos régulos. É de salientar que, essa sucessão é por parte de irmão consanguíneo por parte materna, no caso de ausência de irmão materno o primo vai, irmão, filho de sua irmã.

No caso de Manjacos de Calequesse há outra particularidade no que se trata a respeito da herança. O poder é separado com duas pessoas em funções diferentes, e ao mesmo tempo complementares, para além da figura do régulo que ocupa a função máxima da hierarquia de poder na sociedade, existe outra figura como já referimos, denominada de *mandjan* (em Manjacos). Nesta função, ele é que executa e controla a questão jurídica necessária para a comunidade, e também é ele que dá as orientações do régulo para a comunidade, no caso a sua morte, é aberta a sucessão para o seu lugar, qualquer indivíduo da sua *djorson* tem direito a preencher esse lugar, a primeira pessoa a se inteirar da morte é que tem direito a ficar no seu lugar.

Neste estudo da questão da herança dos Manjacos, notamos que é pouco complexo do sistema de herança entre eles. Não é a mesma ou única forma de herança, e também não é uma única forma de suceder ao trono e usufruir dos bens. Há algumas partes dos bens que ficam para os filhos e outras para as *djorsons*. Há outra forma também que percebemos, que todas as partes da família deste grupo étnico fazem parte da herança, como famílias de irmão paterno, tios, primos e filhos, sem esquecer da questão da *djorson* que é diferente no caso dos Pepéis, que pode se concentrar numa só família da *djorson*, nesse caso, da *djorson Intchassu* que é por parte de sobrinho matrilinear. E uma outra particularidade, que é bem diferente é a questão da mulher herdar, e caso ela não queira e não tiver filho é obrigada a reembolsar os valores gastos pelo ex-marido com ela na cerimônia do casamento.

4.5.4 Herança para os Mancanhas e seus critérios

No que se trata da questão da herança entre os Mancanhas, os critérios são um pouco diferentes dos Papéis e Manjacos, e também entre os irmãos de pai diferentes. Os filhos podem herdar dos seus pais e herdar suas mulheres e podem fazer filhos com elas. Há outra forma que as mulheres Mancanhas podem herdar, se no caso a morte de uma mulher, quem tem direito de herdar é a filha, que tem direito de ficar com alguns objetos pessoais dela. E há possibilidade do sobrinho herdar do tio, o que não é uma regra geral deste grupo étnico. No que se trata da sucessão ao trono, não passa de uma família real que tem direito de assumir o trono de ser régulo. E também há outros sucessores que estão junto com régulo. Há graus de hierarquia começando da população até chegar à figura do chefe máximo, que é a figura do régulo.

Na herança dos Mancanhas, no caso se o homem tiver mais de uma mulher, o primeiro filho da primeira mulher é responsável por cuidar e educar os filhos da segunda mulher, assim também o filho da segunda mulher é responsável por cuidar dos filhos da terceira mulher, assim sucessivamente, o da primeira mulher é o responsável máximo de todos os outros filhos das outras mulheres. Segundo essa prática de filho da primeira mulher cuidar das outras mulheres do seu pai, cria-se um laço de amizade entre os filhos e as próprias mulheres. Entre filhos e as mulheres, devem comer juntos numa só panela e dormir juntos numa cama, pasturar os gados e trabalhar na terra juntos. Nos trabalhos de terra ou de agricultura não se permite que o indivíduo da mesma família, ou seja, do mesmo pai e mães diferentes trabalhe separado, têm que se juntar no sentido de união. Não podem viver separados cada mãe com seus filhos no seu trabalho de agricultura. (CARDOSO 2003). Ainda falando deste mesmo autor, se o filho mais velho da primeira mulher morrer, o filho mais velho da segunda mulher vai assumir a herança do seu irmão mais velho da primeira mulher. A herança não pode ser por parte materna, só por parte paterna, sempre deve ser o filho mais velho do pai.

Há outras particularidades da herança, os bens e objeto de herança servem para todos, não podem ser esses bens para os fins pessoais, têm que ser bens coletivos:

A herança pode operar-se igualmente em função e com base nos laços de amizade existentes entre os irmãos. O herdeiro fica com todos os bens moveis e imóveis em condições bem estabelecidas. O gado, por exemplo, passa a pertencer os herdeiros sob a condição de não fazer propriedade pessoal. O gado só pode ser abatido nas cerimônias e com o consentimento prévios dos demais familiares, isto é, em casos de

extrema necessidade, como por exemplo, nas cerimônias funerárias. Neste caso, todos os herdeiros são obrigatoriamente informados, não podendo nada ser feito às escondidas. (CARDOSO, 2003, p.168/169).

Neste contexto de herança, o irmão mais velho assume a responsabilidade de todas as crianças da casa, ele passa a ser o pai dos seus irmãos, assim podemos dizer. Este novo pai passa a ser respeitado pelas crianças. O herdeiro para os Mancanha é muito sagrado. O herdeiro herda as mulheres e pode manter relação sexual com elas e também pode fazer filhos com elas, sobretudo quando as mulheres são muito jovens é um desejo para o filho, ou seja, o herdeiro. Segundo essas normas tradicionais, é assim que o defunto quer que seja. Neste âmbito, esta prática é corrente, mas estas normas não estão sendo vistas pela sociedade, principalmente pelas mulheres. cremos também que não é vista pelos filhos.

Nesse processo de herança, o filho herdeiro não pode fazer o que quer, apesar de gozar de regalias e privilégio em relação aos outros filhos, mas qualquer coisa que ele vá fazer tem que consultar a família, principalmente os seus irmãos, ou seja, seus filhos herdados, podemos dizer assim. Eles devem ser informados de tudo que se passa, informar a realização de cerimônias, não podem maltratar as crianças, com medo de que o defunto vá se sentir ofendido no outro mundo e possa vir castigá-los ou matá-los. Se o falecido não tiver filhos, o herdeiro será primo do falecido, ele que assume a herança. Mas, que deve ser pelo lado paterno, filho da irmã do falecido.

Há outra particularidade que podemos ver aqui em que a mulher pode herdar e também ela é acompanhada do irmão:

Em relação à herança, há a particularidade de, apesar de os herdeiros serem sempre homens, estes deverem ser acompanhados pelas irmãs na altura de sucessão, uma vez que há cerimônias de homens e de mulheres que se fazem em separado. Contudo, não é desta que as mulheres são herdeiras, apesar de existir esta possibilidade. As mulheres herdam nas seguintes condições. Em caso de morte de uma mulher, a herança é assumida por uma irmã consanguínea que fica, por direito, com a cama, as panelas e a mala da falecida, considerados bens principais da mulher. A cama porque, enquanto, mulher, ele deve dormir, descansar e procriar; as panelas, porque cozinhar é uma das atribuições da mulher; a mala porque é o sítio onde ele guarda artigos e bens pessoais. O resto dos bens é distribuído pelo filho e demais parentes. (CARDOSO, 2003, p.169/170).

Outra situação em que o sobrinho pode herdar do tio, que não há nas normas dos Mancanhas, mas essa é uma possibilidade do sobrinho herdar do tio. Podemos dizer é caso extremo, segundo (CARDOSO 2003):

Em Boloma, antiga capital da Guiné, um senhor, fazendo valer a sua autoridade tradicional, resolveu punir um elemento da comunidade onde era chefe, chegando ao extremo de o castrar. Tendo sido o acto comunicado às autoridades portuguesas, o autor do crime foi preso e praticamente todos os familiares a abandonaram. Nenhum dos irmãos se preocupou em tentar ajudá-lo a se livrar das grandes e a enfrentar a difícil situação em que se encontrava. É nesta circunstância delicada que um sobrinho se apresenta às autoridades coloniais dizendo que o tio estava velho e não aguentava os maus tratos, por conseguinte, ele queria ficar no lugar do tio mesmo que fosse em caso de morte conforme havia sido determinado. Ante esta determinação, o tio foi posto em liberdade, passando para o seu lugar o sobrinho que viria a ter a sorte de não conhecer a pôr como estava previsto. Após o falecimento do senhor que tinha castrado o companheiro, era quase impossível os irmãos reclamarem o direito à herança visto que o tinha abandonado na cadeia. Neste caso, o herdeiro foi o sobrinho. CARDOSO, 2003, p.170).

Durante a nossa leitura percebemos que esta prática de herança está desaparecendo cada dia, principalmente na capital e zonas rurais. Eles preferem não herdar para depois serem herdados, devido à questão dos filhos, imagine o filho não poder ter direito aos bens do seu pai. Devido às modernidades as pessoas estão deixando certas questões tradicionais ao lado e pegando as modernidades. Imagine quem nunca participou na construção da sua vida, dos seus bens, vem um dia se beneficiar desse calor na frescura. E outra coisa é irmão ser o pai dos seus irmãos, ou filho ser marido da sua madrasta. Então são estas questões que podem contribuir para o afastamento destas práticas.

4.5.5 A sucessão ao trono

No que toca à questão de sucessão ao trono, a sociedade Mancanha estabelece as condições determinada, desde *djorson*, meio econômica, ter cabeça, quer dizer que tem poder supernatural, e também sem esquecer quantidades de filhos e mulheres, propriedades de grande quantidade da terra. Nas tradições Mancanha não é definida a parte da família que deve suceder ao trono como no caso dos Pepéis e Manjacos. Nos Pepéis os sobrinhos de *djorson* é que têm direito de suceder ao trono, enquanto que nos Manjacos é parte de linhagens, *djorson*, às vezes por parte paterna, às vezes por parte materna. Enquanto para os Mancanhas a prática é outra. Há duas linhagens que são responsáveis pelo trono. Há duas localidades de heranças entre Mancanhas, herança de Bula e de Có, as formas de escolher régulo também é diferente.

Começando com os Mancanhas de C6, a conquista do trono é avaliada através da capacidade, situação econômica, a posição social, caráter do indivíduo perante a comunidade, exige homem honesto e íntegro, é capaz de fazer face à questão social em certas situações e com poder supernatural, como já falamos. Dito *alguin dibi di tene kabesa*. Esta expressão significa em português a pessoa deve ter a cabeça, poder supernatural, números de filhos, mulheres e também quantidades de cabeças de gados; todos esses aspectos são avaliados. Depois da morte do régulo o pretendente deve fazer alguns percursos em algumas localidades, com populações e também com os *irãs*.

Segundo Cardoso (2003), há duas *djorson* que se sucedem no trono:

Tal como anunciamos acima, em relação aos Mancanhas de Bula devemos salientar a existência de duas *djorson* que se sucedem de forma alternada à semelhança dos Manjacos de Jeta. São elas a dos Bami ou M'bami e a dos Medu. Os Medu são da povoação de Dingal ou N'dengal e os Bami, de Fei. Durante o período em que no trono estiver um régulo pertencente à um *djorson* dos Medu, os Bami escolhem um sucessor que se instala no mato de Biogath sem nunca poder encontrar-se com o régulo em exercício. Após a morte deste. Feitas as cerimônias, ele ascende ao trono. (CARDOSO, 2003, 172/173).

As *djorson* que se sucedem no trono do regulado de C6 são os *Dappa* e os *Kepú*. Já que o indivíduo obedece aos critérios que já mencionamos a cima, de ter cabeça, honestidade, coragem, ter muitos filhos e muitas mulheres, muitas cabeças de vacas, economia.

4.6 Estrutura social

Segundo Jao (1989) a estrutura social e as relações de poder dos Mancanhas são:

- O régulo
- O régulo-adjunto
- Os *Bandjanhãs*
- Os *Bansughãs*
- O povo

4.6.1 O régulo (*prsi*)

No que se refere o régulo (*prsi*), é a autoridade máxima na sociedade Mancanha, política, jurídica e religiosa. Desde controle da terra, os homens, os gados, são todos considerados propriedade do régulo, desde que se encontrem no seu território ou parte dos Mancanha, é ele que tutela todas estas coisas que acabamos de mencionar.

Ainda Jao (1989) nos mostra como se faz para ser régulo e como o poder é estruturado em duas *djorson*, e em que zona de Bula que o poder está localizado. Quais são as verdadeiras famílias reais para o trono:

No entanto, nem todo o mancanha poder ter acesso ao posto de régulo. O posto de régulo é reservado só a determinadas *jorson* (linhagens). Por exemplo, entre todas as *jorson* que habitam o sector de Bula, só os elementos pertencentes a quatro *jorson* podem ser régulos. Em Bula são os membros da *jorson* Bami (do bairro de Fei, e que são considerados os verdadeiros donos da tabanca) e os da *jorson* Medu (do bairro de Dingal), considerados sobrinhos dos elementos da *jorson* Bami). Como foi já dito, os elementos da *djorson* Bami são considerados os verdadeiros donos da terra (*dunus di terá*), por terem sido os primeiros a fundar um regulado em toda aquela região (em bula). Segundo os nossos informadores, entre os quais podemos indicar o homem-grande Katirona Nala (actual régulo de Bula). O fundador do primeiro regulado de Bula chamava-se Nabanga Biague da *jorson* Bami. (JAO, 1989, p.52/53).

Este autor justifica a razão pela qual os *Bami* decidiram dar poder aos da *djorson* *Medu*. Ou seja, descentralizar poder dos *Medu*. Antes de *Medu* ter poder, eram os *Bami* que usufruíam do poder, depois de reinado há muito tempo, decidiram ceder a possibilidade de dar ao seu sobrinho de Dingal, os de *Medo*. A partir daí que começou a haver a sucessão de trocas de alternadas entre os *Bami* e os *Medu* no trono do regulado. Essas são explicações que Jao nos deu sobre essas trocas de sucessão no banco do reinado.

Enquanto que a explicação do sistema de reinado de Có tem outra particularidade, mas com a estrutura de reinado de Bula e dependendo da sua política:

Em Có o sistema é o mesmo. Todavia, aquele regulado possui algumas particularidades: em primeiro lugar, é um regulado que apesar de ter todas as estruturas que tem o de Bula, depende “politicamente” deste último. O régulo de Có é escolhido pelo regulado de Bula. A segunda particularidade a indicar é que em Có existem também duas outras *jorson* que monopolizam, isso é, concentraram nas suas mãos, todo o poder. Lá só os elementos pertencentes às *jorson* Képu de Dappa é que podem ter acesso ao posto de régulo. (JAO, 1989, p.53).

4.6.2 O régulo-adjunto

No que se refere ao régulo-adjunto, é que a norma é diferente para escolha deste indivíduo, o régulo escolhe o seu régulo-adjunto, mas que não pode ser da mesma *djorson*, tem que ser da outra *djorson* que não compõe a *djorson* de *Bami*, e sim, tem que ser da *djorson* de *Medu*:

Imediatamente depois do régulo na estrutura hierárquica segue-se o régulo-adjunto. Este também tem um lugar determinado para construir as suas palhotas e viver. Só que a partir da altura em que começou a haver uma sucessão alternada entre as duas *jorson*, a que já nos referimos, o régulo-adjunto não pode ser da mesma *jorson* que o régulo. Assim, em Bula, enquanto estiver no posto régulo um elemento da *jorson* *Bami*, como acontece neste momento, o ‘sub-régulo’, ou seja, o régulo-adjunto, deve ser sempre um elemento da *jorson* *Medu*, e deve fixar-se na tabanca de *Biógat*, se for em Bula, e na *Timat*, se for em *Có*. (JAO, 1989, p.53).

4.6.3 Os *Bandjanhãs*

Os *Bandjanhãs* é uma outra estrutura de poder que não pode ser subestimada na estrutura política dos *Mancanhas*. Esta estrutura é mais moderna, é o braço direito do régulo, estes *Bandjanhãs* são escolhidos pelo régulo, são pessoas da sua confiança que vão reunir duas condições básicas: primeiro, devem ser pessoas de confiança do régulo, de determinada idade e devem trabalhar diretamente ligados ao régulo. E segundo, devem ser uma ligação entre o régulo e resto da população. Ligação entre o régulo e os representantes das *tabancas*. O régulo pode escolher de duas a seis pessoas para serem *Bandjanhãs*. Essas pessoas são bem respeitadas na sociedade *Mancanha*, porque se a pessoa quiser ter uma audiência com o régulo são essas pessoas que fazem com que este indivíduo possa ter acesso ao régulo, e quaisquer tipos de problema são estas pessoas que sabem primeiro, depois vão ao encontro do régulo para explicar a integralidade do problema. Então, todo mundo tenta procurar uma boa relação de amizade com eles para poderem ter acesso ao régulo. Porque se tiver uma briga com uma dessas pessoas, então significa que não poderá ter acesso ao régulo, eles podem dificultar o contato direto com o régulo. São como assessores do presidente da república.

4.6.4 Os *Bansughãs*

Enquanto que o grupo *Bansughās*, são representantes do régulo em diferentes zonas, *tabancas*, as suas autorias são nas localidades onde residem, são eles que distribuem as terras e lugares sob controle, resolvem problemas internos dos seus locais, são prestadores de conta ao chefe máximo.

4.6.5 O povo

O povo é a classe baixa da sociedade Mancanha, que não tem nenhuma regalia, mesmo os bens pessoais não podem usufruir. Antigamente, todos os bens pessoais da população eram considerados do régulo, tais como animais cabras, vacas, porcos, os donos não podiam fazê-los seus. Se o dono de qualquer animal precisasse dele para fazer cerimônia tinha que avisar para o régulo, se o régulo autorizasse ele podia pegar e se o régulo não autorizasse ele não podia. Mas, se o régulo quisesse qualquer animal, vaca, cabra ou porco, podia pegar sem consentimento do dono. O dono não podia reclamar. (JAO, 1989).

Esse é um apanhado sobre a herança dos Mancanhas, há várias regalias e separação de poderes na sociedade Mancanha de acordo com a estrutura social, forma de concorrência ao cargo de trono e como se faz a herança. Podemos ver que a estrutura da *djorson* não tem tanta força na questão de herança, a *djorson* se verifica mais na questão do trono para ser régulo. Daí que as duas *djorsons* têm concorrência para o banco de trono, antigamente era uma única *djorson*, mas depois foi cedida a outra *djorson* que é do sobrinho, o legítimo, ou seja, a família real. Vimos também a participação das mulheres na questão da herança por parte dos pertences da sua mãe e também no acompanhamento do seu irmão na herança.

4.7 Reflexões

Durante o nosso trabalho percebemos através das leituras feitas, que há vários elementos comuns entre os Brâmes, apesar de pouca diferença, mas podemos constatar essas diferenças com a questão geográfica, mesmo num mesmo grupo étnico existem diferenças quanto à questão geográfica que acabamos de referir. Segundo as explicações dos autores, antes havia um único grupo, não tinham as ramificações, ou seja, eram os

Brâmes, só veio a se subdividir em três grupos depois da chegada dos portugueses. Por isso talvez eles têm algumas práticas idênticas, como no caso da língua, ritual de *fanado*, casamento, forma de tratamento de cadáver, manifestação de luto, *toka tchur*, questão de *kansaré*, herança e outros assuntos não mencionados aqui que são idênticos a entre eles. As regras podem ser diferentes, mas as práticas são as mesmas.

Como já referimos há pouco sobre algumas práticas idênticas entre ambos, há outras ideias que eles têm, a crença sobre existência da alma no outro mundo, ela tem um poder muito grande depois da morte do indivíduo. Outros elementos a destacar sobre as características etnoculturais, são os seguintes: o primeiro tem a ver com a orientação do cadáver no sentido do sol nascente, ou seja, a cabeça é colocada no lado do nascimento do sol. E o segundo elemento tem a ver com a questão da sepultura e hoje está sendo deixado de lado. Entre os Pepéis, em alguma parte dos Manjacos e os Mancanhas, antigamente, as sepulturas eram de duas câmaras, devendo o cadáver repousar na segunda, separada da primeira por uma esteira para protegê-lo da terra. Os objetos pessoais e outros eram colocados na primeira. Um outro elemento é o destino dos panos com que as pessoas são enterradas, como já falamos que quando a pessoa dá pano para a vestimenta ou embrulhamento de cadáver, esses panos vão para os familiares que já morreram ou faleceram. Os panos têm destino final para os parentes falecidos. Então, o defunto é transportador destes panos para familiares falecidos. É transportador de encomenda e mensagem para o outro mundo.

Uma outra particularidade que podemos constatar aqui é local dos enterros, segundo Cardoso (2004), o local de enterro tem a ver com os régulos e os feiticeiros, essas duas personalidades são fundamentalmente diversas funções que desempenham. Os régulos têm funções mais importantes, têm um tratamento mais especial bem diferenciadas e os cemitérios específicos, enquanto que as pessoas consideradas feiticeiras são enterradas sem quaisquer tipos de respeito, os cadáveres são simplesmente jogados nas covas e ramos de plantas e de arbustos espinhosos (CARDOSO 2004).

Uns outros elementos que não podemos deixar de lado é questão de *djorson*, quase todas suas totalidades, a linha sucessória ocorre por parte de matrilinear, os indivíduos da mesma *djorson*. Estas *djorson* são considerados de pertença de barriga, os bens são destinados para o coletivo. Em alguns existem bens coletivos e bens individuais,

No que se alega da questão geográfica, os Papeis, principalmente os de Biombo e os Manjacos de Pecixe e de Jeta, os herdeiros legítimos devem ser os sobrinhos, enquanto que os Mancanhas, os Manjacos de Canchungo, Catess e os de Basserel são os irmãos. Estas explicações podem ser as razões de ordem geográfica como já referimos. Esta questão geográfica contribui nessas diferenças de práticas culturais e religiosas. Fator importante que une encontros da família é casa *garande* (casa grande). Um outro regime que referimos, são as condições de ser régulo, ou seja, a avaliação das condições de sucessão, em primeiro lugar tem a ver com o aspecto econômico, material e aspecto social e por último, com o fato de ter poder supernatural, que estas sociedades dizem ter *tene kabesa*, homem poderoso.

No que se toca a questão de *bolanhas* e outros terrenos de agricultura, animais domésticos, quantidade de filhos e mulheres, são considerados riquezas. A riqueza desta sociedade ou destes grupos, não é riqueza de bens materiais, ou seja, bens da modernidade e sim bens tradicionais, os bens tratados aqui não se traduzem por quem tem muito dinheiro, muitos carros. Quem é rico é quem tem esses bens que acabei de mencionar há pouco. Estes bens são cobiçados por pertencentes à *djorson*. Às vezes esses bens tornam-se problema entre membros da *djorson* e filhos do falecido. Conflito entre o Estado e poderes tradicionais sobre as terras e as próprias leis do Estado e da tradição entram em choque, devido às normas do Estado não corresponderem às normas tradicionais, no que toca a questão da sucessão dos bens. Para o Estado os bens pertencem aos filhos ou família legítima, pai mãe e filhos. Enquanto que nas leis tradicionais os bens pertencem à *djorson*. Então, esses são problemas que geram desentendimento entre esses dois órgãos.

CONCLUSÃO

Este trabalho tem como objetivo principal compreender os três grupos etno-linguísticos da Guiné-Bissau, neste caso os Brâmes: Manjaco, Pepel e Mancanha, as suas práticas religiosas tradicionais, práticas culturais e suas normas para a realização de suas cerimônias ritualísticas.

A escolha do tema deve à necessidade de conhecer de perto as normas tradicionais que regem os sistemas sociopolíticos destes grupos étnicos, desde *fanado*, casamento, sistema de herança ou sucessão e ritos funerárias. Perante isso, saber qual é a importância de realizar esse ritual e dos riscos de sua não realização, que poderá eventualmente causar impacto após a morte.

A principal questão teórica deste trabalho é a etnolinguística, tradição, ritos e outros temas tais como casamento, ritos de passagem ou iniciação, tribo, nação e sociedade, que foram analisados a partir da questão principal.

O material aqui trabalhado ou analisado foi coletado através das leituras feitas de artigos, teses, livros, da revista Soronda de estudos guineenses, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), entre outros materiais coletados, que nos ajudaram a compreender este tema. O trabalho foi feito no período de abril de 2018 a fevereiro de 2019. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa.

Uma das principais razões que motivam as práticas tradicionais destes grupos em estudo é seguir as normas tradicionais dos seus ancestrais e também para que as suas almas descansem em paz no outro mundo. Eles acreditam que existe a vida no outro mundo e também a questão de *djorson* é muito importante na representação da sociedade destes três grupos étnicos. Perante estes rituais ou cerimônias, se representa a dignidade de um estatuto importante nos Brâmes, sem esses ritos de passagem o indivíduo não é considerado merecedor de qualquer tipo de respeito, sem dignidade e também motivo de vergonha para a tradição ou para família e *djorson*, quando ele morrer, sem ter direito à realização de algumas cerimônias, que evidenciam um *status* importante perante a sociedade. Isto inclui a forma de tratamento da cerimônia fúnebre após a morte. Não terá um tratamento especial igual a quem cumpriu esses ritos de passagem. E também não pode participar ativamente dos momentos decisórios da família e da comunidade.

Reconhecemos que hoje em dia na Guiné-Bissau, há muitas práticas tradicionais culturais e étnicas que estão sendo negligenciadas, ignoradas, como sendo coisas dos diabos ou práticas inúteis, mas percebemos que há algumas práticas vivas e integrantes destas etnias, como o casamento tradicional e a prática de *fanado*, encarados como sendo um ato de respeito aos ancestrais. Mas há outro choque entre a tradição e a religião evangélica e os muçulmanos, mas não deixa a maioria destes grupos de fazer suas práticas tradicionais normais.

Nestas formas de tradição há uma denominação marcada para distinguir os que já cumpriram estas práticas tradicionais dos que não passaram por esses ritos. Quem fez o ritual de *fanado* é chamado de *lambe* em crioulo e quem não fez é chamado de *blufo* também em crioulo, uma coisa podemos perceber aqui é que mesmo tendo muitos filhos, se não passar nos processos ritualística a pessoa não é nada perante estes grupos étnicos.

Para os Pepéis se a pessoa não se casar tradicionalmente, mesmo tendo muitos filhos, estes filhos podem não pertencer aos pais biológicos. Há também separação de lugares de enterrar os cadáveres. Também, assim como é considerado usar alianças, eles consideram a família, alguns consideram família matrilinear parte da *djorson*.

Perante nossas leituras e análises destes três grupos étnico, percebemos que muitas coisas mudaram principalmente na questão da sucessão de bens para os outros, ou seja, por *djorson*, que atualmente não é tão vista como antigamente. No caso dos Mancanhas, os filhos mais velhos herdarem dos pais está diminuindo por ser mal visto pela própria sociedade. A própria questão tradicional não está sendo mais tão rígida como antigamente, porque os autores tradicionais não têm tanta força para fazer que as suas leis sejam cumpridas, devido à questão do Estado, as leis do Estado contrariam as leis tradicionais. Deste motivo, há perda de legitimidade cada dia, por parte dos autores tradicionais. Esses régulos não estão sendo tão respeitados como antes, algumas pessoas preferem respeitar o administrador, governador, ministros, presidente, em vez de respeitar um régulo.

Conclui-se, a partir do estudo dos Brâmes, que *fanado*, casamento, sistema de herança e ritos fúnebres, são de extrema importância na vida da sociedade destes grupos étnicos guineenses, porque somente depois de terem participado dos rituais tradicionais é que os indivíduos podem se sentir mais completos, dignos, mais bem-sucedidos na sociedade, com um *status* mais útil, sagrado, ou seja, como cidadãos plenos, com deveres e direito de participar em qualquer atividade ou em quaisquer rituais sagrados.

É importante para nós valorizar as nossas práticas tradicionais, há muitas coisas para aprender e também há algumas práticas para deixar de lado. A sociedade está em constante mudança, vamos aproveitar o que é bom e deixar de lado o que não é bom. Há muitas coisas que não estão de acordo com a nossa realidade, neste caso refiro-me à Constituição da República da Guiné-Bissau, há muitas coisas que não correspondem às leis de poderes tradicionais. Esta constituição é mais para leis ocidentais, cópia do modelo português. Por isso, muitos têm muita dificuldade de cumprir o que não está perante a nossa sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné-Bissau: Filosofia e Sabedoria.** In: Ministério da Educação. 1989.

CARDOSO, Leandro, **Os Brâmes: Da morte ao enterro.** Soronda. Nova série, n° 8 junho 2004. P,7-28.

Sistema de Herança entre os Papéis, Manjacos e Mancanhas.
Soronda. Nova série, n° 6 jul. 2003. P, 147-178.

CANDE MONTEIRO, Artemisa Odila. **Guiné Portuguesa Versus Guiné-Bissau: A Luta da Libertação Nacional e o Projeto de Construção do Estado Guineense**. In: Salvador 2013.

CHICHAVA, Sérgio. **Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique**. Abril de 2008.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Fundação Getúlio Vargas (FGV). Instituto de Documentação. 2.ª edição. Rio de Janeiro – 1987.

DJALÒ, Tchernò: **O Mestiço e o Poder**, Identidade, Dominações e Resistências na Guiné. 2.ª Ed. Lisboa: Veja, 2013.

GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro. **ONTEM M'PILI (MENINA), HOJE NEGUINE (MULHER CASADA): A PERCEPÇÃO DAS MULHERES DA ETNIA PAPEL SOBRE O CASAMENTO TRADICIONAL (K'MARI) NA GUINÉ-BISSAU**. 2017. 48P. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) UNILAB, Redenção/CE, 2017.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo horizonte 2014.

HAMPÂTÉ Bâ, Amadou. **A noção de pessoa na África Negra**. Tradução para uso didático de: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *La notion de personne en Afrique Noire*. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). **La notion de personne en Afrique Noire**. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvin Ferreira Medeiros

JAO, Mamadú. **Estrutura “Política” e Relações de poder entre os Brâmes ou Mancanhas**. Soronda. n. 8 jul. 89. P, 47-61.

Origem Étnica e Migração entre os Mancanha da Guiné-Bissau. Soronda, revista. Nova série n. 6 jul. 2003. P, 107-119.

KOUDAWO, Fafali. **Educação e sociedade na África pré-colonial**. Soronda. Nova série. n. 12 jul. 91. P, 61-67.

MENDES, Paulina. **Entre os “saberes Locais” e o “Saber Universal”:** A Modernização das Comunidades Manjaco e a Mandjização do Estado na Guiné-Bissau. Universidade de Coimbra. 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

NAMONE, Dabana, **A Luta Pela Independência Na Guiné-Bissau e Os Caminhos do Projeto Educativo do PAIGC: Etnicidade com problema na construção de uma identidade nacional**. In: Araraquara – S.P. 2014.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisa em administração**. Catalão. UFG, 2011.

PINTO, Paula, **Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau: Uma Perspectiva Interpretativa do Subdesenvolvimento**. Porto, Outubro de 2009.

RENAN, Ernest. **O que uma não**: conferência realizada na Sorbonne. Março de 1882.

RODOLPHO, Adriane Luisa. **“Rituais, ritos de passagem e de iniciação”**: uma revisão da bibliografia antropológica. SD.

SARAIVA, Maria Clara. **Rituais Funerários entre os Papéis da Guiné-Bissau (parte I)**. Soronda. Nova série n. 6 jul. 2003, p.179-210.

_____. **“Rituais Funerários entre os Papéis da Guiné-Bissau (parte II)”**. Soronda, nova série, nº 6. 2003. P, 109-133.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares: **As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**. Belo Horizonte, 2010.

SUBUHANA, Carlos. **A Circuncisão Como Rito de Passagem na Problemática da Cultura Moçambicana: Os Casos da Cultura Yao e da Igreja Católica (inculturação)**. 2001. 131 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia) – IFCS/PPGSA/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

WAMALA, Edward. **GOVERNO POR CONSENSO: UMA ANÁLISE DE UMA FORMA TRADICIONAL DE DEMOCRACIA**. In: WIREDU, Kwasi (ed.). *A Companion to African Philosophy*. Malden, Oxord, Victoria: Blackwell, 2004, p. 435-442. Tradução para uso didático por Luan William Strieder. Disponível em <http://www.africa-turismo.com/mapas/guine-bissau.htm>. Acesso em 09 de outubro de 2018. Pelas 11:37. Disponível em <http://www.guine-bissau.tv/2015/02/mapa-politico-guine-bissau.html>. Acesso em 09 de outubro de 2018, pelas 13:00.